341

DOM PEDRO II

Viagem a Pernambuco

EM 1859

Cópia, Introdução e Notas de Guilherme Auler

SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA
ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
RECIFE, 1952

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

DOM PEDRO II

Viagem a Pernambuco

EM 1859

Cópia, Introdução e Notas de Guilherme Auler

SECRETARIA DO INTERIOR E JUSTIÇA
ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL
RECIFE, 1952

Ilustrações de M. Bandeira

Ao Francisco Marques dos Santos, com a velha estima do Queiroz.

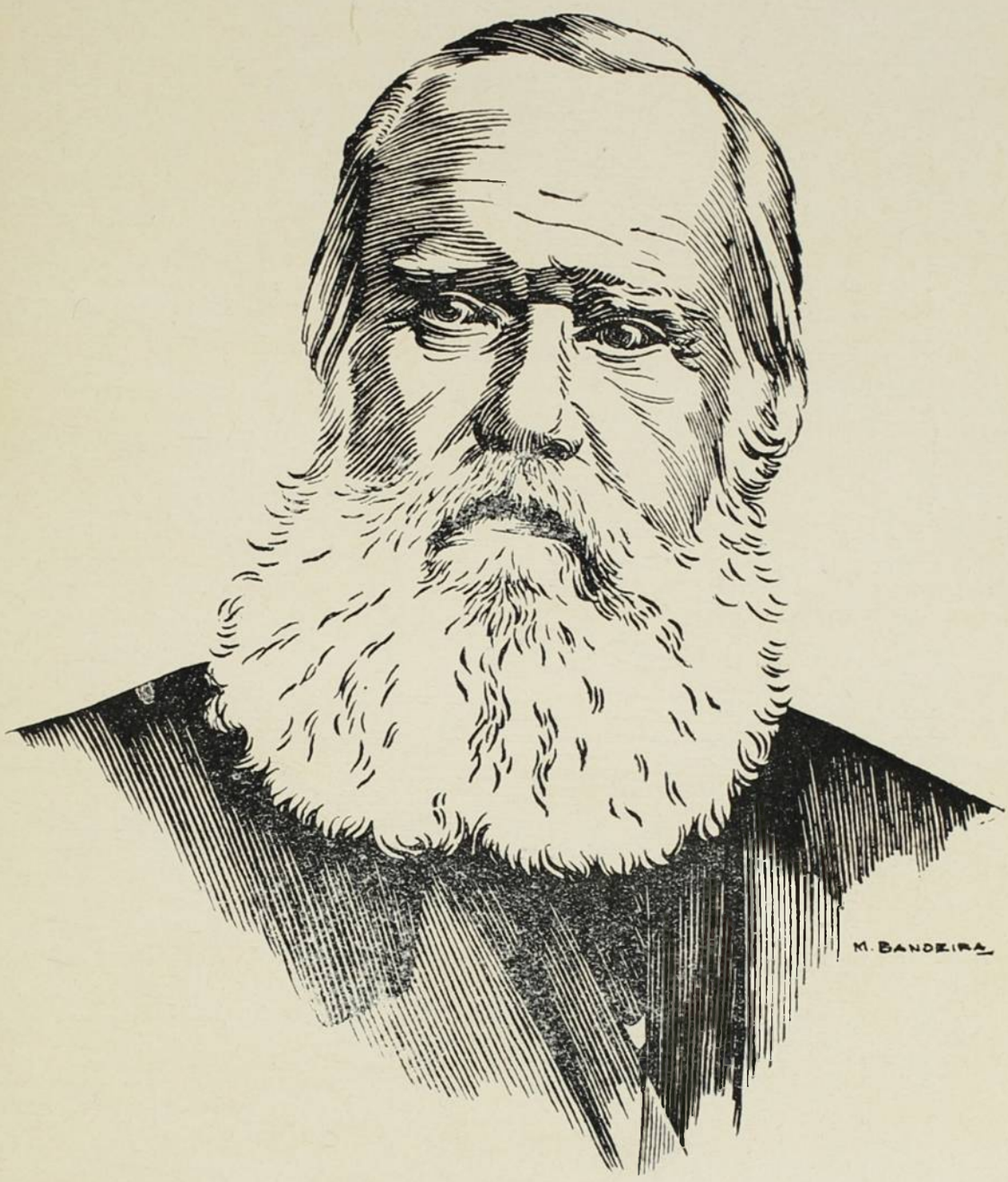
Rio, 7-7-52

Diário inédito — Arquivo da Casa Imperial

Documento n.º 1057 (Museu Imperial — Petrópolis)

De 19 de novembro a 23 dezembro de 1859

SEPARATA DA REVISTA DO
ARQUIVO PÚBLICO N.º 7 E 8 - 1952



Dom Pedro II em 1891

Desenho de Manuel Bandeira

(cópia fotográfica!)

INTRODUÇÃO

DE

GUILHERME AULER

INTRODUÇÃO

No Arquivo da Casa Imperial, em tão boa hora transportado do Castelo d'Eu para o Museu Imperial de Petrópolis na parte referente aos manuscritos sem data — o denominado catálogo B — encontramos o maço XXXVII, n.º 1957, com a seguinte explicação do organizador do Arquivo: "Dom Pedro II — Notas e fragmentos e diários — Em 35 cadernos do punho de Dom Pedro II." *(Vide* Anais *da Biblioteca Nacional, volume LV, pg. 478).*

Ao examinarmos os cadernos do Imperador, qual não foi a nossa surprêsa ao depararmos com um, em grande formato (32 x 22 centímetros), tendo na capa escritas as seguintes palavras: "N.º 2 — 1859 — Diário". *Tratava-se do* Diário *de Dom Pedro II, desde a partida da Bahia em 19 de novembro de 1859 até o fim da sua estada em terras pernambucanas, em 23 de dezembro do mesmo ano.*

A importância do manuscrito, 78 páginas escritas a lápis em letra miúda e nervosa, algumas vêzes até indecifrável, assume proporções extraordinárias, pois tudo nêle está inédito, além de revelar as impressões do soberano não só sôbre o Recife e seus subúrbios como as principais cidades do interior, Olinda, Goiana, Igaraçú, Itamaracá, Cabo, Serinhaém, Rio Formoso, Tamandaré, Vitória e Escada.

Um pormenor decisivo contribui para realçar o valor da divulgação dêsse Diário. A melhor biografia aparecida até hoje é sem dúvida a "História de Dom Pedro II" (Brasiliana, 3 volumes, volumes 133, 133-A e 133-B, 1938, 1939 e 1940) da autoria do Ministro Heitor Lira, trabalho benemérito, baseado inteiramente em fontes e manuscritos do Arquivo da Casa Imperial. Pois bem, o Ministro Heitor Lira, que estêve no Castelo d'Eu de 1931 a 1933, exclusivamente copiando e consultando manuscritos, não faz a menor referência aos Diários do Imperador que registram as impressões da célebre viagem às províncias do Norte, em 1859. O Autor, tratando da estada em Per-

nambuco — 1.º volume, páginas 374 a 378 — limita-se a citar como fontes as "Viagens de Dom Pedro II", por Rodolfo Garcia e as "Memórias da viagem de Suas Majestades Imperiais", tomo II.

Não estaria ainda concluído o Inventário do Arquivo? Hipótese inadmissível, pois a parte B onde se acha classificado o maço XXXVII, sob o número 1057, está datado de 24 de maio de 1930. Teria o Príncipe do Grão Pará reservado êsse Diário *para um trabalho futuro sôbre as viagens do seu augusto avô?*

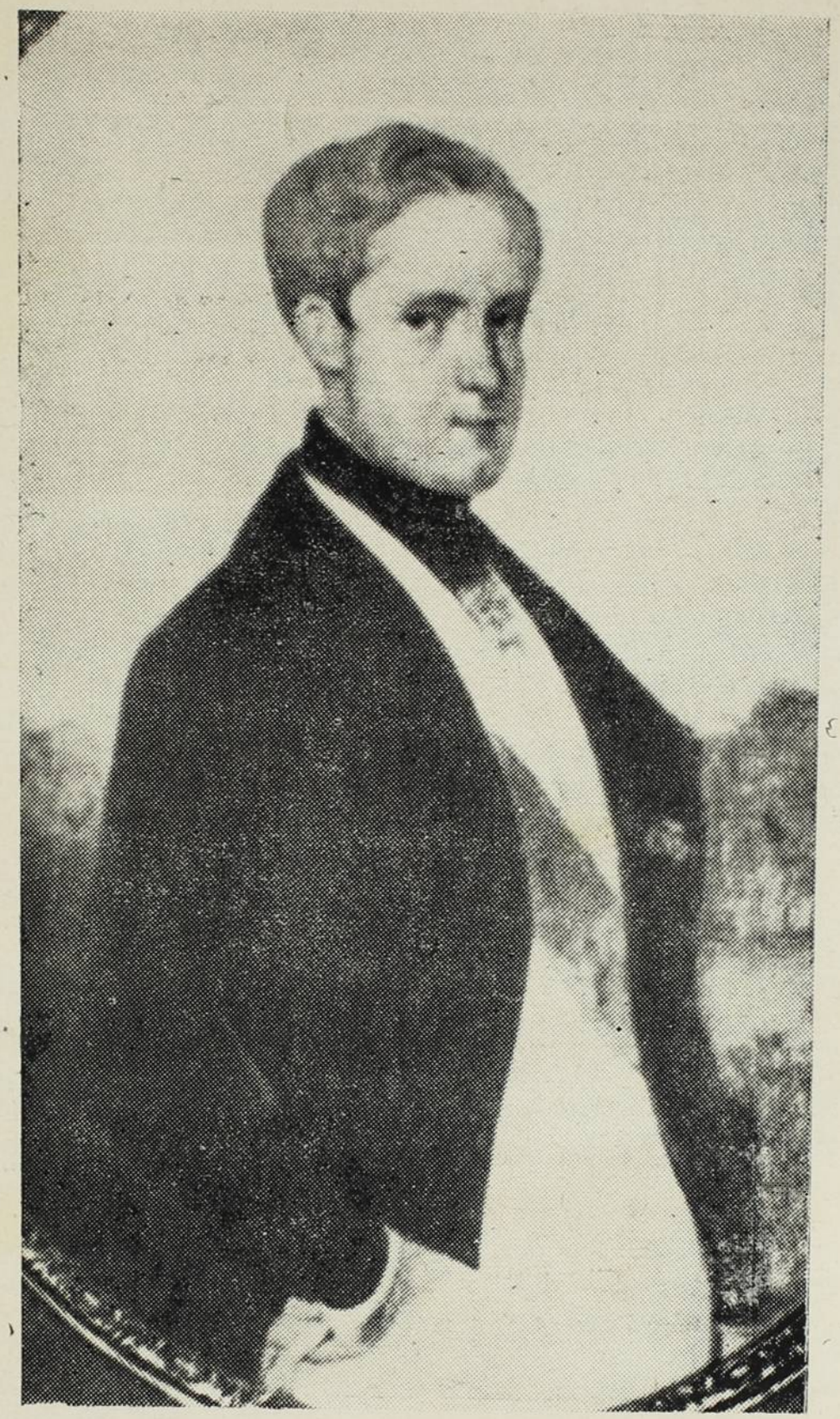
Se essa tiver sido a intenção do primogénito da Princesa Dona Isabel, aqui estamos cumprindo a sua vontade.

Partiram Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina, do Rio de Janeiro, em 1 de outubro de 1859, no navio "Apa", que tinha a seguinte oficialidade: Comandante — Capitão-de-Mar-e-Guerra Francisco Pereira Pinto; Oficiais — Capitão-de-Fragata José Secundino Gomensoro; Capitães-Tenentes João Carlos Tavares e Francisco Edwiges Brício; 2.º Cirurgião Dr. Propício Pedroso Barreto de Albuquerque.

A comitiva imperial compunha-se de: Camarista — Visconde de Sapucaí; Veador — Conselheiro Luís Pedreira do Couto Ferraz; Guarda-Roupa — Conselheiro Antônio Manuel de Melo; Médico — Dr. Francisco Bonifácio de Abreu; Mordomo — Dr. Antônio de Araújo Ferreira Jacobina; Capelão — Cônego Antônio José de Melo; Dama da Imperatriz — D. Josefina da Fonseca Costa; Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império — Conselheiro João de Almeida Pereira Filho; Oficial-de-Gabinete — Dionísio Antônio Ribeiro Feijó.

Uma esquadrilha imperial, composta da Fragata "Amazonas", da Corveta "Paraense" e da Canhoneira "Belmonte", sob comando do então Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa (futuro Marquês de Tamandaré), comboiava o navio "Apa".

A Fragata "Amazonas" tinha a seguinte oficialidade: Comandante — Capitão-Tenente Teotônio Raimundo de Brito; Primeiros-Tenentes — Silvino José de Carvalho Rocha, Bonifácio Joaquim de Santa Ana, José Manoel de Araújo Cavalcanti de Albuquerque Lins, Henrique Francisco Martins; Guarda-Ma-



Dom Pedro II em 1846
Oleo de João Maurício Rugendas
(Coleção Palácio Grão Pará, Petropolis)

rinha José Carlos Palmeira; Capelão Pe. João de Santa Presciliana Melo; 2.º Cirurgião Dr. Francisco Henriques da Costa.

A oficialidade da Corveta "Paraense" era: Comandante — Capitão-Tenente Delfim Carlos de Carvalho; Primeiros-Tenentes Joaquim Guilherme Melo Carrão, Pedro Ferreira de Oliveira, João Evangelista Cordeiro de Araújo Lima; 2.º Cirurgião Dr. Ermelino César da Silva.

E a Canhoneira "Belmonte" estava comandada pelo Primeiro-Tenente Antônio Carlos de Mariz e Barros e tinha a seguinte oficialidade: Segundo-Tenente João Antônio Alves Nogueira, Guarda-Marinha Frederico Guilherme Lorena; 2.º Cirurgião Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá.

O Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa, Comandante da Esquadrilha Imperial, estava acompanhado do seu secretário Primeiro-Tenente Antônio Marcelino da Ponte Ribeiro, e do seu ajudante-de-ordens Primeiro-Tenente Manuel Carneiro da Rocha. Todos viajavam no "Apa".

A chegada à cidade do Salvador foi no dia 6 de outubro. A 12, o Imperador realizou a sua almejada excursão à Cachoeira de Paulo Afonso, estando de regresso à capital bahiana no dia 26. E a 19 de novembro partiam para o Recife.

É fácil imaginar-se a repercussão da visita do Imperador e da Imperatriz, a Pernambuco. O então Presidente da Província Dr. Luís Barbalho Muniz Fiúza (mais tarde Barão de Bom Jardim) logo nomeou uma comissão para tratar dos preparos e ornamentação do Palácio, onde se hospedariam tão ilustres visitantes. A comissão foi a seguinte: Comendador João Joaquim da Cunha Rêgo Barros (futuro 3.º Barão de Goiana), Henrique Marques Lins (futuro Visconde de Utinga), Manuel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque (futuro Barão de Muribeca), Antônio de Souza-Leão (futuro Barão de Morenos e José Antônio de Araújo (futuro Visconde do Livramento).

A tradição de luxo e bom gôsto dos pernambucanos, mais uma vez, foi confirmada. Dom Pedro II chegou mesmo a exclamar: "O Palácio está muito bem arranjado, apreciando sobretudo uma excelente banheira; ao pé da casa também me prepararam um banheiro no rio; mas por cautela não vou tomar banho lá".

Recordando o mobiliário dos Palácios de São Cristóvão e de Petrópolis, seja por informações de estrangeiros, pelos inventários da Mordomia da Casa Imperial ou pelos catálogos dos leilões realizados após a república, uma conclusão se impõe: os pernambucanos receberam o Imperador e a Imperatriz num ambiente de igual ou superior confôrto, luxo e bom gôsto.

Vale a pena transcrever a descrição feita do Palácio pernambucano, no volume "Memórias da viagem de Suas Majestades Imperiais" (Rio, 1862, pgs. 15 a 18), embora a leitura para alguns seja um pouco extensa, mas nem por isso de incalculável valor documentário de uma época que criou uma civilização, onde predominavam os elementos positivos hoje tão admirados, como porcelanas brasonadas, cristais, prataria, mobiliário, jóias, etc. etc.:

"**PAÇO IMPERIAL** — O palácio está situado no extremo do norte do bairro de Santo Antônio, a que antigamente se chamou — Mauricéia — e forma uma como península na junção dos rios Capibaribe e Beberibe. No ponto em que está, e para todos os lados, goza duma vista sobremaneira agradável. Fica-lhe ao norte a cidade Nova ou Santo Amaro e Olinda; ao leste a barra, e a oeste o bairro da Boa-Vista.

"Sobe-se para o palácio por uma grande escada, em que vêm bifurcar-se outras duas, que levam à entrada superior. Os degraus estavam cobertos de tapêtes e os corrimãos estufados com veludo escarlate.

"O primeiro salão, chamado de espera, estava arranjado com tôda a simplicidade, sendo sua mobilia de nogueira, e seus únicos ornatos um lustre de cristal, e alguns vasos de porcelana. O chão era esteirado.

"O segundo salão, dito de recepção de S.M. o Imperador, era guarnecido com trastes de jacarandá primorosamente entalhados, vasos etruscos, e dos Médicis, lustres e candelabros, e tinha o chão atapetado.

"O terceiro salão, destinado para gabinete particular de S.M. o Imperador, tinha móveis à Luís XIV; um riquíssimo relógio de cristal, de mui alto valor; jarros também de cristal e vasos etruscos, e uma secretária para uso de S.M., sendo o chão igualmente atapetado.

"O quarto salão, câmara de dormir de S.M. o Imperador, tinha dois tremós dourados de muito gôsto e riqueza, um suntuoso leito de jacarandá coberto com uma colcha e rodapé de cetim celeste, bor-

dadas ambas estas peças a ouro fino; os mais móveis eram de mogno, inclusive dous belissimos guarda-roupas.

"O quinto salão, câmara de dormir de S.M. a Imperatriz, tinha um magnifico leito de pau-cetim, com coberta de cetim escarlate, bordada à chinesa de ouro e retrós; dois ricos guarda-vestidos de jacarandá com grandes espelhos, um toucador da mesma madeira belamente entalhado, com dois candelabros de cristal emoldurados em ouro, e um genuflexório também de jacarandá coberto de veludo escarlate.

"O sexto salão, destinado para toilette de SS. MM., tinha dois lavatórios com bacias e jarros de prata, e dois guarda-vestidos. Dividia-se êste salão em duas partes, uma onde estava uma banheira de metal dourado com torneiras de prata para água quente ou fria, e a segunda pròpriamente para toucador. O chão era forrado de oleado.

"O sétimo salão, camarim de S.M. a Imperatriz, era um daqueles em que se havia reunido mais graça e bom gôsto. Os móveis eram de charão da índia, e o piano era à imitação do mesmo charão, tinha teclas de madrepérola e tartaruga com embutidos dourados. Havia ali também uma costureira, uma escrevaninha, uma poltrona de sêda verde com flores encarnadas, um par de castiçais de ouro, um relógio em forma de globo, e uma imensa variedade de perfumarias e curiosidades. Existia neste salão um quadro da família imperial. O chão era coberto com uma bela alcatifa.

"O oitavo salão, que era o de jantar, estava preparado com muita elegância. Tinha uma mesa elástica de vinhático para 45 talheres, e à frente desta e atravessada, uma outra para dois, reservada exclusivamente para os Augustos Hóspedes.

"Sôbre as toalhas de finissimo linho adamascado avultavam seis serpentinas de prata de perfeito trabalho e requintado gôsto, com grandes mangas de cristal. Nos extremos da mesa viam-se dois ananases de ouro perfeitamente imitados ao natural.

"No centro da mesa estava um rico fruteiro de prata, em cujas salvas havia doces secos da mais refinada perfeição, no cimo do qual estava a figura dum índio apontando com uma das mãos a palavra — constituição — escrita numa bandeira que empunhava na outra.

"Grande cópia de belissimas garrafas de cristal, contendo profusa variedade de vinhos exquisitos, enchiam as mesas; de mistura com aquelas, e como servindo de belissimo ornato, havia abundância das melhores frutas do país, de doces, etc.

"Chamava sôbre tudo a atenção um grande fruteiro de prata, que estava no centro da mesa imperial, o qual constava de quatro planos

além da base, dispostos horizontal e paralelamente, formando todos uma como pirâmide cônica, e cheios os seus diferentes pratos de frutos e flores artificiais, de sublime imitação. No 1.º plano avultavam quatro indios sustendo cada um dêles um estandarte nacional; no 2.º plano, anjos de asas douradas repousavam como adormecidos sôbre conchas também douradas; no 3.º plano havia mais quatro anjos, dos quais cada um empunhava também uma bandeira com uma das seguintes inscrições: — **Viva S.M. o Imperador.** — **Viva S.M. a Imperatriz.** — **Viva a Família Imperial.** — **Viva o Brasil.** O 4.º plano, finalmente, sustentava uma coroa imperial, cercada de rosas, boninas e angélicas, artificiais, flores estas que desde cima até abaixo serviam de ornamento a todo o belíssimo fruteiro.

"Oito aparadores de mogno dispostos nos ângulos da casa pareciam vergar sob o pêso de grandiosa e magnífica baixela de prata, bem como de lindíssimas peças de cristal, porcelana de Sevres, vinhos exquisitos, objetos de confeitaria, etç. etc., enfeitado tudo com muitas e variadas flores, que juntavam seu magnífico perfume às côres simbólicas das fôlhas da independência, com que estavam entressachadas. Quatro vasos de mármore continham também flores escolhidas.

"Finalmente, nada ali faltava de quanto o suntuoso e belo pudessem exigir. Ricos candelabros de prata do mais primoroso lavor, vasos, bandeijas e fruteiros do mesmo metal; tudo em suma convergia a tornar esplêndida a mesa imperial.

"O nono salão, destinado para câmara da dama de S.M. a Imperatriz, estava guarnecido com um leito e mais mobília de mogno, entre a qual se notava um bonito lavatório, e um guarda-vestidos de bastante trabalho artístico. Havia também ali um magnífico relógio. O chão era esteirado.

"O decimo salão, em que fôra preparada a capela imperial, estava ricamente alcatifado, com armação de veludo e damasco bordados de ouro. Tinha dois altares, um de Cristo e outro de N. S. das Dores; no primeiro havia uma rica imagem do Senhor, de marfim, com a cruz de ébano, o resplendor e cravos de ouro com rubis, sendo iluminado por seis ricas lanternas de prata com lavôres de ouro; no segundo estava Nossa Senhora das Dores, adornada de um riquíssimo manto, dádiva do sr. Antônio Lopes Pereira de Melo, e casula de sêda e ouro, presente que ao convento dos religiosos capuchinhos fizera S.M. o Imperador dos Franceses.

"A toalha do altar, e o frontal eram também bordados de ouro. O missal era rico e o cálix de ouro com diamantes, e dum primoroso lavor; em suma os dois cereais a sacra, a naveta, o turíbulo, a cal-

Dom Pedro II em 1848

Óleo de Raimundo Augusto Quinsac de Moivoisin — Coleção do Príncipe Dom João de Orleans e Bragança (Rio)

deirinha, a pia dágua benta, o vaso dos santos óleos, as galhêtas, a lâmpada, a urna, o jarro e a bacia, tudo era de prata.

"No cimo do altar estavam a coroa e ceptro imperiais de ouro sustentados por dois anjos de grande vulto.

"Havia ali também um quadro do Sr. A. F. da Silva, representando S. Vicente de Paulo cercado das irmãs de caridade e meninos expostos, arrancados por aquêle santo ao abandono.

"O undécimo salão, ou sala do trono, tinha decorações de veludo carmezim com estrêlas, franjas e borlas de ouro; os degraus eram também forrados de veludo escarlate.

"Pendiam das paredes os retratos ao natural de S.M. o Imperador, de sua Augusta Consorte, do Fundador do Império, e de S.M.I. a Sra. D. Maria Leopoldina. O chão estava ricamente alcatifado.

"O duodécimo salão, chamado da recepção de S.M. a Imperatriz, era guarnecido com mobília ao gôsto de Luis XIV, toda de jacarandá; com jarros de porcelana e de cristal, e o chão atapetado.

O pavimento térreo era todo esteirado, e achava-se guarnecido com tudo quanto se tornasse necessário para comodidade dos empregados do serviço de SS. MM. Imperiais.

"Os corredores do paço estavam também todos cobertos com esteira da índia.

"A cozinha tinha cinco fornos e vinte fornalhas.

"O serviço de mesa era todo da porcelana mais fina e de cristal.

"Entre as peças da baixela contavam-se 200 talheres, 16 tabuleiros, 25 salvas, 1 grande cafeteira, e oito serpentinas tudo de prata, 8 paliteiros de prata e ouro, e duas dúzias de talheres e uma colher de sopa de ouro maciço.

"A minuciosa descrição que deixamos feita da magnificência com que em poucos dias foi preparado o Palácio Imperial, dá uma idéia tão elevada dos dignos membros da comissão, que a êsses trabalhos presidiu e cujos nomes já citamos, que nós, acompanhando os ilustres representantes da imprensa pernambucana, folgamos de recomendar também à consideração pública tão distintos caracteres."

O agradecimento do Imperador aos pernambucanos, pela hospitalidade e manifestações de aprêço, está patenteado na prodigalidade com que êle distribuiu títulos e comendas das Ordens da Rosa e de Cristo, no decreto de 14 de março de 1860:

Casa Imperial — Veador, *o então Visconde da Boa Vista, Francisco do Rêgo Barros;*

Títulos — Barão de Bom Jardim, *o então Presidente da Província, Dr. Luis Barbalho Muniz Fiúza;* Barão de Guararapes, *Lourenço de Sá e Albuquerque;* Barão do Livramento, *José Antônio de Araújo;* Barão de Muribeca, *Dr. Manuel Francisco de Paula Cavalcanti;* Barão de Utinga, *Cel. Henrique Marques Lins;* Barão de Vera Cruz, *Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha;* Barão da Vitória, *Tenente-General José Joaquim Coelho;* Visconde de Camarajibe, *o então Barão do mesmo título, Dr. Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque;* Visconde com grandeza de Suassuna, *o então Barão do mesmo título Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.*

ORDEM DA ROSA — Grande dignitário *o Bispo de Olinda Dom João da Purificação Marques Perdigão;* Dignitário *o Cel. João Joaquim da Cunha Rêgo Barros;* Comendadores: *Cel. Antônio Francisco Pereira, Antônio Marques de Amorim, Antônio de Sousa Leão, Bento José Fernandes de Barros, Cel. Bento José Lamenha Lins, Dr. Domingos de Souza Leão, Capitão-de-Mar-e-Guerra Elisiário Antônio dos Santos, Cel. Francisco Antônio de Barros e Silva, Cel. Francisco Joaquim Pereira Lôbo, Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva, Monsenhor Francisco Muniz Tavares, Desembargador Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, João Batista de Castro e Silva, Dr. João José Ferreira de Aguiar, Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, Cônego Joaquim Pinto de Campos, Tenente-Coronel José Antônio Lopes, José Pedro da Silva, Luís de Carvalho Pais de Andrade, Tenente-Coronel Manuel Camilo Pires Falcão, Manuel Gonçalves da Silva, Tenente-Coronel Manuel Joaquim do Rêgo e Albuquerque, Manuel José da Costa, Coronel Manuel Pereira da Silva, Manuel de Sousa Leão, Conselheiro Pedro Autran da Mata Albuquerque, Tenente-Coronel Rodolfo João Barata de Almeida, Tenente-Coronel Sebastião Lopes Guimarães;* Oficiais: *Major Alexandre Augusto de Frias Vilar, Dr. Antônio Alves de Sousa Carvalho, Antônio Bandeira Carneiro Leão, Antônio Carneiro Machado Rios, Dr. Antônio Epaminondas de Melo, Coronel Antônio Gomes Leal, Antônio Joaquim de Melo, Desembargador Antônio Joaquim da Silva Gomes, Coronel Antônio Lopes Viana, Dr. Antônio Luís Cavalcanti de Albuquerque, Antônio Marques de Holanda Cavalcanti, Antônio de Paula Sousa Leão, Antônio Pires Ferreira, Major Antônio dos Santos Sousa Leão, Dr. Antônio de Siqueira Cavalcanti, Augusto Frederico de Oliveira, Belarmino do Rêgo Barros, Braz Carneiro Leão, Mr. Brunet, Desembargador Caetano José da Silva*

Santiago, Caetano Pinto de Veras, Capitão Claudino Benício Machado, Major Domingos Alves Mateus, Domingos Francisco de Sousa Leão, Epaminondas Vieira da Cunha, Capitão-de-Mar-e-Guerra Fernando Vieira da Rocha, Filipe Carneiro de Olinda Campelo, Desembargador Firmino Antônio de Sousa, Firmino José de Oliveira, Tenente-Coronel Florêncio José Carneiro Monteiro, Francisco Acióli de Gouveia Lins, Desembargador Francisco Baltasar da Silveira, Dr. Francisco Carlos Brandão, Francisco João Carneiro da Cunha, Tenente-Coronel Francisco José Pires, Francisco José da Silva, Alferes Francisco Martins dos Anjos Paula, Tenente-Coronel Francisco de Miranda Leal Seve, Dr. Francisco de Paula Batista, Capitão Francisco Rafael de Melo Rêgo, Dr. Francisco do Rêgo Barros Lacerda, Dr. Francisco Rodrigues de Almeida, Francisco da Silva Santiago, Major Francisco Xavier Carneiro Lins, Dr. Gervásio Campelo Pires Ferreira, Gustavo José do Rêgo, Dr. Inácio de Barros Barreto, Inácio de Barros Wanderley, Dr. Jerônimo Vilela de Castro Tavares, Major João Bernardino de Vasconcelos, Tenente-Coronel João Cavalcanti Maurício Wanderley, João Coelho da Silva, João Coimbra, João Pinto de Lemos, João de Sá Albuquerque, Tenente-Coronel João Valentim Vilela, Tenente-Coronel Joaquim José da Silveira, Joaquim Lúcio Monteiro da Franca, Joaquim Pedro dos Santos Bezerra, Dr. Joaquim Pires Machado Portela, Major Joaquim de Sousa Leão, José Antônio de Brito Bastos, Dr. José Bandeira de Melo, Tenente-Coronel José Cavalcanti Ferraz de Azevedo, Dr. José Felipe de Sousa Leão, Tenente-Coronel José Gonçalves de Albuquerque, Coronel José Joaquim Bezerra de Melo, Major José Joaquim do Rêgo Barros, José Soares de Azevedo, Lourenço Francisco de Almeida Catanho, Tenente-Coronel Luís de Albuquerque Maranhão, Tenente-Coronel Luís Francisco de Barros Rêgo, Tenente-Coronel Manuel Antônio do Passo e Silva, Manuel Francisco de Sousa Leão, Manuel Luís Virães, Manuel da Vera Cruz Lins e Melo, Miguel Augusto de Oliveira, Dr. Silvino Cavalcanti de Albuquerque, Dr. Teodoro Machado Pereira da Silva, Coronel Tiburtino Pinto de Almeida, Dr. Tristão de Alencar Araripe; Cavaleiros — *Agostinho José de Oliveira, Alexandre José de Holanda Cavalcanti, Capitão Amaro de Barros Correia, Major Anacleto Antônio de Morais, Capitão Antônio Bernardo Quinteiro, Antônio Joaquim de Almeida Guedes, Capitão Antônio Pereira da Câmara Lima, Antônio Valetim da Silva Barroca, Belmino da Silveira Lins, Benjamin Peres de Albuquerque Maranhão, Bento*

José da Costa, Braz Maciel Pinheiro, Major Cristóvão Dionísio de Barros, Cristóvão de Holanda Cavalcanti, 1.º Tenente Domingos Joaquim da Fonseca, Domingos Soriano Fernandes Soares, Eduardo Gadanet, Félix da Cunha Teixeira, Alferes Francelino Carneiro de Lacerda, Dr. Francisco de Araújo Barros, Francisco Alves de Miranda Varejão, Alferes Francisco Borges Leal, Capitão Francisco Carneiro Machado Rios, Capitão Francisco Cavalcanti de Albuquerque, Capitão Francisco das Chagas Salgueiro, Dr. Francisco Lucas de Sousa Rangel, Capitão Francisco Luís Virães, Capitão Francisco de Paula Cavalcanti Silveira, Francisco Romano Stepple da Silva, Frederico Lopes Guimarães, Dr. Henrique Pereira de Lucena, Henrique da Silveira Lins, Alferes Honório de Gusmão Coelho, Alferes Horácio de Gusmão Coelho, Tenente Inácio Antônio Borges, Dr. Inácio Firmo Xavier, Jácome Geraldo Maria Lumachi de Melo, João Anglada Júnior, Major João Antônio da Silva Cabral, Alferes João Carneiro Rodrigues Campelo, João Maria Seve, Alferes João Monteiro de Andrade Malvinas, Capitão João da Silveira Borges Távora, Joaquim de Almeida Pinto, Major Joaquim Coelho Lima, Major Joaquim Francisco Diniz, Joaquim Francisco Franco, Joaquim Francisco Lavra, Capitão Joaquim Manuel da Silva, Joaquim Pedro Barreto de Melo Rêgo, Tenente-Coronel José Antônio Pinto, José Carlos de Sousa Lôbo, Tenente José Eustáquio Maciel Monteiro, Major José Joaquim Antunes, José Joaquim de Lima Júnior, José Luís Pereira Júnior, Tenente José Maria Carneiro de Lacerda, José Maria de Carvalho, Capitão José Mariano de Albuquerque, José N. do Amaral Lôbo, José Paulo do Rêgo Barreto, José Pereira da Cunha, José Severiano Cacalcanti de Albuquerque, Luís Francisco Moreira de Mendonça, 2.º Tenente Manuel Antônio Viegas Júnior, Manuel Buarque de Macedo Lima, Manuel Cavalcanti de Albuquerque Sá, Manuel Ferreira Antunes Vilaça, Alferes Manuel Flodoardo Mendes Lins, Capitão Manuel Joaquim Ferreira Estêves, Manuel José Pereira Burgos, Tenente Manuel do Rêgo Barros Sousa Leão, Manuel de Sousa Leão Júnior, Marcionilo da Silveira Lins, Capitão Miguel José de Almeida, Patrício José da Costa Lima, Pedro C. von Sohsten, Pedro Tertuliano da Cunha, Dr. Rufino Augusto de Almeida, Major Salvador Henrique de Albuquerque, Silvino Guilherme de Barros, Simplício José de Melo, Tomé Carlos Peretti, Vicente Paula de Oliveira Vilas-Boas;

Dom Pedro II em 1850-1855
Daguerreotipo, coleção Palácio Grão Pará, Petropolis.

ORDEM DE CRISTO — Comendadores: *Desembargador Agostino Ermelindo de Leão, Dr. Anselmo Francisco Peretti, Barão do Rio Formoso, Cel. Domingos Afonso Néri Ferreira, Tet.-Cel. Francisco Antônio Pereira da Silva, Pe. Joaquim Rafael de Silva, Dr. José Joaquim de Morais Sarmento, Manuel Figueiroa de Faria, Cônego Venâncio Henriques de Resende;* Cavaleiros: *Agostinho Ermelindo de Leão Júnior, Dr. Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti, André Dias de Araújo, Antônio Francisco Pais de Melo Barreto, Dr. Antônio Herculano de Sousa Bandeira, Pe. Antônio Higino de Holanda Cavalcanti Chacon, Augusto de Sousa Leão, Bernardo Machado da Costa Dória, Dr. Braz Florentino Henriques de Sousa, Dr. Ernesto de Aquino Fonseca, Felipe de Sá e Albuquerque, Francisco de Barros Falcão Cavalcanti, Dr. Francisco de Caldas Lins, Henrique Augusto Milliet, Irineu Coelho da Silva, Dr. João Alfredo Correia de Oliveira, Dr. João Antônio de Araújo Freitas Henriques, João Cardoso Aires, João Marinho de Sousa Leão, Joaquim Salvador Pessoa de Siqueira Cavalcanti, José Antônio da Rocha, José Bento da Costa, Dr. José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, José Cardoso de Queiroz Fonseca, José Francisco Pereira da Silva, Dr. José Joaquim Firmino, Dr. José Maria Ribeiro Paraguassu, Pe. Lino Monte Carmelo Luna, Pe. Lourenço Correia de Sá, Dr. Luís Duarte Pereira, Dr. Manuel de Barros Barreto, Pe. Manuel Joaquim Xavier Sobreira, Mariano de Sá e Albuquerque, Miguel Filipe de Sousa Leão, Cônego Plácido Antônio da Silva Santos, Vicente Mendes Wanderley.*

Resumindo: 1 Veador da Casa Imperial;
2 Viscondes e 7 Barões;
1 Grande Dignitário, 1 Dignitário, 28 Comendadores, 81 Oficiais, e 84 Cavaleiros da Ordem da Rosa;
9 Comendadores e 36 Cavaleiros da Ordem de Cristo.

Sua Altesa Imperial o Príncipe Dom Pedro de Orleans e Bragança, sabendo da publicação do "Diário" do seu bisavô, quis também contribuir com um valioso manuscrito, pertencente ao Arquivo do Grão Pará.

Entre os papéis reservados da Família Imperial, acha-se um curioso trabalho da Condessa de Barral, preceptora das Princesas Dona Isabel e Dona Leopoldina, dirigido à Imperatriz Dona Teresa Cristina, datado de 31 de outubro de 1859, intitulado "Famílias de Pernambuco".

Escreveu a Condessa de Barral, como nota esclarecedora:

"Esta lista é para minha Amiga ir estudando os nomes destas senhoras. Em Pernambuco só lhe posso recomendar minha prima casada com o Conselheiro Antônio Inácio de Azevedo, irmão do Desembargador Messias de Leão, da Bahia, mas ela vive muito retirada depois da morte da filha.

"Dizem que estas são as Senhoras de Pernambuco, dignas da atenção de S.M. a Imperatriz. Eu não as conheço, mas deposito confiança em quem me forneceu esta lista.

"Sentido numa celebre Viúva de H... A... da S... (D. A...)".

Por uma questão de respeito aos descendentes divulgamos apenas as iniciais.

Vejamos, agora, a lista das Famílias de Pernambuco, organizada pela Condessa de Barral:

"O Visconde da Boa Vista e sua Senhora.
As Senhoras Baronesas de Cimbres, de Beberibe, de Capibaribe, de Ipojuca. As Filhas do Barão do Rio Formoso.
Senhora do Dr. Manuel Cavalcanti.
Senhora do Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha e sua Sogra.
Senhora do Comendador José Pires Ferreira.
D. Júlia Pires, filha do falecido Gervásio Pires Ferreira.
Senhora do Comendador João Gonçalves da Silva (ex-Inspetor da Tesouraria da Fazenda).
Senhora do Comendador Luís de Carvalho Pais de Andrade.
Senhora do Conselheiro Antônio Inácio de Azevedo e sua filha.

Dom Pedro II em 1859

Fotografia de Vitor Frond, litrografada por Leon Noel, para "O Brasil Pitoresco" de Ribeyrolles.

Senhora do Vice-Presidente Dr. Joaquim Portela.
Senhora do Dr. Manuel Portela.
Viúva de Luís Gomes Ferreira.
Senhora de Luís Gomes Ferreira.
Senhora de Francisco Gomes Ferreira.
As Senhoras dos atuais Desembargadores da Relação e dos Juíses de Direito da Capital.
As Senhoras da Família Sousa Leão.
Senhora do negociante Antônio Marques de Amorim.
Senhora de Antônio Luís dos Santos.
Senhora do Dr. Alexandre Pereira do Carmo.
Senhora do proprietário Lourenço Luís das Neves, sobrinha do Sinimbu.
As Senhoras do Comandante da Estação Naval e do Inspetor da Tesouraria da Fazenda.

Rio, 31 de outubro de 1859."

O dinâmico e já benemérito Diretor do Arquivo Público Jordão Emerenciano, a quem Pernambuco deve empreendimentos do valor da publicação dos "Anais" de Pereira da Costa, solicitou-nos uma Introdução e notas ao "Diário" de Dom Pedro II.

Procuramos fugir, o quanto possível, ao lugar-comum de fazer anotações copiadas do "Dicionário" de Sebastião Galvão ou da obra biográfica de Pereira da Costa.

Aproveitamos o material inédito do Arquivo da Casa Imperial, do Arquivo do Grão Pará, do Arquivo da antiga Superintendência da Imperial Fazenda e principalmente as numerosas notas sobre titulares pernambucanos, que desde 1940 estamos recolhendo, com grande dificuldade e paciência.

Consultamos, igualmente, as coleções da época do "Diário de Pernambuco" e do "Jornal do Recife", além do intitulado "Almanaque Provincial" e as bem organizadas "Memórias da viagem de Suas Majestades Imperiais", tomo II.

A origem do nosso arquivo sôbre Titulares Pernambucanos merece uma explicação. Em 1940, o Coronel Laurênio Lago pediu o nosso auxílio para pesquisa sôbre pernambucanos que foram agraciados com títulos, a fim de completar um mo-

numental trabalho em elaboração, a ser editado pela Biblioteca Nacional então dirigida pelo mestre Rodolfo Garcia.

Satisfazendo o desejo do Cel. Laurênio Lago, pouco a pouco, fomos nos aprofundando nas pesquisas, recolhendo material, inclusive retratos, e hoje temos várias pastas repletas de dados genealógicos, que estamos divulgando em revistas especializadas.

Ilustram o "Diário", igualmente, diversos retratos de Titulares Pernambucanos provenientes da nossa coleção.

Aproveitamos a oportunidade, para agradecer pùblicamente ao Príncipe Dom Pedro, as facilidades e a tão valiosa ajuda, que nos proporcionou abrindo-nos o Arquivo do Grão Pará.

Ao Lourenço Lacombe, chefe da Divisão de Documentação do Museu Imperial, encarregado do Arquivo da Casa Imperial, também renovamos aqui, pùblicamente, os nossos agradecimentos pela compreensiva facilidade e alegre companhia, quando copiávamos o "Diário".

Que a publicação dêsse manuscrito sirva à história, é o nosso único desejo.

Petrópolis, fevereiro de 1952.

GUILHERME AULER.

Dom Pedro II em 1864

Litografia de Sisson

Viagem a Pernambuco em 1859

19 (de novembro de 1859)

SAÍMOS do Paço na Bahia, (1) ás 11, acompanhados de bastante senhoras e numero infinito de homens. Custava a romper por entre o povo, que não cessava de dar vivas. Ao chegar ao embarque, o Muniz Barreto (2) repetiu o poema que junto, que comoveu a todos sobretudo pelo modo porque o recitou. O Pessoa repetiu uns versos fracos, e o Portela ia causando motim com suas repetidas exigencias; por parte do povo, quer que eu prometesse voltar á Bahia; por fim cansou, e o Almeida Pereira e o Arcebispo disseram-lhe que estava procedendo inconvenientemente. Ainda houve muitos vivas e acenos de lenços, e o "*Apa*" largou ao meio dia e meia hora.

Fomos andando de vagar por causa dos outros 2 vapores. mas passei o dia sem incomodo, deitando-me na baiuca, por cautela.

---

1 — A comitiva imperial estava na Bahia desde 6 de outubro de 1859. As principais autoridades eram: Presidente de Provincia — Conselheiro Herculano Ferreira Pena; Secretario da Presidencia — Dr. Luís Maria Alves Falcão Muniz Barreto; Presidente da Camara Municipal da cidade do Salvador — Joaquim Ernesto de Sousa; Comandante de Armas — Cel. Luís José Ferreira; Presidente da Relação — Conselheiro Manuel Messias de Leão.

2 — Francisco Muniz Barreto, fecundo poeta, autor de varias produções durante a estada do Imperador em terras bahianas, entre as quais: Alocução dos Veteranos de Pirajá; Saudação na visita à Fabrica do Queimado; Letra do Hino Bahiano (musica de Baldoino dos Santos e Oliveira); Poema recitado na inauguração do monumento ao Fundador do Imperio; Saudação ao Imperador, por ocasião da visita dos Veteranos da Independencia; Mote; Despedida dos Veteranos da Independencia.

Enjoei ao levantar-me, tendo dormido na camara onde os balanços do "*Apa*", que foram fortes durante a noite, se fazem mais sentir. Subi cedo para a baiuca. Entre 6 e 6½ avistou-se o Cruzeiro do Sul.

Almocei com vontade. 11 e 25 — bergantim brasileiro, que embandeirou e parece vir do Rio de São Francisco.

4 horas — vamos andando e 6 e ½ milhas. Desde manhã que se não vê costa, que se acha a cerca de 20 milhas. Quasi todos têm enjoado, até o Capitão-Tenente Bricio (1), o cirurgião Pedroso (2), que tem de embarque 9 anos, e o tanoeiro de bordo.

---

1 — Capitão-Tenente Francisco Edwiges Bricio, da oficialidade do navio "Apa".

2 — Primeiro Cirurgião Dr. Propicio Pedroso Barreto de Albuquerque, também da oficialidade do "Apa", que era comandado pelo Capitão de Mar e Guerra Francisco Pereira Pinto.

Descendo a noite passada, enjoei bastante. Subi cedo. 5 3/4 — barreiras de São Miguel, a 21 milhas.

7 ½ o "*Belmonte*" (1) obtem licença para arribar a Maceió e tomar carvão, que só tem para 4 horas, pois o fornecido pelo contratador na Bahia, foi pessimo.

8 e 23 — altura de Maceió.

9 menos 6 — saí da baiuca e tornei para ela, onde me conservo deitado, depois de ter avistado Maceió, cujas torres da Matriz e do farol se descobrem facilmente.

9 e 10 — navio e jangadas longe ao mar.

10 menos 10 — um vapor que pareceu o "*Pedro II*", em bandeiras dentro do porto de Maceió, e uma bateria salva; vi a cidade muito distintamente.

12 3/4 — Camaragibe; 3 3/4 — Porto de Pedras — 65 milhas de Pernambuco; 5 1/2 — Barra Grande; 7 menos 20 — fui ver o efeito, que era belo, sobre as nuvens, duma queimada na direção de Tamandaré; havia mais duas menores; estamos a 45 milhas de Pernambuco, onde espero fundear das 2 para as 3 da madrugada.

---

1 — Canhoneira "**Belmonte**", comandada pelo Primeiro-Tenente Antonio Carlos de Mariz e Barros. Oficialidade: Segundo Tenente João Antonio Alves Nogueira, Guarda-Marinha Frederico Guilherme Lorena, Segundo Cirurgião Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá.

A Esquadrilha Imperial, que comboiava o navio "**Apa**", e era comandada pelo então Vice-Almirante Joaquim Marques Lisboa (mais tarde Marquês de Tomandaré), compunha-se além da Canhoneira "**Belmonte**", da Fragata "**Amazonas**" e da Corveta "**Paraense**".

Dormi na baiuca até me chamarem á 1 e 40 para ver as luzes da cidade do Recife, que se levantavam progressivamente das ondas. 2 e 3/4 fundeamos no Lamarão, porque não é prudente entrar sem prático; o "*Apa*" joga sofrivelmente. Desci para dormir na cama mesmo vestido, como estava, até as 5 1/2 quando subí, e ás 6 com o piloto-mor (1) largou o "*Apa*" do Lamarão.

A vista de Olinda e do Recife é muito bela, e deixando a esquerda o baixo do inglês e o farol que é pequeno e de refletores, viemos fundear ás 6 e 25 defronte da torre do observatorio do Arsenal de Marinha, que chamam aqui de Malakoff, e sôbre a corôa d'areia, onde deve trabalhar a 2ª máquina de excavação, que já está quasi pronta, para que o porto possa dentro de 2 anos permitir entrada a navios do calado dos vapores da carreira de Southampton.

O recife, que muito se tem alterado artificialmente, resguarda inteiramente o porto do embate das ondas do Lamarão, ainda que muitas vezes elas o estejam galgando.

Já tomei algumas informações a respeito do melhoramento do porto do Inspetor Eliziário (2), mas é assunto que indicarei as minhas depois de o haver estudado tanto quanto me for possível.

---

1 — O aliás Pratico-Mor José Faustino Porto.

2 — O então Capitão-de-Mar-e-Guerra Elisiario Antonio dos Santos, Inspetor do Arsenal de Marinha do Recife, mais tarde Barão de Angra por decreto de 17-5-1871. Autor do "Dicionario dos termos nauticos".

Nasceu em Lisbôa, a 15-11-1806 e faleceu a 27-9-1883. Foi Diretor da Estrada de Ferro Dom Pedro II, nos anos de 1872 e 1873.

Casou-se em 1ª nupcias, com Henriqueta Bebiano de Castro, falecida em 13-8-1870. Contraiu segundas nupcias com Adelaide Bebiano de Castro, Baroneza de Angra, falecida em 14-6-1873.

O desembarque teve lugar ás 11 horas numa bela das rampas de madeira feitas de propósito, que conduziam a um pequeno pavilhão onde beijei o crucifixo nas mãos do Bispo (3), que não achei muito mudado para a idade, tendo havido um pequeno discurso, seguindo para outro maior no largo do Colégio, onde respondi ao discurso da Câmara Municipal (4), custando a romper o povo que ia vivando e possuído não menor entusiasmo, que na Bahia.

Fui logo para a Igreja do Colégio, onde ouvi um sermão meio político do Padre Campos (5), que rebateu as exagerações da propaganda descentralizadora, não me parecendo mau em geral, apesar de durar 3/4 de hora e depois um Te-Deum de 1 e ¼ horas cuja musica em geral foi a melhor, que ouvi em igreja depois que saí do Rio.

A Igreja do Colégio foi construida no ano de 1689, sagrada em 17 de dezembro de 1690, havendo num frontispício da capela ao lado esquerdo da Igreja a era de 1708, e reconciliada em 8 de setembro de 1855. Por ocasião da extinção ficou sendo próprio nacional, e servia de cavalariça, teatro e casa de baile, sendo reparada finalmente para seu destino primitivo e muito decentemente pela irmandade do Espírito Santo. Estava bem armado o altar-mor e o trono tinha imensas luzes.

Vim para o Palácio pelas ruas do Colégio e da Cadêa, que parecem seguir-se em linha reta e atravessando imenso povo que me dava vivas, assim como tôdas as pessôas que atapetaram as janelas das casas de 3 e 4 andares, e notei o pouco calçamento que há apesar do imposto, atribuindo o presidente da Câmara (6) a falta de calçamento que é quase geral, a des-

---

3 — Dom João da Purificação Marques Perdigão, natural da cidade de Viana (Portugal) e falecido no Recife, a 30 de abril de 1864.

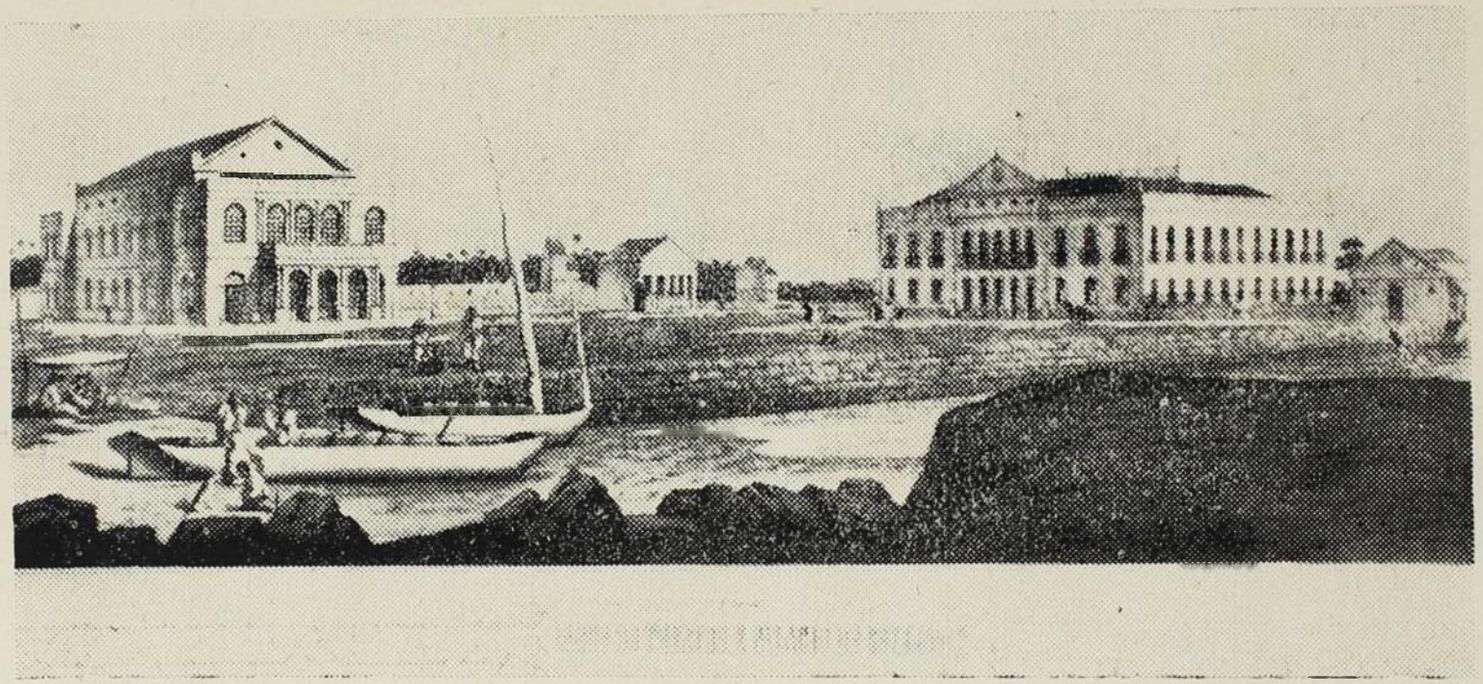
Eleito Bispo de Olinda, em 1829, foi sagrado em 26 de maio de 1833.

4 — A Camara Municipal do Recife compunha-se dos seguintes: Presidente — Manuel Joaquim do Rego e Albuquerque; Luis Francisco de Barros Rego, Joaquim Lucio Monteiro da Franca, Rodolfo João Barata de Almeida, Gustavo José do Rego, Simplicio José de Melo, Joaquim de Almeida Pinto, Antonio José de Oliveira, José Maria Freire Gameiro.

5 — Joaquim Pinto de Campos, nascido em Pajeú das Flores (Pernambuco) em 4-4-1819 e falecido em Lisbôa a 5-12-1887. Bibliotecario da Faculdade de Direito e Professor de Eloquencia do Ginasio Provincial. Monsenhor.

Seu sermão foi impresso num folheto de 14 paginas, editado no Recife nesse mesmo ano de 1859, sob o titulo "Sermão pregado no Te-Deum laudamus celebrado na Igreja do Divino Espirito Santo, etc. etc."

6 — Manuel Joaquim do Rego e Albuquerque.



O Recife de 1859

O Teatro de Santa Isabel e o Palácio do Govêrno. O Teatro construido por Luís Leger Vauthier, foi inaugurado em 18-V-1850. O Palácio edificado na administração do Conde da Boa Vista, (1841) hospedou o Imperador durante sua estada no Recife.

(Litografia colorida de autores desconhecidos. Coleção Palácio Grão Pará, Petropolis).

leixo. A poeira era muita, assim como o calor, apesar de ao terrivel seguir-se aqui a viração desde 10 ás 11 o mais tardar, e admirou-me ver como cerca de 80 senhoras das principais da terra acompanharam a Imperatriz, desde o desembarque até a Igreja e o Palácio, onde assistiram o cortejo.

Depois passou a Guarda Nacional da cidade em continência, que era pouco numerosa, mas bem arranjada, não aparecendo segundo me disse o Boa Vista (7), porque não havia alfaiates para lhes fazer os 1º uniformes. O jantar teve lugar ás 5, e depois tenho descansado, conversado com diversas pessôas e aparecido á janela ao povo na praça. Há pouca gente de côr muito escura, e o povo parece mais sério que o da Bahia, apesar de todo o entusiasmo.

Do meu quarto há uma linda vista para o lado de Olinda e Beberibe, e creio pelo que já vi no Barloeus que está situado no mesmo lugar da casa do Conde de Nassau, que soube escolher a sua residência.

A cidade é muito bem situada, e as casas iluminadas sôbre os rios que contornam a ilha de Santo Antônio, antiga Mauricéa, própriamente dita, e primitivamente Ilha de Antônio Vaz, dão-lhe o aspecto, em ponto pequeno, do que imagino será Veneza.

Sinto-me cansado principalmente da vida de bordo, ainda creio que nunca serei bom marinheiro.

O palácio está muito bem arranjado (8) apreciando sobretudo uma excelente banheira; ao pé da casa também me

7 — Francisco do Rego Barros, nascido no Engenho Trapiche a 4-2-1802 e falecido no Recife a 4-10-1870. Casou-se com Maria Ana Cavalcanti do Rego Barros, Condessa da Boa Vista, falecida no Recife, a 25-2-1891, com 75 anos.

Agraciado com o titulo de Barão da Boa Vista, em 18-6-1841; Visconde da Boa Vista, em 12-12-1858 e Conde da Boa Vista, em 29-8-1860.

Deputado á Assembleia Geral de 1830 a 1852. Senador por Pernambuco em 1850. Presidente da Provincia de Pernambuco, de 1837 a 1841, e de 1841 a 1844. Presidente do Rio Grande do Sul, em 1865.

A descendencia dos Condes da Boa Vista é a seguinte:

Filhos: 1 — Dr. Henrique do Rego Barros, falecido solteiro em 23-7-1885;

2 — Dr. Afonso do Rêgo Barros, falecido solteiro;

3 — Maria do Rêgo Barros, casada com Joaquim Carneiro de Albuquerque, falecida a 29-8-1923, sem descendentes.

8 — Uma comissão foi nomeada pelo Presidente da Provincia Dr. Luis

prepararam um banheiro no rio; mas por cautela não vou tomar banho lá.

Na rua do Colégio defronte da tipografia do "Liberal Pernambucano" (9) há uma iluminação com as seguintes inscrições: na frente, dum lado, Viva D. Pedro II e Abaixo 23 de julho; e do outro, Viva o Povo e Abaixo 21 de novembro, e nas bandas duma: Todos os poderes são delegações da Nação, e depois indicando o artigo da Constituição, e do outro: Todos são iguais perante a lei, e o artigo constitucional também apontado; houve muitos vivas partidos das janelas dessa casa.

Barbalho de Muniz Fiuza, para os encargos do preparo e ornamentação do Palacio, composta dos seguintes: João Joaquim da Cunha Rego Barros, Henrique Marques Lins, Manuel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Antonio de Souza-Leão e José Antonio de Araujo.

9 — Circulou de 7-9-1852 a 23-3-1861, sendo seu orientador Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

Fui ás 6 ½ visitar o Arsenal de Marinha (1). Uma rua separa-o em dois, e cumpre remediar quanto antes esse mal.

A oficina das máquinas, movida por 8 cavalos de vapor de baixa pressão, aprontando-se outra de 12, de alta pressão, com três pequenos cilindros, muito engenhosamente dispostos com as outras peças, e ocupando diminuto espaço; é melhor que a do Arsenal da Bahia, havendo 2 belos tornos entre outros, um para broquear e outro servindo para abrir parafusos de roscas de diversas dimensões.

Há uma fundição pequena podendo o forno conter mil libras de metal e fazendo obras de ferro e de bronze; mas está se trabalhando um belo edificio para uma boa fundição, assim como noutro para as forjas, que se acham em numero, creio que de 12, na casa da atual fundição.

A casa de modelos ainda é pobre. As oficinas de carpinteiros e poleeiros são miseraveis, e notei que na primeira se estivessem ocupando do arranjo de um teclado taquigráfico para um padre que se apresentou ao Presidente da Província como inventor; tendo já na Bahia um certo Armando Gentil me falado de igual invenção, sendo que me apresentou um desenho.

Há duas boas carreiras, uma delas a menor de 1851, inspetoria de Rodrigo Teodoro de Freitas, de pedra tendo uma dois hiates, e um quase pronto de 130 toneladas, sendo o outro de 90, podendo-se construir navio de 1000 toneladas; e a outra 6 batelões em obra para a barca de excavação que pode conter 2 ½ braças cúbicas de entulho, trazendo os 50 baldes ou alcatruzes, 25 de cada lado, em cada volta de 4 minutos ½ braça cúbica de entulho, estando já quase pronto todo aparelho; en-

---

1 — O Arsenal da Marinha tinha o seguinte quadro:

Inspetor — Capitão de Mar e Guerra Elisiario Antonio dos Santos; Ajudante — Capitão de Fragata João Batista de Oliveira Guimarães; Secretario — Alexandre Rodrigues dos Anjos; Patrão Mor — Francisco Firmino Monteiro; Engenheiro-Maquinista — Carlos Maria Colsoul.

comendaram-se mais 3 batelões, e deve completar-se o numero de 12.

Existem 3 guindastes, um de levantar 400 arrobas, e dois caldeirões, que quase sempre dão entrada aos botes e escaleres servindo, para a Capitania do Porto policiá-los, num deles para o lado dum angulo reintrante estava anteriormente colocado o Forte do quebra-pratos, cujas salvas fraturavam vidros e louças das casas visinhas.

No seguimento do caes do Arsenal, há um trapiche que avança para o mar, e ainda se não demoliu apesar da marinha ter sido concedida com a condição de o ser quando fosse preciso, e depois o do Argolo que estreita o porto, que já não é largo.

Os menores estão muito mal acomodados, e os alimentos não são em geral, de boa qualidade, e disseram quando eu assisti ao almoço que o café não era sempre assim; a ração pareceu-me suficiente. Fizeram exercícios de ginástica menos mal, e vi desenhos de alguns bem feitos, tencionando assistir aos exames de geometria aplicada ás artes e mecanica, á física e química, onde disse o Eliziario que os rapazes tem feito progressos principalmente nas primeiras materias. Tem alguns instrumentos de física e química que o inspetor tem podido ajuntar, e um gasometro em miniatura onde tem preparado bom gaz de tubo de Maraú.

Em 1º letras estão atrazados, aos que interroguei, e o professor pareceu-me máu, não sabendo apesar de padre corrigir as respostas dos rapazes em doutrina cristã, nem perguntar-lhes.

O almoxarifado (2) que fica para o lado da rua oposta ao mar, está bem arranjado e os generos para a marinhagem, exceto o café, pareceram-me bons. Há 6 mil paus de sucupira bem arranjados, tendo de idade de córte termo médio 4 anos. Há outras madeiras em numero muito menor. Não há ainda companhia de artífices.

A torre do observatório (3), onde estão a secretária e arquivo da Inspetoria, e os papeis e lugar de despacho da Capitania do Porto, para que se está fazendo agora uma torre octogonal numa das extremidades do Arsenal perto duma das caldeiras, tem 93 ½ pés inglêses acima do nível médio da superficie do mar; e sobe-se até a cupula por 138 degraus.

2 — O almoxarife era o Sr. Manuel Francisco de Moura.

3 — O encarregado do observatório era o Segundo Tenente Manuel Antonio Viegas Junior.

Não há bastante estabilidade para as observações de precisão, mas serve para as marítimas, possuindo uma pequena luneta meridiana, um teodolito, e um pequeno círculo que estava dentro de uma caixa. Ví um pluviometro, um termometro bom de máxima e mínima, e uma agulha de declinação curiosa por ter sido feita em 1454 em Portugal, com pinturas de gosto antigo no círculo de papelão que indica os rumos. A melhor estrela aqui para se observar, segundo ouvi ao Eliziário, é Fomalhant. A cupula é giratória, sendo necessário empregar alguma força e tem uma fresta de fechar e abrir.

Nas paredes da cupula há escritas L.S. 8 graus 3 minutos 40 segundos; Lg E do Rio 8 graus 7 minutos 50 segundos; Lg 0 Gw 34 graus 52 minutos 10 segundos.

Ha na torre um bom relogio, e cujo martelo que toca o sino das horas ao levantar faz cair um balão ao meio dia em ponto. Pedi ao Inspetor uma informação a respeito das necessidades do Arsenal.

Depois do almoço fui ver o Hospital de Caridade, recolhimento dos Orfãos e expostos. O Monsenhor Moniz Tavares (4), que superintende os estabelecimentos de caridade acompanhou-me. O Hospital ainda está, com 117 doentes agora, muito mal acomodado num casa particular, ainda que 6 Irmãs de Caridade o tragam tão limpo quanto é possivel: a roupa de cama muda-se de 10 em 10 dias em geral por causa da lavagem a 2 léguas de distancia. O novo Hospital (5) é obra magnífica, e o desejo de aproveitar o que já está feito para o baile, por ocasião de minha visita á Provincia, fez com que a obra se adiantasse bastante, a menos o baile foi aqui util, ainda que indiretamente!

Pretendem fundar o Asilo de Mendicancia num dos aposentos térreos do Hospital; mas creio que melhor se empregaria o dinheiro da subscrição em dar incremento ao Hospital.

---

4 — Francisco Moniz Tavares, autor da classica "Historia da Revolução de Pernambuco de 1817". Nasceu em 16-2-1793 e faleceu em 23-10-1876.

Ordenou-se em 1816. Revolucionario de 1817. Deputado ás Cortes Portuguesas.

Existe no Arquivo da Casa Imperial, uma curiosa carta de Moniz Tavares a Dom Pedro II, datada de 22-12-1849 (Documento nº 5584), onde de entrada o republicano de 1817 afirma: "Senhor. Os criados em suas precisões naturalmente valem-se de seus amos, porque deles esperam precisão e socorro:. na qualidade de Monsenhor da Capela de V.M.I. tenho a distinta honra de ser seu muito humilde criado, e é por este titulo que me animo a recorrer a V.M. pedindo-lhe antes de tudo se digne desculpar-me".

O desejo do Monsenhor era ser escolhido Senador por Pernambuco...

5 — Hospital Dom Pedro II.

A vista que se gosa do segundo andar do Hospital, cuja ala de frente é que já está pronta, é muito bela, porém não tanto como a da torre do observatório.

O recolhimento dos orfãos instalado em 23 de fevereiro de 1847 sob a presidencia do Chichorro tem edificio muito acanhado para 80 meninos, que me pareceram pouco adiantados na instrução. Vi trabalhos de mão bem feitos. Comida boa; mas insuficiente. Camas muito unidas. Tem 6 Irmãs de Caridade que dirigem o estabelecimento. Máu cheiro junto a certo quarto, usando-se de cubos de páu como na Enfermaria da Marinha, que é bastante acanhada, e cujo serviço consta da informação do diretor que vai junta.

Os expostos estão pertos do quartel da policia que o devassa, assim como uma casa que é patrimonio seu; mas está ainda alugada, tencionando aproveitá-la desde que termine o tempo do aluguel. As meninas, não há meninos, começaram há 4 meses a ser dirigidas pelas Irmãs de Caridade, e apenas algumas lêm sofrivelmente. Há pequenos trabalhos de mão já feitos. O médico disse-me que a mortandade dos expostos é de 50%. Criam-se fora e dentro do estabelecimento, mas são recolhidos logo que chegam aos 7 anos. Os meninos são mandados para o Arsenal, creio que de Marinha, aprender oficio, e por isso talvez os não visse. Há os retratos dos benfeitores, e entre eles os do fundador Capitão-General Tomás José de Melo, e o do Luís do Rego.

O estabelecimento tem demanda com os herdeiros do Morgado (6) que pretendem, sem razão conforme diz o Moniz Tavares, reaver o terreno e edificio da casa dos expostos; contudo já se fala de composição pecuniária.

Entre 5 ½ e 6 fui passeiar pela estrada de Apipucos onde há diversas chácaras muito bonitas, com belos coqueiros e casas, distinguindo-se entre estas a do Beberibe (7) hoje de Augusto de Oliveira, e sobretudo a de um inglês Gibson (8), segundo ouvi, figurando um castelo gótico, é de muito bom gosto, e estava muito bem iluminada quando voltei, pouco para cá de Casa-Forte; hei de ir ver esse lugar histórico, assim como gosar da bela vista de Apipucos no domingo antes do almoço.

---

6 — Os herdeiros do ultimo Morgado do Cabo e Marquês do Recife são: João Francisco Paes Barreto, Luis Francisco Paes Barreto, Maria Isidora Paes Barreto, Francisco Paes Barreto e Estevam Paes Barreto.

7 — Predio onde hoje está instalado o Museu do Estado.

8 — Henry Gibson.

As 6 e tanto fui ver a fabrica do gaz. É importante e colhi as seguintes informações. Faz 120.000 pés cubicos em 24 horas enchendo as 60 retortas 6 vezes e gastando 7 toneladas de carvão de pedra. Começou a funcionar a 26 de abril deste ano e o regulador mostra que já fabricou 8 milhões e 600.000 pés cubicos de gaz. Purifica com cal preta, e tambem com eter misturado com serradura, tendo 4 purificadores; mas o gaz tem ordinariamente bem máu cheiro quando arde. Tem 2 gasometros cada um com a capacidade de 120.000 pés cubicos; mas o vento norte estragou um deles no dia 13 de agosto deste ano, chegando a deitar abaixo um grosso pilar de alvenaria, é verdade que em terreno arenoso. A pressão ordinária do gasometro é de duas polegadas de agua no manometro. Tem 3 maquinas de vapor de 6 cavalos cada uma, revezando-se duas para fazer vacuo, e obrigar o gaz a atravessar os rolos dos purificadores e ao outro para elevar a agua que condensa o alcatrão, que se obtem na quantidade de 10 libras por cada tonelada de carvão consumido; vende-se por muito menor preço do que é ainda cosido. Já ha 180 lampeões na cidade acesos, e 300 casas já têm gaz; porém os lampeões são pouco elegantes, e vi alguns de haste de madeira.

Depois visitei a Casa de Detenção (1) que é uma bela obra. Já tem a muralha exterior pronta com passeio por cima e guaritas para as sentinelas e dois torreões, onde se conservam os presos. que entram depois das 6 da tarde. O raio do norte está pronto servindo para os detentos, os pronunciados e os sentenciados, tendo visto entre eles o célebre Tomás Gouvêa, que matou um caboclinho, que o acompanhava por não ter a quem matar. É de feia catadura, e conserva na face esquerda a cicatriz

1 — Construida pelo engenheiro José Mamede Alves Ferreira, tendo se concluido a obra em 23-4-1856.

da bala que lhe quebrou os ossos da cara quando o foram prender. As celas chegam a ter 12 presos; ha agua em todas, menos nas solitárias, vindo de 2 tanques, que se enchem por meio de bomba.

Existem banheiros para os presos e empregados, parecendo-me tudo bom menos as varandas para os guardas vigiarem, por defronte das celas; e a alimentação que não é boa nem suficiente; as celas das presas defronte das dos presos e a enfermaria onde ha bexiguentos no mesmo raio dos presos, aparecendo bexigas desde que algum é vacinado, conservando-se na prisão, assim como os loucos.

Ainda não tem altar para os presos ouvirem missa, apesar de requisitado ha meses, e a roupa foi fornecida uma só vez de ha 3 ½ anos para cá... Um dos sentinelas, que são guardas-nacionais, comandados por um oficial de linha, não tinha pedra no cão da espingarda, e segundo o Florencio (2) administrador que parece muito ativo e não tem papas na lingua, esses guardas quando não dormem sujam as paredes com obscenidades.

A obra do caes é muito precisa para que o mar não chegue à muralha brevemente e é para notar que em lugar de se ter terminado o 3º braço do fundo que já estava bastante adiantado se começasse quasi a fazer a do sul, que de certo não fica coberto no fim do ano, como esperava, segundo leio no seu relatório; contudo existe o que é necessário para terminar esse raio. A obra devia ser feita em parte pelo Governo Geral pois essa casa recebe presos de diversas provincias do Norte.

Trabalham bastante e já fazem 150 pares de botinas e algumas tão boas como as finas europeas, por dia. A diaria para a comida é de 240 reis. A mobilia da casa da guarda é miseravel. Os presos dormem em tarimbas de levantar.

Enfim, antes de vir almoçar ainda fui á Caixa dagua da Companhia Beberibe. Contem 3500 barris e já supriu a cidade por 2 dias por ter se arrebentado um cano. A agua de superficie apenas tem poeira por cima; porem é tão boa como a que se tira de 7 bicas que ha do lado do rio. A vista de cima não é má. A agua vem dum olho a duas legoas de distancia para o lado de Apipucos, onde ha outro reservatorio, ou antes açude, segundo me disseram.

2 — Tenente-Coronel Florencio José Carneiro Monteiro.

O Recife em 1859
Rua da Cruz, primitivamente Rua dos Judeus (época da invasão holandesa) e atual Rua do Bom Jesus.
(Litografia colorida, autores desconhecidos. Coleção Palácio Grão Pará, Petropolis)

Acabado o almoço, estive estudando a historia dos lugares memoraveis na guerra com os holandeses, e ao meio dia e 20 fui ao Arsenal de Guerra (3). Muito acanhado, porem bem arranjado, não havendo senão raras maquinas e estas mesmas de mão. Os capotes e calças de fazenda pouco propria; os sapatos vindos do Rio são melhores que os que vi na Bahia; mas estragam-se com qualquer chuva, segundo ouvi ao Comandante dos artífices, sendo os feitos na Ilha de Fernando muito bons, e os comprados aqui superiores aos primeiros mencionados; os que vêm do Ceará já não prestam.

As camisas e calças pareceram-me curtas, e a oficina de alfaiates tem muito pouco oficiais, fabricando-se a maior parte das peças de fardamento fora do Arsenal.

Os menores e artífices têm as camas muito unidas por falta de espaço, mas os generos são bons, menos a farinha dos artífices, parecendo-me contudo insuficiente a ração destes. Os menores lêm apenas sofrivelmente, desenham menos mal, e resolvem problemas faceis de geometria, sabendo mal a conta de repartir; não vi as escritas, porque o mestre tinha levado as chaves das gavetas.

O armamento dos artífices (4) faz gosto ve-lo de bem limpo. Trabalham bem de ginastica e ha 20 formam um nucleo de corpo de bombeiros, tendo feito alguns exercicios, como o de escadas até um primeiro andar, donde desceram mal pela manga por causa da pouca altura. O Diretor deu-me um relatório que junto. O Coronel Lobo queixou-se de ainda servir interinamente de secretário do conselho de compras, cuja repartição me pareceu regular.

Ás 5 e 3/4 fui passeiar pela Madalena voltando pelos Remedios e Afogados. A ponte da Madalena está belamente situada sobre o Capibaribe, e senti passar pelo aterro dos Afogados, que do fim da ponte do lado da cidade até terminar conta 738 braças e acaba de ser macadamisado, como a ponte cortada, de meio; porque não pude ver a linda vista dos dois lados, observando da do mar perto da estrada de ferro e de frente para a banda da cidade e de Olinda.

---

3 — Dirigido pelo Cel. Antonio Gomes Leal.

4 — A Companhia dos Artifices tinha como comandante o Capitão Trajano Alipio de Carvalho Mendonça.

Vi na estrada dos Remedios uns coqueiros barrigudos Macaíbas (Macaúbas) de cujas folhas menores tiram-se por maceração fios de seda porem mais aspero que esta; pedi-os ao Melo Rego que me deu esta informação e as outras que se seguem. Um bom barro para olaria, principalmente do lado direito da estrada dos Remedios vindo para os Afogados, e nesses campos pasta mal o gado uma graminea só menos dura quando mole chamada *luca*, nome tambem dum lugar próximo á estrada dos Remedios. Para consumo da cidade matam-se diariamente 100 bois; o que admira comparando a matança do Rio, sendo a população do Recife, como ainda ouvi esta tarde ao Figueira de Melo, cuja estatística ainda está para se publicar todo há 7 anos, por culpa da tipografia do "Diario de Pernambuco", de 80 mil almas; é verdade que calculada em 1846.

O matadouro fica ao lado direito do aterro dos Afogados vindo para cidade.

Na passagem da Madalena ha uma ponte do Chora-Menino, como existe um chafariz na Bahia, celebre na setembrinada, tendo-se por essa ocasião, segundo o vulgo, escondido muitos cabedais numa vala.

Na volta para a cidade passei pela *rua direita*, que é uma serpente quasi na forma.

Esqueci-me dizer que depois de sair do Arsenal corri grande parte do Recife vendo por fora na Rua da Cruz a casa de escritório de Meuron, que foi onde morou João Fernandes Vieira. É estreita e de 3 andares, tendo 3 portas no rez do chão; 2 janelas de balcão corrido no 1º andar; 3 de sacada de ferro corrida no 2º; e 2 de peitoril no 3º.

Algum tanto mais adiante do lado oposto, á direita indo para fora de portas, que existiam outrora junto a um forte do Bom Jesus, demolido pelo Paraná, no principio da rua da Cruz, uma figura de baixo relevo na parede duma casa (5), representando um homem de barbas longas e segurando uma especie de (ilegível), com vestido talar, e tendo sobre a cabeça uma inscrição onde julguei ler: Jacob Bettick Genaemt; havendo outras letras que não decifrei no pouco tempo que estive parado; hei de mandar lá alguem para examinar melhor.

---

5 — A celebre Pedra de Jacó, que mereceu já tantos estudos de historiadores. Atualmente, acha-se no Instituto Arqueologico e Historico Pernambucano.

Vi tambem as ruinas do antigo forte do Matos (6) junto á casa da Assembleia Provincial, que pertenceu á Inspeção do algodão, e o beco entreitíssimo, onde foi assassinado o Fidiex.

Ás 8 fui ver a pé todas as luminarias, sendo a mais bonita a do Bairro da Boa-Vista. Gastei 2 horas e 20, muita gente; muitos vivas, e quando cansavam as guelas aplausos com as palmas das mãos, e muito pó, sendo para lamentar que as mais belas se contem na maior parte, que não estão calçadas. Disseram-me que um bom prédio no Recife junto á ponte nova, é do engenheiro da Provincia José Mamede Ferreira (7). O diario vai escrito muito á pressa porque preciso descansar.

Antes do almoço vieram os pescadores com uma jangada sobre rodas e armada de folhagens, e todos uniformisados, oferecer-me uma bela pescaria de cavalas que encheram tres salvas grandes. No passeio á tarde vi um coqueiro cujo tronco em certa altura formava uma dupla curva.

6 — Forte fundado em 1685, pelo Capitão Antonio Fernandes Matos, com o nome de Madre de Deus e São Pedro, ocupava um quadrado de 66 metros.

7 — Dr. José Mamede Alves Ferreira, formado pela Universidade de Coimbra e Escola de Paris.

Substituiu Vauthier na diretoria das Obras Publicas, tendo realizado um fecundo trabalho. Entre suas principais obras, citam-se a Casa de Detenção, o Hospital Dom Pedro II, o Cemiterio de Santo Amaro, o Ginasio Pernambucano, varias estradas, etc.

Nasceu em 17-8-1820 e faleceu em 23-1-1865.

Saí depois das 6 e fui primeiramente ao estabelecimento Cambrone (1) para limpeza da cidade. Examinei os diversos sistemas de latrinas, pretendendo ele separar as materias solidas das liquidas, que por meio de canos de grés vidrados serão conduzidos para o rio, vindo as solidas depois de desinfetadas quando recebidas nas casas, por agua até defronte do estabelecimento onde se converterão em "poudrette".

A estrada do norte para Olinda passa por defronte do estabelecimento, e talvez convenha que a "poudrette" não se prepare desse lado, mas para o fundo do terreno do estabelecimento que deita para a Tacaruna. Já tem toda a planta feita para limpeza dos 3 bairros, e espera qualquer dia uma remessa de canos. As casas não são pequenas, tendo diversas oficinas, e 38 trabalhadores, esperando mais 15. Cambrone é francês e parece francês; hei de procurar ver as condições do contrato feito com a Provincia, em outubro do ano passado. As latrinas nas casas têm reservatorio dagua que é a que ajuda a separação das materias.

Pouco adiante do lugar do estabelecimento para o lado do ístmo de Olinda na distancia de cerca de 1.000 braças dessa cidade, mostraram-me uma pequena terra, onde consta que houve um forte do Bom Jesus. Pensei que fosse o forte da terra, mas já sei que esse que tambem se chamou de São Jorge era onde agora se acha a Igrejinha do Pilar, fora das portas.

Depois fui ao Hospital Militar vendo no caminho numa das janelas da casa onde mora o Borges da Fonseca (2) *que*

---

1 — Engenheiro francês Charles Louis Cambronne, que em 1858 contratou com o governo a limpeza das ruas e o serviço de esgotos.

2 — Antonio Borges da Fonseca, o maior pasquineiro e o panfletario de maior duração no Imperio.

(Vide o magnifico trabalho de Helio Viana, **"Contribuição á Historia da imprensa brasileira"**, capitulo "O republico Antonio Borges da Fonseca", paginas 535 a 593.

me cumprimentou antes de eu faze-lo; achei-o mudado da ultima vez que o vi e parece que (ilegível) para a cidade, donde até se disse que se retirara, o que já creio que não é exato, para Iguarassú, por causa do entusiasmo do povo, pois logo que cheguei soube que o tinham antes ameaçado de quebrar-lhe os tipos se continuasse a fazer como fazia na Tesoura e outro papelucho, que ainda não li.

O Hospital (3) ainda não está acabado, mas o plano não me parece bom. É espaçoso, mas falta-lhe agua apesar de ter a caixa dagua feita, já havendo ordem para encana-la, porem encontrando-se embaraços da parte da Companhia Beberibe. Apenas tem uma caixa incompleta de instrumentos cirurgicos. As camisas e calças fornecidas são curtas e estreitas, sobretudo para doentes. Não tem sala de convalescentes. O diretor mora no Monteiro, porem disse-me que dormia ás vezes no hospital numa cama que mostrou-me. No tempo das aguas não se pode ir para o hospital por um lado, porque encharca. O oleo de ricino da botica não é do melhor, e não sei como serão outras drogas. Abundantes molestias sifiliticas, e a mortandade maior é de tuberculosos. O diretor ficou de apresentar-me um relatorio. Junto o mapa diario.

Depois do almoço fui ao Curso Jurídico (4). Casa acanhada. Assisti a exames de todos os anos. Estudantes fracos, entre os quais o filho (5) do Visconde de Albuquerque no 2º ano. Ouvi a todos os lentes menos o Pereira Rego (6) e Apri-

---

3 — O Hospital Militar tinha o seguinte quadro:

Diretor — Major Felipe Duarte Pereira; Medico — Dr. Manuel Adriano da Silva Pontes; Cirurgião — Dr. Praxedes Gomes de Sousa Pitanga; Almoxarife — Tomaz Antonio Maciel Monteiro; Farmaceuticos — Alferes Domingos Gomes Borges e Braz Marcelino do Sacramento.

4 — O Curso Juridico, dirigido então pelo Barão de Camaragibe, tinha o seguinte corpo docente:

Primeiro ano — 1ª cadeira Dr. José Antonio de Figueiredo; 2ª cadeira Cons. José Bento da Cunha Figueiredo. Segundo ano — 1ª cadeira Braz Florentino Henrique de Sousa. 2ª cadeira Dr. Jeronimo Vilela de Castro Tavares. Terceiro ano — 1ª cadeira Nuno Ayque de Alvelos Anes de Brito Inglês; 2ª cadeira — João José Ferreira de Aguiar. Quarto ano — 1ª cadeira, Lourenço Trigo de Loureiro; 2ª cadeira João Capistrano Bandeira de Melo. Quinto ano — 1ª cadeira Dr. Francisco de Paula Batista; 2ª cadeira Cons. Pedro Autran da Mata e Albuquerque; 3ª cadeira Vicente Pereira do Rego.

Lentes substitutos — João Silveira de Sousa, Manuel do Nascimento Machado Portela, João Capistrano Bandeira de Melo Filho, Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, João José Pinto Junior.

5 — Manuel Artur de Holanda Cavalcanti, formado em 1863.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 10-8-1840 e faleceu em Paris. Em 28-9-1882 foi agraciado com o titulo de Barão de Albuquerque. Solteiro.

6 — Vicente Pereira Rego.

Brigadeiro José Joaquim Coelho
BARÃO DA VITÓRIA

(Óleo existente no Instituto Histórico Brasileiro)

gio Guimarães (7), e dos que não conhecia gostei do Portela (8), Bandeira de Melo Filho (9), Braz Florentino (10) e Pinto Junior (11). O Loureiro (12) parece saber o que ensina, mas parece carrança e tem pronuncia portuguesa muito carregada. O Nuno (13) creio que tambem sabe o compendio. O Aguiar (14) repisou muito as idéias. Vi na sala de exames do 3º ano um pulpito do principio da Escola. Indo á Secretaria contei 50 estudantes, entre os quais grande numero dos que figuram agora na vida pública, que fizeram exame do 1º ano em 1829, primeiros exames do novo curso juridico porem muitos vieram de Coimbra, segundo me disse o Aguiar, um dos estudantes da creação do curso. A biblioteca está no Colégio das Artes, que visitarei amanhã.

Depois da 5 e meia fui passeiar á Soledade voltando ao largo da Cruz. O Bispo (15) tem um bom palacete no chamado corredor do Bispo, que é uma boa rua, e apesar de possuir outro em Olinda, onde está a Catedral, só aí passa 2 dias da Semana Santa.

Defronte do quartel do nono, na soleira de uma casa, que revi melhor depois, foi que um tiro matou o Nunes Machado. Sempre muita poeira, e a cidade carece de ser ao menos macadamisada nas ruas principais, assim como de mais pontes sobre o rio, porque é muito incomodo ter de passar do bairro de Santo Antonio por uma mesma ponte para o da Boa Vista ou o do Recife; o complemento do cais tambem é muito necessário. Falei com o Dr. Feitosa (16) antes do jantar, e de noite veio com a deputação de suas duas sociedades congratular-me fazendo queixas políticas. É pouco *claro*, com olhos mais espertos que inteligentes, e ares de ambicioso pouco ousado na ação. Exprime-se com facilidade e parece estar agora em excelentes ideas. Disse-me que lhe parecia o Forte de São Jorge ficava para o lado de Tacaruna.

---

7 — Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.

8 — Manuel do Nascimento Machado Portela.

9 — João Capistrano Bandeira de Melo Filho.

10 — Braz Florentino Henrique de Sousa.

11 — João José Pinto Junior.

12 — Lourenço Trigo de Loureiro.

13 — Nuno Ayque de Alvelos Anes de Brito Inglês.

14 — João José Ferreira de Aguiar, mais tarde Barão de Catuama.

15 — Dom João da Purificação Marques Perdigão.

16 — Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

De noite, depois das 8, vieram 2 batalhões patrioticos, ambos com bandeiras, e o primeiro com tochas e de traje branco e chapéu de palha com fita vermelha, trazendo alguns archotes, e bastantes a cavalo, acompanhando todos um carro figurando o Capibaribe, que se levantou para recitar versos, sendo o que segurava as redeas dos dois cavalos, sustido pelos freios por segurança, outra figura do rio assentada num peixe de cauda a abanar com o movimento do carro, que trazia 7 meninas que cantaram um hino acompanhado por uma das duas bandas de musica tambem de trage branco, e chapéu de palha com fita verde. O Lamenha (17) comandava os batalhões e entre os soldados do primeiro conheci o filho do Magalhães Castro, a cavalo, e o do General Coelho (18), sustentando uma das bandeiras. Houve muito foguete e viva, e a praça quasi metade principiando da porta do Paço estava apinhada de povo.

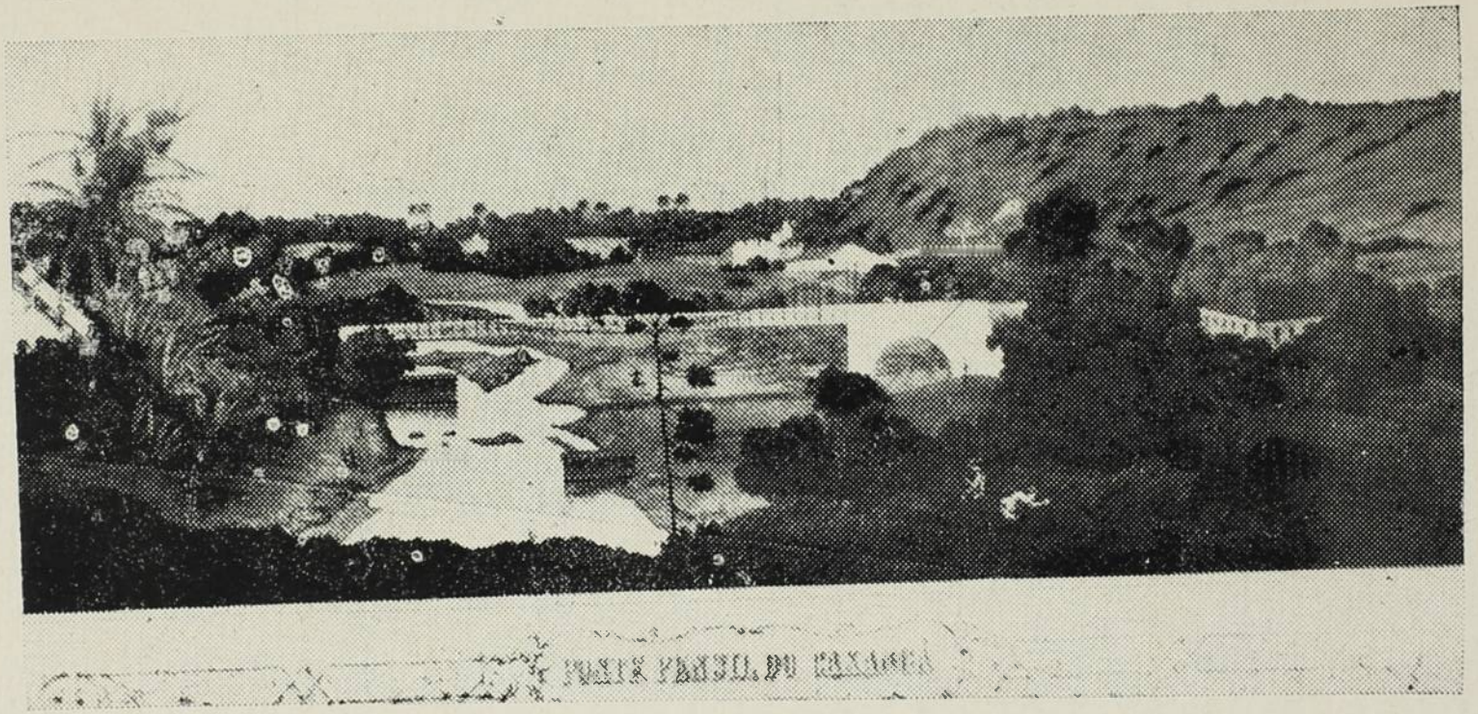
Caíram algumas gotas dagua hoje e choviscou pouco ontem. De manhã ha ventos do quadrante de N.E. e de tarde do de S. a E. e quasi que ha sempre muito fresco principalmente no Palacio. As trovoadas aparecem no principio do inverno, e durante este é que as chuvas que ás vezes duram 15 dias a fio como sucedeu este ano.

---

17 — Cel. Bento José Lamenha Lins, casado com Maria Isidora Paes Barreto, filha do Marquês do Recife e ultimo Morgado do Cabo.

18 — Brigadeiro José Joaquim Coelho, nascido em 25-9-1797 e falecido a 19-6-1860. Barão da Vitoria, com grandesa, por decreto de 14-3-1860. Casado com Maria Bernardina de Gusmão, Baronesa da Vitoria, de quem teve 8 filhos:

F 1 — Virgilio de Gusmão Coelho, casado com Emilia de Oliveira;
F 2 — Demetrio Coelho, casado com Maria Augusta de Almeida;
F 3 — Joaquim Coelho, casado com Francisca de Souza-Leão;
F 4 — José Joaquim Coelho, casado com Adelaide Coelho.
F 5 — Horacio Coelho, falecido solteiro.
F 6 — Joaquina, casada com João Pinto de Lemos.
F 7 — Amalia, casada com o Dezembargador Freitas Henriques.
F 8 — Maria Guilhermina, casada com João Hermenegildo Borges Diniz.



O Recife de 1859

Ponte pensil do Caxangá, construida pelo engenheiro francês Luis Leger Vauthier.

(Litografia colorida, autores desconhecido. Coleção Palácio Grão Pará, Petropolis).

Às 6 fui ao Caxangá ver a ponte (1), que dista do largo do Colégio, donde se mediram todas as distancias 4.800 braças, havendo um aterro pouco adiante do lugar do viveiro pouco menos de 2.800 braças até o Caxangá pequena aglomeração de casas terreas com sua capelinha. O caminho é o de Pau-Dalho e vai-se pela ponte da Madalena. Notei que os generos ainda vinham ás costas de cavalos sendo a estrada até Pau-Dalho de carro, e disse-me o Melo Rego que na estrada da Vitoria já ha bons carros como em Petrópolis. Cada cavalo carrega 2 sacos de açucar cada um de 5 arroubas, e o condutor que vai assentado em cima.

A ponte é suspensa por cordas de arames de ferro que prendem em dois pegões e tem o vão de 270 palmos que é pequeno para as grandes cheias do rio, tendo a de 1854 chegado até os barrotes da ponte. O pegão da parte dalem abateu dum lado e rachou o arco de abertura que tem para a passagem das aguas, inclinando a haste de ferro do lado direito indo por cima da qual passar a corda de arames, puxando pela ponteira que também se desviou da vertical, e para isso fizeram um arco por baixo da que existia, segurando ainda o pegão por meio duma estacada de 15 palmos de profundidade retendo um revestimento de alvenaria enterrado no chão 12 palmos.

Depois de concluida esta obra sucedeu o mesmo ao pegão do lado oposto onde se fez para segura-lo o mesmo que ao primeiro. Enfim a ponte construida em 1854 carece de ser substituida por outra de melhor sistema, e consta-me que já ha planta.

Ví no Caxangá o Dr. Pto. Pessoa (2) que concorre 3ª vez para substituto da Faculdade. Amigo antigo de Borges da

---

1 — Construida por Louis Leger Vauthier, a primeira ponte pensil do Brasil e talvez da America do Sul.

2 — Dr. Francisco Pinto Pessoa.

Fonseca mostra-se agora monarquista, e veio oferecer-me a casa para descansar. É muito preguiçoso, e diz que não sabe completar a leitura duma obra. Pouco adiante há um (ilegível) que a cheia deste ano botou abaixo, convindo como me disse o Melo Rego, e parece acertado, deixar as aguas passarem por cima do aterro, calçando-o nesse lugar convenientemente. O dono do engenho do Brum opõe-se, mas ha uma vala para esgoto das aguas do seu terreno.

Depois do almoço fui á Faculdade, mas os lentes Pereira Rego (3) e Aprigio (4) já tinham arguido. Ouvi o resto do exame do último exame do dia do 5º ano e fui á livraria do Curso. Tem bons livros novos, porem muito pouco proprios dum curso de direito e das materias preparatorias e bastantes alfarrabios de teologia talvez vindos dalgum convento. Ha catalogo que se está acabando de imprimir; mas não vejo classificação dos livros nem indicações dos lugares para acha-los; o Conego Pinto de Campos, que é o bibliotecário, disse que não era dificil acha-los por serem poucos; contudo o numero não é muito diminuto. Ao pé há uma chamada biblioteca, com os respectivos empregados; mas sem quasi escolha nos livros havendo até alguns cuja leitura é nociva, muito pequena, estando os livros apenas classificados nas estantes, em 3 ramos, porém falhos de indicações para acha-los. Depois assisti aos exames de geometria e aritmetica e geografia. Os estudantes foram em geral bastante fracos, e o professor de filosofia pareceu-me pelo modo por que examinou saber mais aritmetica do que o professor da aula; aquele chama-se creio que Herculano de Sousa Bandeira, e este João Vicente da Costa e Silva. O professor de Geografia parece mau, e o outro que tambem examinava apesar de ser professor de Retorica (chama-se creio que Francisco Serafico de tal) perguntou bem. Houve escrita em Geometria, em Historia e Geografia; o examinando nessas ultimas materias era fraquissimo. Nas notas dos exames de ontem e que assim julgo pelo que presenciei, que houve favor para todos os aprovados plenamente que mereciam levar um *R*. As duas casas da Faculdade de Direito e Colegio das Artes (5)

---

3 — Vicente Pereira Rego, catedratico da terceira cadeira do 5º ano.

4 — Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, Lente substituto.

5 — Eram professores do Colegio das Artes: Dr. José Lourenço Meira de Vasconcelos, Dr. Candido José Casado Lima, Dr. Leonardo Augusto Ferreira Lima, Dr. Antonio Herculano de Sousa Bandeira, Dr. Inocencio Serafico de Assis Carvalho, José Pedro da Silva e Dr. Manuel Ferreira da Silva. Professores Substitutos — Dr. Francisco Pinto Pessoa, Pe. Joaquim Graciano de Araujo e Dr. João Vicente da Silva Costa.

são até quasi indecentes e muito acanhadas; ao menos caiem-nas e pintem-nas.

Voltei a casa e pouco antes das 3 fui ver 4 escolas de 1ª letras as que segundo a informação do Diretor da instrução publica provincial o Dr. Portela (6) se tornavam dignas de visita nos 3 bairros da cidade.

Aula da travessa do Carmo, casa nº 1 do Padre Varejão, 128 matriculados, e 80 a 90 de frequencia. Casa muito acanhada e com pouco arranjo queixando-se o mestre de que lhe dão só 900 mil reis por ano para casa, alem do ordenado que é de 700 com a gratificação de 200. Tinha diversas obras em francês e inglês, até um dicionário grego-francês de (ilegível) que eu não conhecia; mas o professor respondeu-me que só *arranhava* um pouquinho de inglês. Pouco trabalho; mas os meninos estão sofrivelmente adiantados. Queixou-se de que lhe mandassem os traslados sem ser em quadros, não servindo por isso.

Aula da Rua da Gloria. 124 matriculados e 80 a 90 de frequencia. O professor pareceu-me sofrivel; mas a casa é muito acanhada e terrea. Aula de meninas, 87 matriculadas e 60 a 70 de frequencia. Casa melhor e de sobrado, e a professora é boa. Aula de meninos na Rua dos Guararapes; 61 matriculados e frequencia 46. O professor pareceu o melhor dos que já vi esta tarde. Os estudantes continuam como em todas as partes, com poucas exceções, a mostrar-se muito fracos em aritmetica.

Depois das 8 da noite fui ao Teatro (7). É elegante, mas pequeno, e com 4 ordens de camarotes sendo creio que 61 no todo. O meu camarote tem boa sala de descanso, mas a escada, apesar de bem lançada, é a geral. Cantaram retalhos, e mal, sendo a orquetra sofrivel, acabando ás 11 e 5 minutos. A iluminação é a gaz.

Esquecí-me dizer que na travessa do Remedio, tendo sido a estancia ou o ponto da gente de Camarão no Remedio, há apenas 1 capelinha, que vão agora reparar, construida pelo Padre Manuel Caetano no tempo de Caetano Pinto.

Junto duas notas a respeito da figura da casa n. 64 da rua da Cruz.

Na povoação de Caxangá há uma fontesinha de agua ferrea que provei, não turva muito e é procurada pelos doentes. A noite passada quando me deitei ventava muito.

---

6 — Dr. Joaquim Pires Machado Portela.

7 — Teatro Santa Isabel, construido por Vauthier, inaugurado em 1850. Foi iluminado, nessa noite, pela primeira vez, a gaz.

O espetaculo constou de trechos da opera "Linda de Chamounix", interpretados pelas Senhoras Fabbri e Patreri e pelo Sr. Torricelli.

D. Pedro irá ver este drio, depois, no teatro de S Francisco da California, em 1876.

27

Fui ás 6 da manhã dar um passeio até o açude do Prata. Pouco distante da cidade, toma-se á esquerda do caminho de Apipucos, passa a igrejinha da Estancia, que passa por fundada por Henrique Dias, que se achava postado com sua gente na passagem da Madalena e suas circunvisinhanças. Está, maltratada, e tem uma irmandade de pretos. Largando novamente a estrada de Apipucos toma á esquerda pelo caminho do Chacon a encontrar o rio pouco acima da passagem do Cordeiro no Capiberibe, onde Fernandes Vieira passou o rio a cavalo com sua tropa para atacar os holandeses na Casa-Forte ou no engenho de Ana Paes senhora dele ou de Isabel Gonçalves rendeira.

A maré chega até Apipucos e o rio não dá vau na passagem de Cordeiro quando a maré está cheia ou no tempo do rio tomar aguas; gastei 5 m. em andando ligeiro do começo do caminho do Chacon até o rio.

O engenho Cordeiro fica para cima muito pouco, e mais acima ha outra passagem. Pouco depois de tomar a estrada de Apipucos larguei-a, seguindo para o lugar da Casa-Forte, de que não se tem encontrado o menor vestígio, estudando-se o terreno até os caldeireiros caminho que segue para a esquerda; em poucos minutos achava-me de novo no caminho de Apipucos. Dai ha pouco passei pelo Monteiro, onde há duas casas e uma capelinha, e não parei senão em Apipucos, onde entrei na capelinha que dizem ter sido fundada por uma certa Branca Dias dona desse engenho, de que me mostraram pouco longe da capela e á esquerda olhando daí um resto de pilar da casa de vivenda, e á direita da mesma posição restos da casa de purgar. Um José Afonso Ferreira da Boa Vista da cidade, tem papeis antigos a respeito dessa capelinha.

Depois fui vêr o açude do Prata. Forma uma especie de lago, gastando na andadura do meu cavalo 6 minutos a cir-

cula-lo. Deram-me muito boa agua aí colhida para beber, mas é preciso guardá-la na cidade um dia ao menos para perder o gosto de ferro, que tem mais ou menos, sendo hoje bastante sensivel, e diferindo a bebida logo do açude apenas na temperatura que é morna. Deste açude parte o encanamento das aguas da cidade, obra da Companhia Beberibe. Na volta gosei da bela vista do alto dos Apipucos, donde se descobre a cidade e toda a Varzea, com lindissima visão, sendo provavelmente a eminencia donde diz a historia que Henrique Dias observava os movimentos do inimigo. O proprietário do sítio, o comandante do C. Policial Tenente-Coronel do Exercito Sebastião Lopes Guimarães mandou fazer um mirante de pau, com escadas e rodeando uma arvore que aí ha, tornando-se assim um lugar belissimo para tomar café e conversar de tarde ou de manhã antes de vir o calor.

Não muito distante de Apipucos tomei á esquerda pelo beco que chamarei caminho do Quiabo, e depois de pequeno declive cheguei ao Arraial-velho fundado por Matias de Albuquerque chamado na historia de Arraial do Bom Jesus, que está num plano que desce depois insensivelmente para o caminho de Apipucos. Ha algumas casas. Há colinas á esquerda, e a que fica do caminho do Quiabo vai para o lado de Apipucos até a casa, que é bôa, do português Ferreira. O Comandante da policia, que diz ter caçado muito por aí nunca achou vestigios de acampamento entrincheirado, mas será bom examinar melhor porque esse certamente não é exceção da ignorancia (1) que encontro em geral nos pernambucanos da história gloriosa de sua provincia nessa época.

---

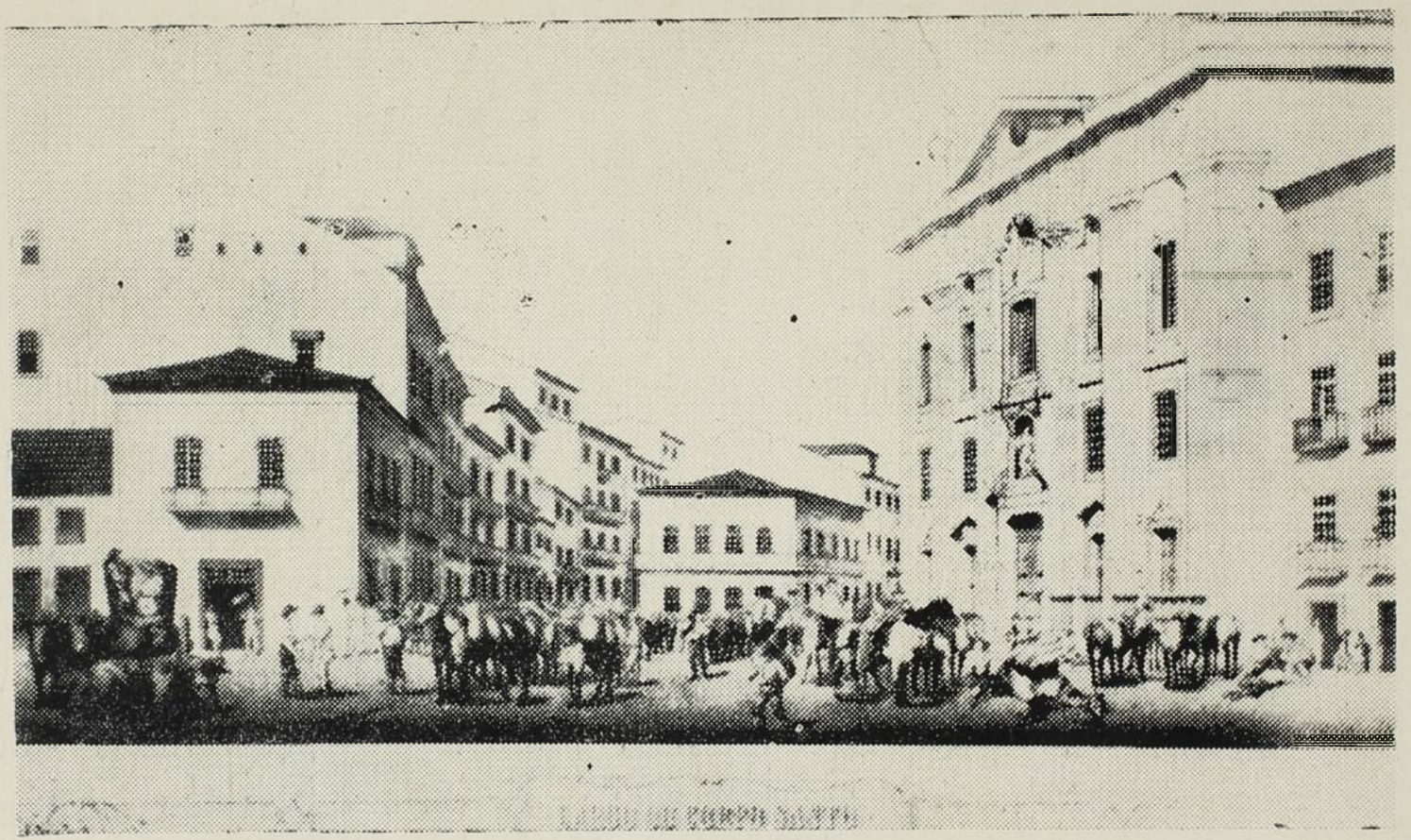
1 — Muito deve ter chocado, na verdade, a Dom Pedro II a ignorancia historica. Principalmente, se recordarmos que o Imperador presidiu a 506 sessões do Instituto Historico Brasileiro, incrementou as pesquizas dos nossos historiadores e ele proprio se interessou muito discretamente pelo assunto.

Existe no arquivo da antiga Superintendencia da Imperial Fazenda de Petropolis, a correspondencia de Caetano Lopes de Moura, que vai de 1846 a 1860, peças ineditas e de um sabor agradavel. Dom Pedro II, com 21 anos de idade, mantinha na Europa, pagando do seu bolso, o preto bahiano Caetano Lopes de Moura afim de pesquizar em arquivos, bibliotecas e museus, na França, Holanda, Belgica, Espanha Italia, Portugal.

E essas pesquizas não eram ao sabor do bahiano, mas dirigidas diretamente pelo proprio Imperador, como se poderá ler em numerosas cartas. De Paris, em 30 de janeiro de 1847, escrevia Caetano: "...cumprindo com as ordens de Vossa Majestade Imperial, tenho compulsado, nos diversos estabelecimentos cientificos e literarios desta capital, as obras impressas e manuscritos..."

Em 1851, Caetano Lopes de Moura, que era um latinista completo, enviou alguns capitulos da obra de Barleus, copia e tradução portuguesa.

Felizmente, os pernambucanos em 28 de janeiro de 1862 fundaram o



O Recife de 1859

Igreja do Corpo Santo, primitivamente Capela de São Pedro Gonçalves, construida no século XVI, durante a invasão holandesa foi templo luterano, depois matriz em 1653, e reconstruida tôda de pedra de cantaria portuguesa, em 1810. Criminosamente demolida em 1913 (Litografia colorida de autores desconhecidos. Coleção Palacio Grão Pará, Petropolis).

Ainda me desviei para passar pela povoação do Poço da Panela com mais casas do que Apipucos e uma igrejinha; é a freguesia; o inglês Gibson (2) tem aí uma casa que parece bem arranjada.

Saí do açude do Prata pouco depois das 8. ás 8 e 40 já estava no Monteiro, para cá pouco do Arraial, e ás 9 e 40 em Palacio, calculando daqui ao açude do Prata a distancia entre 2 ½ a 3 léguas.

A respeito destes lugares célebres na guerra com os holandeses (3) irei juntando os extratos que pedi ao Pedreira para fazer de diversas obras. Ja tenho num mapa quasi que traçado todo o itinerário de Vieira desde que fugiu da cidade até a entrada desta pelos Independentes.

Depois do almoço fui ver as seguintes igrejas — São Pedro Gonçalves — é um bom templo. Foi primeiramente uma capela e quando o Bispo José Justiniano de Azevedo Coutinho quiz este por ordem do governo transferir a matriz daí para a capelinha do Bom Jesus, demolida no tempo do Paraná, junto ao forte do mesmo nome ou o denominado Quebra-Pratos, e já ia para mudar o santissimo o povo amotinou-se, e tendo ele cedido foi por isso chamado a Portugal onde foi perseguido. Ouvi isto do Vigario antes de começar a missa que assisti nessa igreja.

Capelinha do Pilar, no local do forte de São Jorge, muito pequena e maltratada; não achei nenhuma reminiscencia.

São Francisco — o mais belo templo de que vi pelo genero, mas em menor escala do da Bahia; a Capela dos Terceiros é primorosa; mas eles para ficarem inteiramente independentes construiram Igreja sua boa mas sem se distinguir do comum tendo ao pé Hospital pequeno, e com mau cheiro na escada aonde não chegava o perfume queimando nas enfermarias. Não vi a sala do consistorio, que dizem ser muito vasta por estar aí a Secretaria da Presidencia durante minha estada aqui, e ser domingo e portanto estar fechado. Externamente ao convento, como ornato, ha dois animais de geovo ou barro que tudo po-

---

Instituto Arqueologico e Historico Pernambucano, destinado a zelar pelas tradições e historia local. Foram seus fundadores: Antonio Witruvio Pinto Bandeira Acioli Vasconcelos, Antonio Rangel Torres Bandeira, Joaquim Pires Machado Portela, José Soares de Azevedo e Salvador Henrique de Albuquerque.

2 — Henry Gibson.

3 — Em carta de 28, dizia Dom Pedro II á filha: "Tenho já bastante que contar-te a respeito da historia da guerra com os holandeses, cujos lugares mais memoraveis conheci e continuarei a percorrer, esperando que á minha volta, a historia de nossa patria já esteja na ponta da lingua".

dem ser menos o que pretendem representar que são leões. Os holandeses fortificaram o Convento que defendia a casa do Conde de Nassau, e na tomada do convento mataram 70 e tantos, segundo ouvi a um frade que o lera em Jaboatão. Hoje são 18. A catacumba nº 22 é onde está enterrado o Nunes Machado, cujos ossos disse o periódico Ordem que o Feitosa (4) queria transladar durante minha estada para o cemitério. O Convento foi edificado em 1606 segundo ouvi a um dos frades.

São José, matriz nova. Igreja muito bôa que está construindo o Bispo. Deve ficar obra majestosa e é pena que já há 3 rachas em três pontos da parede da frente, e duma nave inteira e duas laterais incompletas.

Convento do Carmo — boa igreja e notavel pelas belas cadeiras de jacarandá para os frades cantarem o ofício. Estão no corpo da igreja e são trabalhos dum irmão da Ordem. Vi os retratos do Sr. Bispo de Crisopolis tirado em 1841, não me parece semelhante, e o do irmão Bispo do Maranhão que tinha uma bela fisionomia e ser parecido. Fui á cela do Sr. Bispo composta de duas peças, que depois pertenceu ao irmão Bispo do Maranhão, sendo agora do religioso Frei Candido de Santa Isabel. É no 2º andar e deita janelas para a travessa do Carmo. Escrevi no quarto de cima e num papel e com pena de aço e papel que aí achei o seguinte, tencionando mandá-lo ao Sr. Bispo: Escrito na cela de Frei Pedro Santa Mariana. Em 27 de Novembro de 1859 (5). A cela pertence agora a Frei Candido de Santa Isabel.

A Igreja Matriz da Boa Vista é lindissima no frontispicio de pedra lavrada, e muito elegante, mas o interior não merece menção.

O Convento do Carmo tem no frontispicio 1767, mas ha uma sepultura com a data de 1723, e a do Frontispicio é a da reparação.

O Bispo do Maranhão, irmão do Sr. Bispo, está na parede da Capela-Mór á direita olhando para o altar, não tem nenhuma indicação, nem sinal de que ha aí sepultura.

---

4 — Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa.

5 — A respeito dessa visita, o Imperador escreveu á filha: "Has de dar o papel junto ao Sr. Bispo. A sua cela está no 2º andar do Convento e as janelas botam para a travessa do Carmo. Procurei a profissão dele, mas ainda não se achou. O Provincial agora é Frei Jorge de Santana. Pergunta-lhe se ele tem algum retrato do irmão que foi Bispo do Maranhão."

Belém — pequena e maltratada. Aí se recolheu o corpo do Nunes Machado quando o encontraram. O quartel general dos rebeldes foi no caminho de Belém para cá da capelinha e duma pequena ponte, á direita de quem vem.

Um major velho que tem andado pelo palacio e se diz descendente do Vieira refere que Belém foi construida por Vieira sendo donos das terras circunvizinhas.

Conceição dos Militares — um belo templo que se classifica logo abaixo do de São Francisco. e tem uma varanda perto do tecto do côro da igreja, rodeando-o, de belo gosto antigo, que ainda não descobri em nenhuma igreja das que tenho visto no Brasil. Por baixo do côro ha a pintura da batalha dos Guararapes, cuja descrição vai anexo.

Espero informações a respeito de algumas destas igrejas. Sentí não ter achado a profissão do Sr. Bispo, mas prometeram examinar se existia (6).

De tarde depois das 5 ½ acompanhei a procissão do Corpo de Deus que foi concorrida estando as ruas cheias de povo (7).

---

6 — Da Paraiba, em 28 de dezembro, Dom Pedro informava que já estava de posse do original da profissão do Bispo de Crisopolis e dizia: "guardarei como um documento precioso para mim; dize-lhe isto da minha parte".

7 — O palio da procissão de Corpus-Christi foi conduzido por Dom Pedro II, Dr. Luís Barbalho Muniz Fiuza (Presidente da Provincia), Visconde da Boa-Vista, Dr. Joaquim Vilela de Castro Tavares, Barão de Suassuna, Dr. Augusto Frederico de Oliveira, Ministro do Imperio João de Almeida Pereira, e Agostinho Ermelindo de Leão.

Saí ás 7. Corri parte do bairro de Santo Antonio e do Recife, reconhecendo por detraz da capelinha do Pilar, defronte do portão da fortaleza do Brum pouco distante uns alicerces á flor do chão sobre uma altura de areia, e do lado direito da capelinha do Pilar, olhando para ela, e por baixo da parede de pedras com tijolos de permeio arranjados de modo que parecem duma parede desabada; julgo que a Capelinha foi com efeito edificada sobre o lugar do forte de terra ou de São Jorge; o do mar perto de do farol sobre o recife fica quasi no alcance da Capelinha.

Passando pela rua da Cruz verifiquei que a figura tem na mão esquerda um livro, e na direita uma vara e está de toga. com uma faixa na cintura atada com laço, barba larga e pés descalços.

Soube que a Igreja de São Pedro Gonçalves é a mesma do Corpo Santo e reconheci bem o local do forte do Bom Jesus ou Quebra-Pratos, sendo o arco que estava ao pé e formava as portas do Recife para o lado do Norte ou da terra muito bonito principalmente por causa da capelinha toda dourada do Bom Jesus que tinha em cima.

Antes de ir á Alfandega entrei na Igreja da Madre de Deus, que é bom templo com a capela-mór toda dourada e tendo pinturas nos paineis das paredes, admirando a rica obra de talha em cedro sem ser envernizado do tecto da sacristia com belo aparelhado e anjinhos quasi que de inteiro relevo.

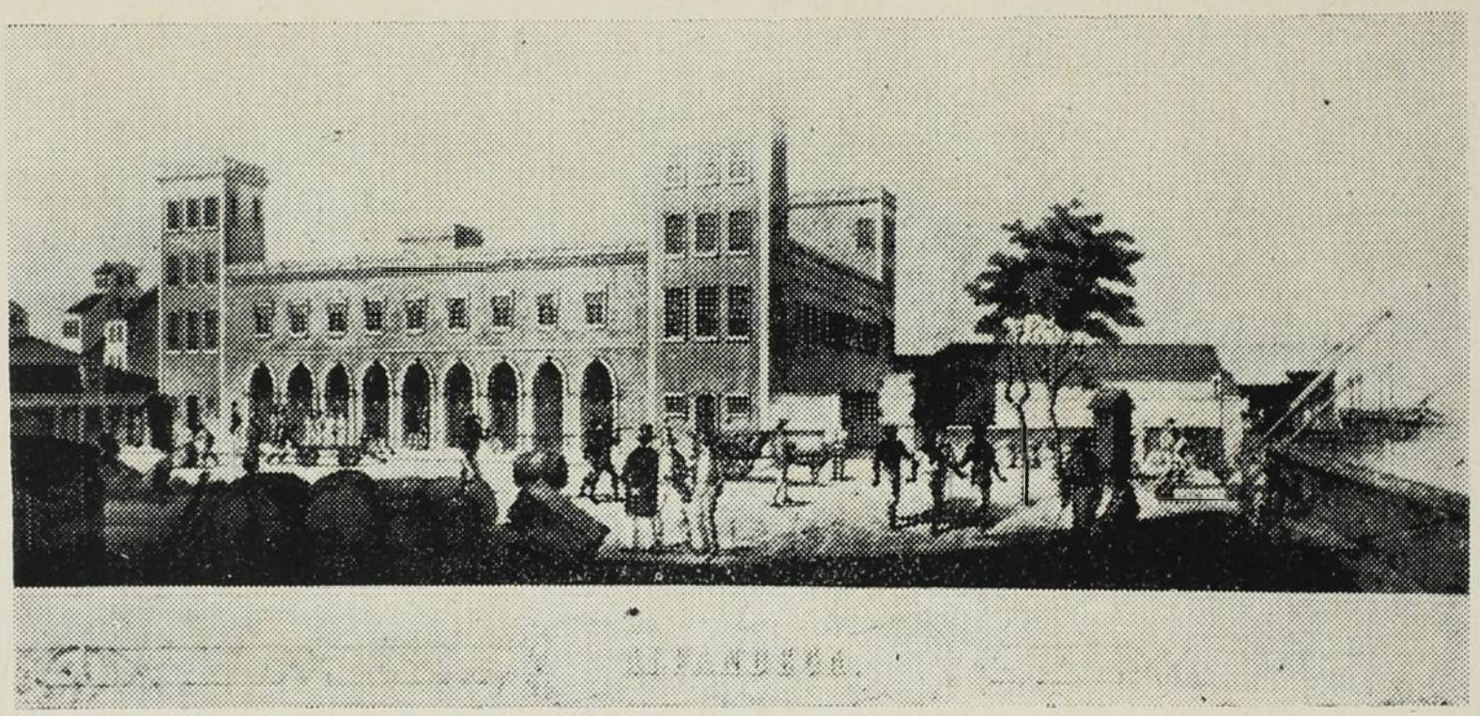
No bairro de Santo Antonio estive na Igreja de São Pedro dos Clerigos cujo frontispicio é muito elegante e de pedra, distinguindo-se os relevos da porta principal, e o interior todo dourado, com excelentes proporções e o corpo octogonal correspondendo dois lados um á capela-mór, e outro á porta, e os restantes ocupados por altares; até a pouca luz a torna mais bela, em arquitetura e gosto é decerto a primeira da cidade.

A alfandega (1) está no antigo convento dos (ilegível) ou de São Felipe Neri a que pertencia a Igreja da Madre de Deus, a que se ligava o edificio hoje da Alfandega desde 1837. É vasto, mas o serviço é mal feito não tendo nem trilhos de ferro e subindo os fardos em carrinhos por uma rampa para os armazens do andar superior, receiando o Inspetor carregar um destes feitos no tempo de Sampaio Viana, estando aliás muito cheio é verdade que de fazendas francesas um dos do mesmo andar do antigo convento. Quatro vigas do madeiramento do armazem bastante longo e largo do tempo de Sampaio Viana já foram reforçadas. As pontes só admitiam 2 navios a descarregar e só de certa lotação em qualquer maré, ainda que não haja risco em encalhar no baixa-mar por ser o fundo de areia, e se se quizer estender a Alfandega o lado porque poderia faze-lo está tomando e vai o sendo cada vez mais pelos armazens particulares. Havia poucos generos. Fizeram-se 2 torreões por ocasião da mudança em 1837, para simetria com outros dois do convento mas não servem agora para a Alfandega por ser muito incomodo subir os andares.

A casa do despacho não é má, tendo sido feita por ocasião da mudança e ás 9 e 1/4 fechou-se em minha presença o portão havendo faltado poucos empregados, e quasi todos por doentes. Pedi diversas informações ao Inspetor.

---

1 — A Alfandega do Recife tinha, na epoca, os seguintes funcionarios: Inspetor — Bento José Fernandes Barros; Escrivão — Faustino José dos Santos; Primeiros escriturarios — Anselmo José Pinto de Sousa Junior, Firmino José de Oliveira, Ricardo Pereira de Faria; Segundos escriturarios — João Carneiro Lins Soriano, Claudino Benicio Machado, João Manuel Ribeiro de Couto, Dr. Augusto Elisio de Castro Fonseca, Florencio Domingos da Silva; Amanuenses — José Francisco dos Santos Miranda, José Afonso dos Santos Bastos, Antonio Luciano de Moraes de Mesquita Pimentel, Maximiniano Francisco Peixoto Duarte, Manuel Gomes de Sá, Tiburcio Valeriano dos Santos, João Osorio de Castro Maciel Monteiro, João Duarte Carneiro Monteiro, Vicente Tiburcio Ferreira Malangunso, Francisco Afonso Ferreira, João José Pereira de Faria, João Antonio da Silva Pereira; Tesoureiro — Joaquim José Miranda; Fiel — Manuel Gregorio Barroso de Melo; Guarda-Mor — Luís de Carvalho Paes de Andrade; Ajudante — Luís Gomes Ferreira; Escrivão de descarga — Francisco Sergio de Matos; Ajudante — Luís da Veiga Pessoa; Feitores conferentes — João Hermenegildo Borges Diniz, Manuel Efigenio da Silva, Antonio Carlos de Pinho Borges, Jesuino José Tavares, Pedro Gaudiano de Ratis e Silva, Pedro Alexandrino de Barros Cavalcanti de Lacerda, Francisco de Paula Gonçalves da Silva, Manuel Peregrino da Silva, Domingos da Silva Guimarães, Clemente José Ferreira da Costa; Ajudante — José Miguel de Lira, João de Freitas Barbosa, Manuel Caldas Barreto, Joaquim Afonso Ferreira; Stereometra — Manuel Coelho Cintra; Ajudante — José Ribeiro Guimarães.



O Recife de 1859

A Alfandega, antigo Convento da Congregação dos Padres Oratorianos de São Felipe Neri, cuja construção foi iniciado em 1672 e concluida em 1712.

(Litografia colorida, autores desconhecidos. Coleção Palácio do Grão Pará, Petropolis).

Fui depois ao consulado provincial (2) e recebedoria que ocupa um dos torreões, tendo alguns comodos vagos em que poderia estabelecer-se talvez com vantagem o geral pedindo diversas e depois visitei a este ultimo que se acha em casa particular porque se paga 1:600$000 pedindo o dono aumento de aluguel. Pedi ao administrador diversas informações, parecendo-me tudo em ordem ainda que se ache acanhado. Perto da Alfandega ha um armazem com ponte onde se embarcam os algodões onde eu fui antes de visitar o consulado provincial.

Num armazem nacional arrendado a particular que ocupa parte do local do antigo forte do Matos havia uma pedra com corôa e cruz que disseram achar-se no Arsenal da Marinha.

Acabado o almoço fui visitar as repartições gerais e provinciais que se acham no antigo Colegio dos Jesuitas. Estão bem acomodadas, menos a tesouraria (3), que os armarios do arquivo pelos corredores, parecendo-me o cartorario um pouco trapalhão. Seis dos melhores empregados estão fora da tesouraria em comissões, de que se queixa o inspetor. O que pude examinar agradou-me. Achei aí um livro de 1644 que parece do tombamento de bens do estado a que lhe pagavam direitos, e recomendei ao Fiuza para mandar examinar os livros antigos que se encontrassem nessas repartições. Ha um livro de patentes de 1655 mas não consta que se encontre no arquivo assinatura de qualquer dos cabos portugueses na guerra com os holandeses.

O correio (4) parece em boa ordem, mas avia as cartas do paquete inglês em 4 horas, e as dos paquetes que vêm das Provincias ao sul de Pernambuco, de 4 a 6 horas.

Ha dias de vender 100$000 de selos, que parece haver inconveniente em serem fornecidos pelo Ministerio da Fazenda,

---

2 — O administrador do Consulado Provincial era o Sr. Antonio Carneirc Machado Rios. Dividia-se o Consulado em 3 seções, das quais eram chefes respectivamente os Srs. Teodoro Machado Freire Pereira da Silva, João Inacio do Rego e João de Sá Leitão.

3 — A Tesouraria Geral tinha como principais funcionarios:
Inspetor — João Batista de Castro e Silva; Contador — Emilio Xavier Sobreira de Melo; Procurador Fiscal — Dr. Fernando Afonso de Melo; Secretaria — Oficial Maior: José Inocencio Pereira da Costa; Contadoria — Chefes de Seção: Antonio Luís do Amaral e Silva, José Henriques Machado, Francisco José Martins Pena, José Francisco de Moura; Tesoureiro — Cel. Domingos Afonso Neri Ferreira; Pagador — Manuel José Teixeira Bastos .

4 — O Administrador e tesoureiro do Correio era o Sr. Domingos dos Passos Miranda.

que muito esquece-se de manda-los para as Provincias, tendo o Almeida Pereira visto embaraçado na remessa de cartas antes da sua saida da Bahia.

A Tesouraria da Fazenda Provincial (5) parece em boa ordem; mas a contadoria tem muito poucos empregados, estando contudo em dia a tomada de contas, o que não sucede á geral, em que do exercicio de 57 a 58 só se tem tomado algumas.

Disseram-me na Tesouraria Geral que não faltavam bilhetes, mas cobre demorando-se por isso o pagamento á marinhagem, e sendo o agio do cobre de 8 a 10%.

O Pedreira disse-me esta tarde que lera no Jaboatão, o Arraial Velho denominado Arraial do Bom Jesus de Parnamirim, o que decide a questão do local no sentido do que já escreví, e que o Forte do Convento de São Francisco era o forte Ernesto — Castrum Ernesti — de Barlaeus, assim como que não vem referido o numero dos frades mortos.

Depois das 5 ½ fui ao cemiterio que é digno de ver-se, por seu bom arranjo e belos sepulcros e capelinha em estilo gótico de risco de José Mamede Alves Ferreira, sendo o altar, castiçais e crucifixo com o Senhor em tamanho quasi natural, tudo de ferro em partes dourado ou prateado. O administrador é o Virães (6), que me deu um album a respeito do cemiterio que é curioso: o cemitério é tudo para ele e prestou excelentes serviços durante o cólera.

Vi o monumento mandado erigir pela Camara Municipal ao Cel. Francisco Jacinto de quem a familia quasi não se lembrou depois de morto. Tambem me mostraram as sepulturas do Visconde de Goiana junto ao do Francisco Jacinto e do Pe. Miguel do Sacramento Lopes Gama, pegado a de Vicente Pires de Figueiredo Camargo.

---

5 — Na Tesouraria Provincial, os principais funcionarios eram:
Inspetor — José Pedro da Silva; Contador — Antonio Cardoso de Queiroz Fonseca, Procurador Fiscal — Dr. Cipriano Fenelon Guedes Alcoforado, Secretario — Antonio Ferreira d'Anunciação.

6 — Manuel Luís Virães.

Fui ás 6 visitar as obras do porto. Segui para a Ilha do Nogueira chamada Cheira-Dinheiro no tempo dos holandeses, e aí, vi os edificios do Lazareto agora ocupado por naufragos ingleses na costa do Rio Grande do Norte. O corpo central tem uma boa sala e 10 quartos sofriveis havendo mais as dependencias no fundo separadas, e duas especies de (ilegivel) bem separadas na frente. O edificio concluiu-se em 1855.

A ilha do Pina, onde realmente está o Lazareto, já não é separada da do Nogueira porque taparam a saida do rio do Pina, pertencendo esta aos estabelecimentos de caridade, que a arrendaram, havendo um bom viveiro de curimans e tendo já tido 9 mil coqueiros.

Fui até o fim da muralha já feita e liga a ilha do Nogueira ao recife, na extensão de 300 braças faltando 200. Fez-se estacada do lado de dentro, enterrando-se as estacas 15 palmos, cujos topos foram reunidos por linhas de madeiras ligadas desencontradamente, e havendo entre as estacas taboas fincadas ao comprido. A base da muralha é de 25 palmos de largura, e o talache dum decimo, levando por cima cimento com areia, e revestindo-o inferiormente o marisco em grande quantidade. A pedra é solta e vem do recife, e de Maria Farinha. A direção desta muralha parece-me melhor que a do Law (1), porque o recanto ficará depressa aterrado, segundo parece tomando a margem a forma da muralha que se está construindo. As areias são trazidas pelo rincão e já tem aterrado bastante pelo lado de fora da muralha entre esta e a ilha do Nogueira, e convem muito plantar e edificar nesse terreno e na ilha, para que não sofra o porto, ficando por tal forma impedida a passagem das areias. A muralha já tem concorri-

1 — O engenheiro inglês Henry Law, especialista na construção de portos.

do, segundo diz o Eliziario (2) para as aguas escavarem os baixos dos Passarinhos, que dantes apareciam no praia-mar de marés mortas, e agora nem aparecem no baixa-mar das vivas, sendo a diferença de profundidade dagua de 2 pés.

Observei ao passar pelo aterro da Cabanga o lugar por onde o Law propõe fazer passar o Capibaribe, que na cheia de 1854 por aí rompeu, e se essa abertura me pareceu conveniente á primeira vista então, agora em duvida sobre a sua vantagem depois do relatorio do Martineau (3) que a não lembra, e da discussão que houve entre os diversos engenheiros, que se tem ocupado do assunto e discutiram perante.

O rio Capibaribe tem se afastado do lado da Cabanga ficando intransitavel no baixa-mar a passagem dos Afogados, o que mostra que seu curso não é para esse lado, e se o rio cresce com a maré, segundo diz o Law, muito mais do lado norte do bairro de Santo Antonio que do sul, atribuindo-se á represa da ponte velha do Recife, cujos pegões descansam sobre pontos do leito do rio, alterados para sua construção, extendendo-se a base artificial de pedra mesmo para os intervalos dos arcos e á ponta do bairro de Santo Antonio, cumpre refletir que as aguas do Beberibe concorrem em grande parte para a represa das do Capibaribe, fechando-se conforme o plano do Law a separação entre Santo Antonio e Recife, para que não haja duas correntes contrarias, que aumentariam o entulho do porto, desaparecendo assim a maior beleza da cidade, e sofrendo os interesses dos armazens e trapiches estabelecidos nas margens do rio, que separa agora os bairros de Recife e Santo Antonio.

Todavia é preciso examinar muito bem esta questão, faltando-me referir que o Eliziario lembra o projeto dum porto de abrigo formado pelo recife dum lado e do outro por uma muralha, tendo aí o fundo de 5 braças, desde os bancos de Olinda, com 3 braças de fundo, até o do inglês, dando as duas muralhas, uma natural e outra artificial, franca entrada pelo lado do sul.

O cais do Arsenal vai continuando sobre estacas, conforme a direção, que todos os que tenho podido ler dão a esta obra, cuja utilidade é facilmente reconhecida, e passando pelo farol o Eliziario disse-me que é na ponte de Olinda que se deve es-

2 — O então Capitão de Mar e Guerra Elisiario Antonio dos Santos, mais tarde Barão de Angra.

3 — O engenheiro inglês William Martinau, construtor da Ponte Santa Isabel, no Recife.

tabelecer um bom farol. Referiu-me tambem que se julgam nascidos sobre as ruinas dum forte no meio do Beberibe, que deve ser o Sequó (segundo os portugueses) ou de Wandenbrosch (segundo os holandeses), uns arbustos cujos ramos aparecem no baixa-mar. Ouvi-lhe que talvez fosse o reduto de Santo Amaro de que ainda se podem descobrir vestigios de muralhas, o da Bateria, que tanto incomodava os holandeses.

Almocei no "*Pirajá*", onde saltei, pouco para baixo do largo do Colegio, e depois das 11 e 5 minutos fui de galeota ver os pegões da ponte velha, que estão quasi todos desaprumados, e fechados pelo caes do dois no topo do lado sul. Subi a ver a linha da Conceição sobre o Arco do lado do Recife, que tem a era de 1780; é bonitinha e aí se refugiaram, sendo-lhes a vida respeitada, junto ao altar, diversos comprometidos das revoluções na ocasião do combate. Ha lojinhas em baixo nos pés do arco. Atravessei a pé a ponte que tem 80 braças, a pé tremendo tanto e de repente com a chusma de povo que me acompanhou, que pensei cambalear por causa dalguma tonteira; é indispensavel proibir grande transito ao mesmo tempo de gente a pé, já não passam carros e cavaleiros.

A ponte nova de 135 braças de comprimento por falta de travejamento tambem treme ás vezes bastante, tendo um terço menos de largura que a antiga, em cujo arco do lado do Norte e pouco digno de atenção ha duas inscrições, uma em cada um dos pés em baixo, que juntarei.

Tornei a embarcar deste lado na galeota por uma rampa imundissima e fedorenta, e fui ver se rodeava a ilha de Santo Antonio; mas depois de muitas dificuldades por causa da maré que baixava, obrigando os marinheiros a entrar na agua para arrastar a canoa do comandante do *Xingú* (4) 1° Tenente Nolasco Pereira da Cunha, para onde passei da galeota que ficou encalhada perto do lugar dos Coelhos; tivemos de parar pouco depois de ter passado por baixo da ponte dos Afogados, por estar todo o caminho tomado pelo fundo do rio, que aparecia em quasi toda a parte. Desembarquei e fui a pé até a Igreja dos Afogados, vendo parte do arraial que não é feio. Mandei buscar os carros; mas o engenheiro da estrada de ferro Peniston, que me acompanhava por ter apresentado um pro-

4 — Brigue "Xingú", comandado pelo Primeiro Tenente Joaquim Nolasco da Fonseca Pereira da Cunha. Oficialidade: Segundos Tenentes José Bernardino de Queiroz e Pedro Lopes da Conceição; Guarda-Marinha João Joaquim Rodrigues Pinto, Piloto — Caetano José de Abreu, Comissario — José Luís Tinoco, Escrivão — Pedro Inacio da Silva.

jeto de melhoramento, que julgo inaceitavel, e ofereceu-me um trem da estrada de ferro, que tem uma estação nos Afogados, e vim em 6 minutos desse lugar até a estação no forte das 5 Pontas, tendo levado 3 minutos a atravessar de vagar o viaduto da Cabanga, que eles vão aterrar para darem á estrada de ferro passagem menos perigosa pela parte da fortaleza do viaduto. Pouco adiante das 5 Pontas encontrei os carros.

Ás 5 e 10 da tarde, sai chegando á povoação da Varzea ás 6 e 20 minutos, andando parte do caminho depressa, e vendo bem no trajeto a casa de vivenda, que parece nova, do Engenho do Meio, um dos que pertenceram a Vieira. Entrando na povoação logo á direita, está a Igreja do Rosario dos Pretos, e ficando no lado fronteiro da praça oblonga e bordada de casinhas a do Rosario, e no lado esquerdo da praça a do Livramento.

Segundo disse o Vigario, as duas primeiras foram fundadas por Vieira, e a ultima pouco depois. Na 1ª disse que era tradição que Felipe Camarão fora enterrado na capela-mor no canto do lado direito do altar-mor olhando para este. O chão é ladrilhado, não tem indicação e o Vigario ficou de mandar escavar para ver o que acha.

Perto da 2ª igreja, á direita de quem a olha, — todas são pequenas porem a maior e matriz esta — mostra-me o vigario uma porta em ruinas, que o vigario disse constar ter sido da casa de Vieira. Examinei os tijolos e pedra da soleira, que está destacada, quanto permitiram uma lanterna do carro e uma vela; porem nada descobri por todos os lados, e o Pedreira ficou de aí voltar; trouxe dois pedaços dos tijolos para lembrança.

Manuel Cavalcanti (5), irmão do Albuquerque, que me foi encontrar disse que no Engenho de São João, que pertencera a Vieira e é agora onde ele reside, nenhuma obra solida encontrara, que indicasse ter sido do tempo de Vieira.

Ás 8 ½ fui ver as aulas da Sociedade das Artes Mecanicas e Liberais, cujos estatutos junto, e funcionam no consistorio

---

5 — Dr. Manuel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, **Barão de Muribeca**, por decreto de 14-3-1860.

Irmão dos Viscondes de Suassuna, Camaragibe e Albuquerque.

Nasceu em 12-10-1804 e faleceu a 28-1-1894.

Casado com Maria da Conceição do Rego Barros, Baronesa de Muribeca, de quem teve um filho, Manuel Francisco Cavalcanti de Albuquerque, nascido em 26-12-1838 e falecido a 2-6-1860.

Foram seus herdeiros seus sobrinhos Francisco do Rego Barros de Lacerda e Inacio de Barros Barreto.

da Igreja de São José da Riba-Mar. Tem 38 alunos, e aulas de 1ª letras, francês, aritmetica e geometria, arquitetura e desenho de ornatos. Ha pouco adiantamento, mas algumas aulas trabalham ha poucos meses, e os professores á exceção do de francês, não me parecem bons. O Diretor queixa-se do serviço da Guarda Nacional destacada que distrai grande numero de alunos. Recebe um conto e tanto por ano do cofre provincial, e as quotas dos socios, que andam por 60. Merece proteção esta instituição, cuja existencia foi quasi preciso que a adivinhasse; pois não posso ter presente tudo o que leio nos relatórios dos presidentes, e passando pela altura da Igreja de São José de Riba-Mar, e perguntando sem indicação é que soube que aí havia essas aulas.

A antiga ponte da Boa Vista feita pelo Conde de Nassau, ocupava parte dela o terreno em que se eleva a Casa de Detenção, tendo a ponte atual 90 braças de comprimento e bastante para baixo do local da antiga, de que não há vestígios. O cais do Palacio carece de ser concluido.

De tarde esteve cá o daguerreotipista Stohr (6), e trouxe consigo um suiço surdo-mudo desde a idade de 2 anos, que fala alemão como o Huet (7) francês e só sente pelo tato a comoção do ar produzida pelo som, apresentando grande sensibilidade por qualquer vibração do ar no peito.

---

6 — Aliás Alberto Stahl.

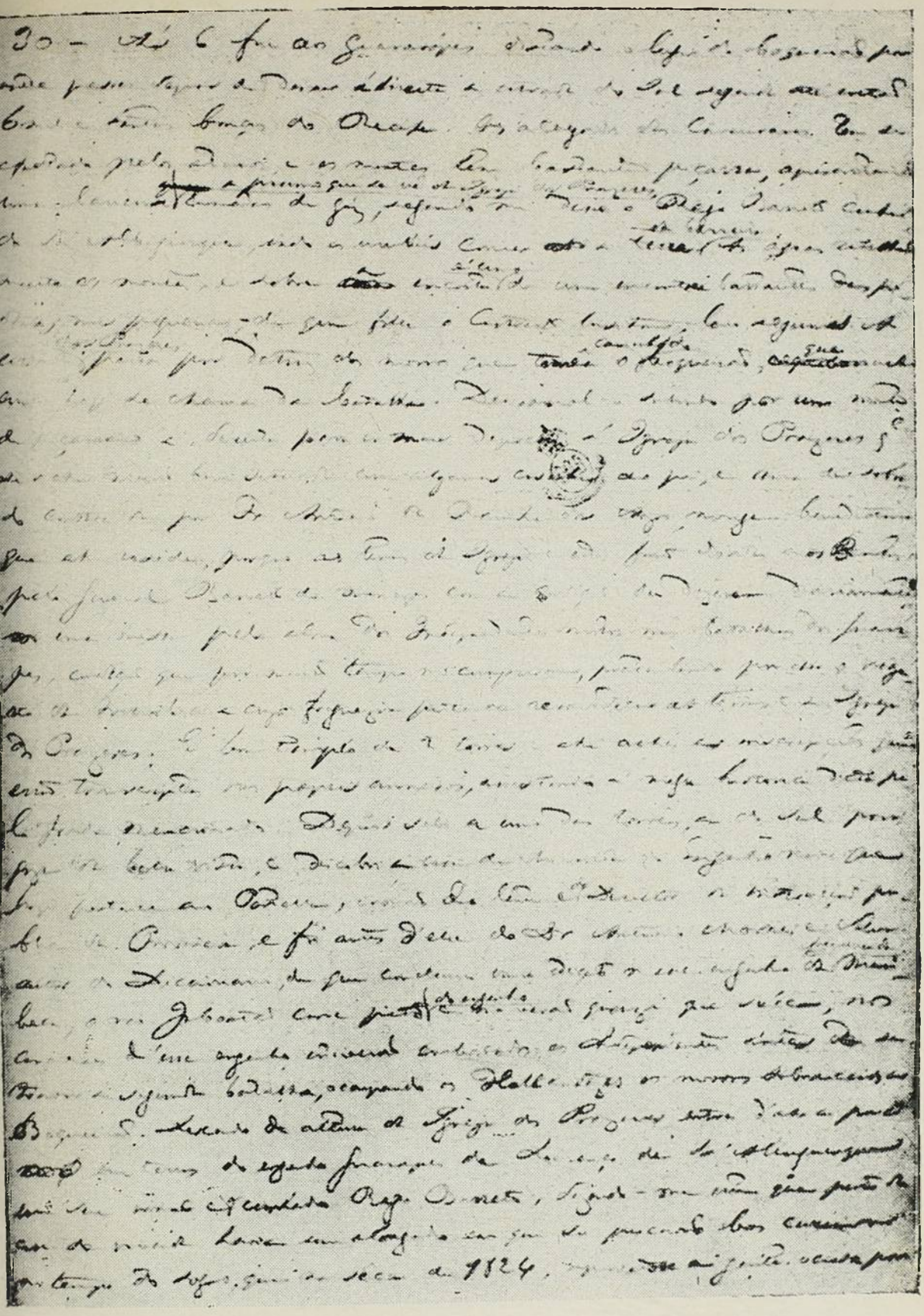
7 — Aliás E.Huet, surdo-mudo de nascença, ex-Diretor do Institut de Bourges. Especialista e profundo conhecedor da didatica para os surdos-mudos, dotado de grande cultura e falando varias linguas.

Chegou ao Brasil em 1855, com a finalidade de recuperar no Brasil os seus infelizes companheiros de infortunio. Graças ao apoio de Dom Pedro II, começou suas atividades no Colegio Vassimon.

O Imperador interessou-se vivamente e muito prestigiou a obra didatica de E. Huet, fundando em 1857 o Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

(Vide "A recuperação dos surdos mudos no Brasil", por Milton Acacio de Araujo, em Revista do Serviço Publico, novembro de 1950).

Coleção Vassimon



Página do "Diário" de **Dom Pedro II**, dia 30 de novembro de 1859, relatando a visita aos Guararapes

As 6 fui ao Guararapes, distando o lugar do Boqueirão por onde passei depois de deixar á direita a estrada do Sul seguindo até então, 6 mil e tantas braças do Recife. Os alagados dos Corcuranas têm se apertado pelos aterros, e os montes têm bastante piçarra apresentando uma barreira a prumo que se vê da Igreja dos Prazeres. Camadas de giz, segundo me disse o Rego Barreto cunhado do Sá Albuquerque, indo os urubus comer a terra da barreira. As aguas retalham muito os montes, e sobre a encosta e cimo de um encontrei bastantes das pedras, mas pequenas — de que fala o CASTRIOTO LUSITANO (1), levo algumas. A estrada dos Prazeres passa por detrás dos morros, torneia o caminho do Boqueirão, que ainda hoje se chama da Batalha. Deixamo-lo, subindo por um monte de piçarra á direita para ir mais depressa á Igreja dos Prazeres, que se acha muito bem situada com alguns casebres ao pé, e um de sobrado construido por Frei Antonio da Rainha dos Anjos, Monje Beneditino, que aí reside; porque as terras da Igreja e adro foram doadas aos Bentos pelo General Barreto de Menezes com a condição de dizerem diariamente uma missa pela alma dos Independentes mortos nas batalhas dos Guararapes, condição que por muito tempo não cumpriram, pretendendo por isso o Vigario da Muribeca a cuja freguesia pertence, reivindicar as terras e a Igreja dos Prazeres. É bom templo de duas torres, e aí achei as inscrições que estão transcritas nos papeis anexos, assistindo á missa historica dita pelo Frade mencionado. Depois subi a uma das torres, a do

1 — Dom Pedro II possuia o "Castrioto Lusitano", em manuscrito, volume em pergaminho ,anteriormente incorporado à livraria de um convento, como se lê no frontispicio.

No exilio, esse volume acompanhou o Imperador, e permaneceu no Castelo d'Eu até 1947, quando voltou ao Brasil, estando hoje incorporado ao Arquivo do Grão Pará, em Petropolis.

sul para gozar da bela vista, e descobri a casa de vivenda do Engenho Novo que hoje pertence ao Portela, irmão do lente e do diretor da Instrução Pública da Provincia, e foi antes dele do Dr. Antonio Morais e Silva, autor do Dicionario, de que concluiu uma edição nesse engenho da freguesia de Muribeca; o rio Jaboatão corre perto do Engenho e no verão quase que seca; nos canaviais desse engenho estiveram emboscados os Independentes antes de se travar a 2ª batalha, ocupando os holandeses os morros sobranceiros ao Boqueirão. Descendo da altura da Igreja dos Prazeres, entrei daí a pouco em terras do Engenho Guararapes de Lourenço de Sá Albuquerque (2), um seu irmão e o cunhado Rego Barreto, dizendo-me este que perto da casa de vivenda havia um alagado em que se pescaram boas curimãs no tempo do sogro, que na seca de 1824, aproveitou a gente ociosa por ser nenhuma ou quase nenhuma a produção de cana, em abrir uma brecha que esgotou grande parte dos alagadiços. O engenho é movido por animais porém tencionam introduzir para o ano o motor de vapor. Da casa de vivenda descobre-se bem o Engenho Novo e perto dele acharam-se cachimbos de barro como os dos holandeses, e em terras do Engenho dos Guararapes pouco distante da casa para o lago do Engenho Novo, que daquele se avista, uma bala de artilharia, que levo, tendo-se já encontrado outras, principalmente de barro. A casa está situada numa planície e talvez no terreno do lado esquerdo da estrada da Muribeca vindo para o Engenho dos Guararapes, que chamam em alguns pontos "olheiros d'agua", talvez se atolasse o cavalo de Fernandes Vieira. Não sabem qual o monte do Oitizeiro que julgo deve ficar por detrás dos que margeiam o Boqueirão, sendo no vale que estes ultimos formam com os primeiros que a 2ª batalha se tornou mais encarniçada, perdendo os holandeses em mortos cerca de um terço de sua força, e os Independentes cerca de um décimo, segundo leio na obra de Netscher (3). O terreno há de ser melhor estudado pois deve levantar-se no lugar do Boqueirão um pequeno monumento com os nomes inscritos de todos os oficiais do Exercito dos Independentes, que a historia menciona como tendo assistido ás 2 batalhas dos Guararapes.

---

2 — Lourenço de Sá Albuquerque, agraciado com o titulo de Barão de Guararapes em 14-3-1860 e elevado a Visconde de Guararapes em 8-3 1880.

3 — "Les Hollandais au Bresil" por P.M.Netscher (Belinfante Freres Editeurs, 1853). O autor era Tenente de Granadeiros do Exercito Real da Holanda, e a obra foi dedicada "A Sua Majestade Dom Pedro II, Imperador do Brasil".

Em 1942, Mario Sete traduziu o livro de Pieter Marinus Netscher, sendo incluido na "Brasiliana", volume 220.

Um negociante americano de nome Foster disse-me que tinha uma garrafa cheia de leite que dão os ramos da mangabeira e toma consistencia de goma elastica se se lhe mistura sal; a raiz da mangabeira é usada como purgante. O Rego Barreto disse-me que havia por esses campos muitas raposas, como as da Europa, sendo a caça delas com cães, grande divertimento dos estrangeiros e de alguns fazendeiros. Vim tomar a estrada de ferro na estação dos Guararapes e da principal das "5 Pontas" segui em caleça para casa (4).

Depois das 5 da tarde fui á casa de fundição do Starr na rua da Aurora. Foi estabelecido em principios de 1829; tem 60 e tantos trabalhadores, sendo 40 nacionais e 10 escravos do Starr, queixando-se aqueles do serviço da G. Nacional, e motor de baixa pressão de 12 a 16 cavalos. Trabalha de 6 da manhã a 6 da tarde com intervalo de meia hora para almoço e uma para jantar os trabalhadores, fechando-se aos sabados ás 2 da tarde. Faz todas maquinas, tendo sido aqui construida a primeira maquina de vapor que se fez no Imperio; para o Engenho Caraúna de Sousa Leão (Domingos) segundo me disse o Starr, sendo já o numero dessas maquinas feitas na fabrica de 14 a 15. A maior fundição que tem tido foi de 7 toneladas para sino hidraulico que vi no Arsenal de Marinha, ocupando o metal fundido dois dos tres fornos grandes trabalhando agora com um pequeno. São alimentados por um ventilador havendo outro para as 14 forjas. Vi uma roda grande de ferro para mover inferiormente por agua, tendo-se feito maiores e tambem de cubos na fabrica, para a refinação estabelecida no Monteiro, sendo obras da fabrica a ponte do Varadouro de Olinda de 80 palmos de comprimento e o portão de Cemiterio que é muito bonito, e cujo risco feito na fabrica me mostraram, assim como vi outro desenho de maquina ambos muito limpamente feitos. Tem uma oficina de molde ocupando os feitos grande espaço tirando-se a areia para eles de Tacaruna e ilha do Suassuna, sendo a do 1º lugar melhor. Usa estufa com trilhos para os moldes, e um guindaste de suspender 7 toneladas para o manejo do colherão da fundição. Ha bastante obra feita, e entre ela um barco de ferro para a Empreza Cambrone, a maior parte encomendada; mas o Starr queixa-se da nova tarifa como prejudicial á fábrica. Tem muitas maquinas

4 — Em carta á filha Isabel, escreveu Dom Pedro II: "Cheguei ha pouco de minha disgressão aos Guararapes onde com os lugares das batalhas, vi a Igreja dos Prazeres fundada pelo General Barreto de Menezes, e que é muito curiosa; mais assunto para o Diario".

que julgo serem as seguintes: de cortar e furar chapas de ferro — de rasgar folhas do mesmo metal, de marcar nas chapas a linha do corte que se faz depois á martelo — 6 tornos sendo 2 de fazer parafusos — de aplainar peças de 10 pés de extensão — de abrir lugar para cunha nos rodetes — de pequenas brocas — de abri-las de um pé de diametro. Tem espaço para construir 2 navios não muito grandes, ao mesmo tempo lançando-os nagua com prea-mar, havendo um canal do rio dentro da fabrica no qual entram os barcos, passando por baixo de uma ponte que atravessa a rua, e vi um de ferro com agua que é tirada por bomba para os diversos misteres do estabelecimento.

Das 9 e meia por diante tive despacho. Á noitinha estiveram aí os pescadores da Cabanga com sua jangada e presente de peixes e frutas.

P II

1 (de dezembro de 1859)

SAIMOS antes das 6, para a estação das 5 Pontas, mas chegamos lá depois das 6, tendo havido alguma demora na estação, pelo que largou o trem, só, ás 6 e 34 minutos.

Até a estação dos Guararapes 12 minutos, e depois passamos pela estação de Pontesinha, altura de Barra da Jangada, á esquerda formada pela confluencia para o mar do Jaboatão e Pirapama, estação da Ilha — Ilha, engenho do Pessoa Cavalcanti — onde por contrato tem a companhia a sua fabrica por maquinismo movido por vapor, de fazer tijolo sendo bom o barro; rio Pirapama com sua ponte de ferro á esquerda; do mesmo lado Sequerias e as barreiras do Cabo de Santo Agostinho; do lado direito mais adiante Engenho do Visconde da Boa-Vista; casa-grande de vivenda com capela no centro da fachada; do lado esquerdo, Engenho Santo Inacio de Luís Felipe de Sousa-Leão; do lado direito mais adiante Engenho-Novo do Portela; e mais longe sobre uma bonita encosta o engenho Barbalho, em cujas terras estão as oficinas da Companhia, e enfim Cabo, onde chegamos com 37 minutos de caminho de 19 milhas inglesas ou 4, 75 legoas.

Demorei-me na estação algum tempo, enquanto se aprontava tudo, e colhi as seguintes informações: trabalham na 2ª seção, do Cabo a Escada, 1650 a 1700 trabalhadores a maior parte brasileiros, não havendo já escravos, segundo me disse o fiscal do governo Street. Vi a planta da seção do tunel de Utinga, que tem 14 pés na maior largura e 12 ao nível da estrada, e maior altura de 16, compondo-se de 3 curvas circulares, e as laterais têm o dobro do raio da superior. A sua extensão é 526 e por causa do terreno ser de granito em decomposição, carece todo ele de revestimento de tijolo. O ponto culminante do terreno superior do tunel excede-se em altura 200 pés.

Dentro de duas semanas vagons com passageiros poderão atravessá-lo, havendo para condução de materiais em carros puxados por locomotiva 2 milhas até o tunel, e 2 milhas depois deste, só com a interrupção do tunel.

Não ha nada pronto para condução de passageiros, além do que vai do Cabo ás oficinas muito perto; porque tem-se ocupado segundo disse o Penniston com o preparo do leito da estrada.

Voltando ao Cabo, o Street disse-me que até o morro do Pavão onde se abre o tunel, que encurta muito a estrada, pois na volta levamos bastante tempo a andadura puxada a rodear o morro, não ha *rail* assente; do Pavão a Utinga vão começar, segundo ele cre, a por trilhos no mez que vem; de Utinga a Olinda não ha *rails*, e é preciso fazer um (ilegível), ou boeiro grande de 7 pés de abertura para passagem das aguas em Olinda. Ha calhas até onde se abre uma mina que me fizeram ver, á esquerda da estrada ao passar, dizendo ter 40 pés de fundo, e a altura necessária para um homem trabalhar afim de desmontar um pedaço de morro com polvora; mas é de areia muito fina o que não presta.

Não se tem lucrado, segundo o mesmo Street, com a abertura dum tunel pouco longe em Cutrim para facilitar a cova, que se está fazendo aí. O assento da estrada está pronto até Escada, faltando em Timboassú a abertura duma cova inteira em pedra de 150 braças de extensão, falando-me o Penniston do preparo de 400 braças em Timboassú, a 1 1/4 légua de Escada.

Quatro locomotivas; 1 vagon de 1ª classe, de 2º não sabe com certeza talvez 5, e de 3º dois, dos quais 1 mau que serve só no caso de necessidade, ambos de 20 pessoas, tendo chegado 2 novos de 24 pessoas. tudo da fabrica de Richard Stephenson. Uns 4 maquinistas e igual numero de foguistas, dos quais um bom nacional, sendo o serviço bem feito e por nacionais.

Perguntando ao Street qual a madeira dos dormentes, disse-me não conhecer as madeiras da terra, quando depois o Penniston disse-me ser o *larch*. Os trilhos não me pareceram bem assentes, oferecendo depressões muito sensiveis, á vista e nos balanços, que são grandes pouco para cá da ponte dos Afogados. O tunel do morro do Pavão faz muita agua, e vai atrazado o trabalho, tendo-o atravessado aliás todo a pé mas com custo por causa das cabeçadas e topadas querendo evitar a muita lama.

Para diante de Olinda ha cortes consideraveis e derrocaram com fogo uma massa de pedra, que caiu da altura de 30

pés. Tive que desviar-me muitas vezes, mas em larga distancia do leito da estrada de ferro.

No volta mostraram a casa de purgar do engenho de Utinga, onde se reunia a especie de *lynch* americano, que mandou enforcar o assassino do Juiz municipal do Cabo, Duarte; os criminosos foram absolvidos pelo juiz por falta de provas segundo ouvi, a quem me recordava esse fato lamentavel.

Na locomotiva não tem assovio e quando larga, passando por cima duns foguetes fa-los estalar. O Law, que foi, diz que a companhia não cumpriu a promessa que fizera, em virtude do exame que já fizera o Law dessa estrada, de reparar e evitar alguns dos seus defeitos; mas a estrada fica com essa volta porque a companhia alega falta de dinheiro para fazer, aterrando a estrada direito; pouco além da estação das 5 Pontas pareceu-me observar uma volta forte; não senti o vagon inclinar-se durante todo o trajeto.

Visitei as oficinas da Companhia, indo do Cabo até lá e voltando em vagon. Estão muito bem montadas para obra de carpintaria, e sofrivelmente para a de ferro. Tem 40 trabalhadores nacionais e 20 e 25, sendo os 100 serventes empregados nas oficinas e dependencias todos nacionais. O Penniston disse-me que está organizando uma escola para ensinar diferentes oficios. Ha maquinas: de aplainar passando uma taboa ordinaria 2 vezes uma por cada banda; outra para fazer as juntas das taboas; verruma; goivas; 3 serras circulares — 2 maiores e 1 menor — e outra vertical, pequena e estreita para cortar em curva; tomos: para parafusos; para peças pequenas; duplo para grandes, e outro para as medias; verruma, e 2 plainas para ferro; uma vertical e outra horizontal, sendo esta para peças grandes. O motor é de 25 podendo elevar-se a 40 cavalos. Tem 4 forjas, e um poço de que se tira agua para caldeira do motor, e tanque das locomotivas.

Vi um estrado de ferro montado sobre trilhos, assentes nas oficinas, para levar e trazer ás oficinas os carros dos armazens e os trilhos da estrada. Tem um ventilador para todas as forjas. Os vagons fazem-se de camassari, madeira das matas de Pernambuco, que dura muito e não fende.

Depois das 5 e meia (1), fui á Fábrica do Bowman no

1 — Segundo informação do volume "Memorias da viagem de Suas Majestades Imperiais", volume II, nesse dia o fotografo Augusto Stahl obteve permissão para fazer os retratos do Imperador e da Imperatriz. Quem possuirá hoje essas preciosidades?

caes do Apolo. Bowman está na Inglaterra achando-se agora á testa da fabrica o pernambucano Francisco Manuel dos Santos Lima, que julgo ser socio dele. A fabrica data de 1835. Tem 2 fornos um maior de 2 toneladas de fundição e outro menor de 20 arrobas, que empregam em fundir bronze. Ha um guindaste de suspender 3 toneladas para o colherão da fundição, e mais 2 no caes, a que podem os navios atracar com maré enchente; um de 2 e outro de 1 ½ toneladas. Tem 56 trabalhadores todos nacionais e livres. Tem um ventilador movido por vapor que toca todo o maquinismo da fabrica, de 6 cavalos, que tem caldeira de sobresalente. Usam para os moldes pinho, amarelo e cedro, depois de deixarem a madeira secar no proprio. A areia vem dos mesmos lugares donde a tira o Starr, e ha duas estufas com trilhos para secar os moldes. A maior peça fundida pesava 200 arrobas. Faz moendas e já fabricou 3 maquinas de 6 cavalos para engenhos. Uma maquina com moendas e seus pertences da força de 6 cavalos custa 6 contos; mas a barateza do Starr explica-se, segundo informou o Lourenço de Sá e Albuquerque, pelo mal feito da obra, sendo a do Bowman melhor conforme ouvi ao Boa-Vista.

Ha maquinas: hidraulica para tirar os aguilhões dos tambores; 2 tornos unidos, e 1 separado, outro parafusos; maquinas de aplainar peças grandes; de furar chapas; de cortar e furar; torno para furar; 2 tornos de aplanar brocas; de curvar chapas; um guindaste de levantar 2 toneladas, outros 3 portateis de 1 ½ tonelada para correrem sobre trilhos.

Existe uma marcenaria para moldes com 3 oficiais, andando a despesa ordinaria por dia com metais por 16$000; a feria semanal da fabrica monta a 400$000. Os moldes guardam-se no forno, sendo o espaço muito menor, que o destinado para tal fim na fabrica do Starr. Tem um armazem para o outro lado da rua com bastantes obras feitas principalmente moendas, sendo algumas vindas da Europa. Os taxos para os engenhos vem de fora porque os feitos aqui quebram-se muito. Recebe muitas encomendas. Não se queixam da tarifa nem do serviço da Guarda Nacional

De noite passaram 2 batalhões patrioticos, um deles de pretos com um chefe representando Henrique Dias, sendo por outros cavaleiros figurando Vieira e Negreiros, e Camarão.

2

Foi todo oficial (1), descansando relativamente aos outros dias e podendo ler alguns papeis e publicações que dizem respeito á Provincia.

A Guarda Nacional (2) tem ar militar e não marcha mal. faltando-lhe contudo exercicio.

---

1 — Dom Pedro II completava nesse dia 34 anos de idade. Em carta á sua filha Dona Isabel, datada de 4 de dezembro, afirmava: "Bastante me lembrei de ti, antes de ontem, e quando chegará o mês de fevereiro?"

Todo o Recife celebrou com o maior jubilo o aniversario natalicio do Imperador. No Convento do Carmo, ao meio dia, teve lugar **Te-Deum**, seguindo-se no Palacio o beija-mão.

2 — Ás 17 horas e meia, realizou-se o desfile de tropas, que estava assim organizado:

Primeira Brigada, sob comando do Coronel Domingos Afonso Neri Ferreira, composta do 1º Esquadrão de Cavalaria, da Companhia de Artifices e dos 1º, 2º e 3º Batalhões de Infantaria da Guarda Nacional;

Segunda Brigada, com o comando do Coronel Higino José Coelho, composta do 2º Esquadrão de Cavalaria, do 10º Batalhão de Infantaria do Exercito, e do 4º e 6º Batalhões de Infantaria da Guarda Nacional.

Ajudante General — Cel. Bento José Lamenha Lins; Quartel-Mestre General — Cel. Francisco Joaquim Pereira Lobo.

Á noite, no Teatro Santa Isabel teve lugar uma manifestação, com vivas, discursos, poesias e espetaculo lirico. Entre as produções poeticas, contam-se as do Sr. Epifanio José da Rocha Bittencourt, João Coimbra, Conego Joaquim Pinto de Campos, João Batista de Sá, Americo Fernandes Trigo de Loureiro.

Nesse mesmo dia, circulou pela primeira vez o **Monitor das Familias**, a interessante e valiosa publicação de Felipe Neri Colaço.

3

Saí para Olinda pouco depois das 6 e passei pelo lugar das Salinas (1), que me ficava para a esquerda, a 37 braças do Recife pela estrada do Norte.

A agua do mar lava esse lugar e o terreno depois dela o deixar fica esbranquiçado. O trecho pouco adiante do estabelecimento Cambrone á direita da estrada, parece ter sido o lugar do Forte da Bateria.

Na estrada de Olinda havia um pavilhão, onde recebi as congratulações e chaves da cidade por parte da Camara (2), e fui por ladeiras um pouco ingremes para a Sé, que fica para o extremo oposto. É uma bela Igreja de 3 naves, porem baixas, separadas por colunas, que estando caiadas não pude reconhecer se eram monolitos conforme diz o Jaboatão; junto uma nota a respeito dessa Igreja.

---

1 — Francisco de Barros, Juiz mais velho do Senado da Camara de Olinda, em 1593, residia nesse local onde tinha "boa casa", na expressão de Duarte de Albuquerque Coelho (vide "Memorias Diarias da guerra do Brasil") que tambem o classifica de "morador dos mais nobres".

Na invasão holandesa, a "boa casa" foi queimada e depois transformada num Forte, o das Salinas, chave da defesa norte do Recife. Foi precismente este ponto, na reconquista da capital, o primeiro a ser quebrado em condições tão inesperadas, que os nossos admitiram como milagre de Santo Amaro, pois a vitoria coincidia com a festa do Santo, 15 de janeiro. Em ação de graças, em cima das ruinas do Forte foi edificada a Igreja de Santo Amaro, hoje ainda existente.

As Salinas com sua Capela formavam o Morgado das Salinas, um dos sete existentes em Pernambuco. Em 1870, os herdeiros do Morgado, o Conde da Boa Vista e José Joaquim do Rego Barros cederam seus direitos sobre a capela, a uma Irmandade.

2 — A Camara Municipal estava composta dos seguintes: Joaquim Cavalcanti de Albuquerque — Presidente; Salvador Henrique de Albuquerque, José Nunes de Paula, João Francisco da Lapa, Antonio Joaquim de Almeida Guedes Alcoforado, Manuel Antonio do Passo e Silva.

Encontram-se nessa Igreja as sepulturas de D. Tomaz da Incarnação, Bispo falecido em 1784; de D. Matias de Figueiredo e Melo, Bispo, morto em 1694 com 40 anos de idade, e de D. Francisco Xavier Aranha, morto em 1750 e tantos; este não tem epitafio, e são informações.

Na capela do Santo Cristo da Sé, cuja imagem foi presente do Rei de Portugal em 1684 ou 1685, está a sepultura de D. José Maria d'Araujo, que morreu segundo disseram-me --- a lapide não tem era — em 1808.

Depois de recolher-me á casa, que foi primeiramente casa dos governadores havendo na casa para a guarda ao pé a data de 1732, depois Curso Jurídico quando saiu de São Bento, e agora da Camara, quando o Curso se mudou para o Recife, e que é grande e de sobrado, fui ao Convento dos Bentos, excelentemente situado, tendo-o quasi renovado o atual Abade baiano, da familia do Paim (3). É vasto e a Igreja boa, tendo sobre a porta a era de 1761, mas o Convento é mais antigo. O Livro de Tombo é de 1764, e tem agora uma demanda com a Camara por causa dos terrenos de marinha, que são muito procurados para banhos, dizendo que tem titulo claro de propriedade, que consta do Tombo. O muro da cerca do Convento está no lugar em que os holandeses levantaram o Forte de Santa Cruz, e creio que foi ele edificado num teso que o muro coroa do lado de sueste, e descobre-se muito bem seguindo pelo istmo para o Recife, cuja comunicação com Olinda era interceptada por esse forte. Corri todo o Convento, estando na sala em que se fizeram as 1ª aulas do Curso Jurídico, e vi a cela de Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama (4), que é agora ocupada pelo lente do Curso Jurídico Dr. Nuno (5), que desde estudante mora por favor no Convento. A renda do convento é de 30 contos anuais, sendo 15 só de predios e possuindo 3 engenhos.

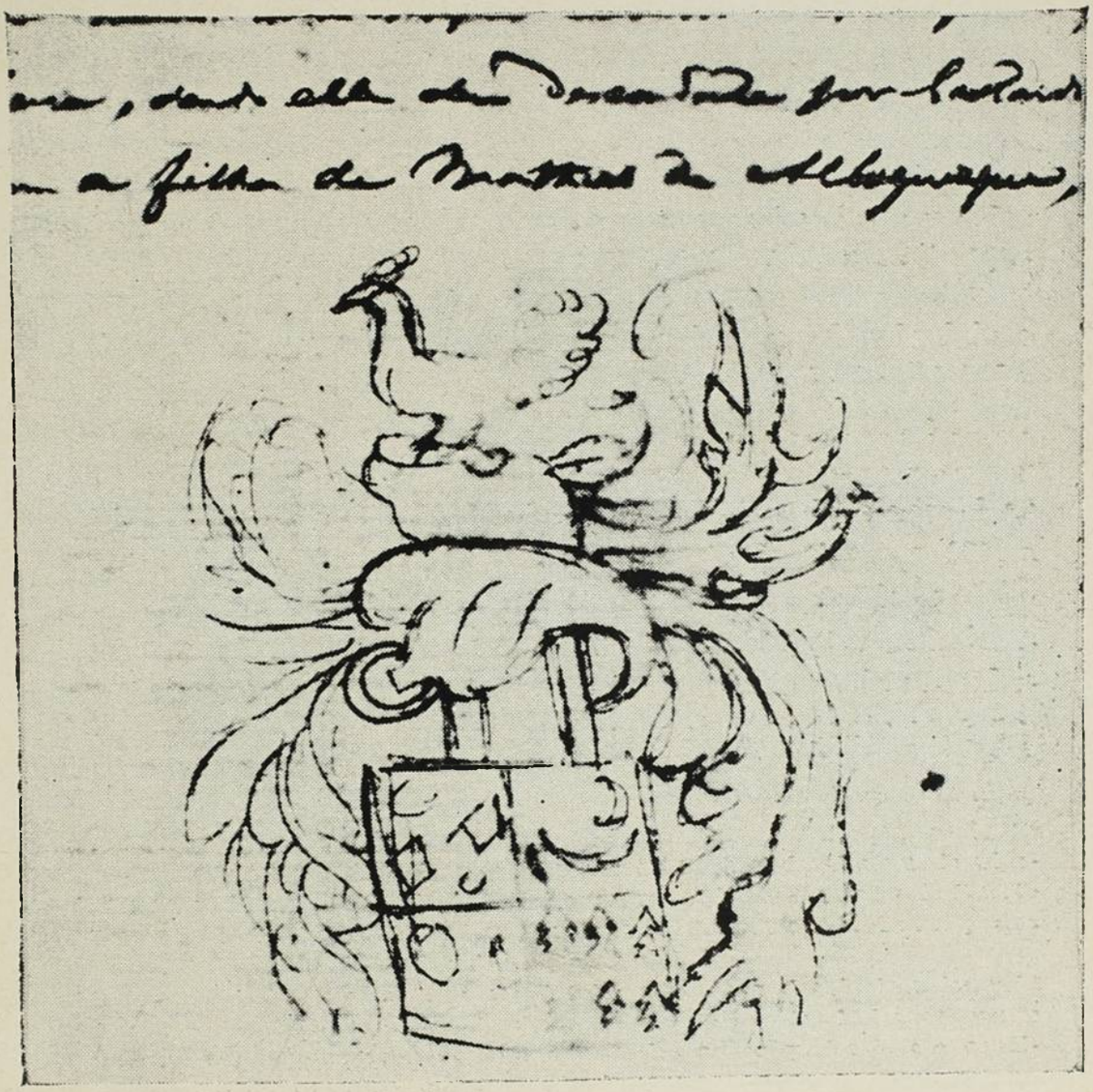
Fui depois á Igreja da Misericordia, cujo adro talvez seja o ponto mais alto da cidade, tendo aí tido lugar um renhido combate entre os portugueses e holandeses, morrendo o capitão daqueles o valente Temudo, e logo no chão de tijolo da capela-mor á esquerda e pouco para dentro do arco cruzeiro, des-

---

3 — Dom Abade Felipe de São Luís Paim.

4 — Religioso beneditino, nascido em 29-9-1791 e falecido a 9-12-1852, irmão do Visconde de Maranguape, autor de numerosas obras, inclusive "O Carapuceiro, periodico sempre moral e só per acidens politico".

5 — Dr. Nuno Ayque de Alvellos Anes de Brito Inglês, professor da primeira cadeira do terceiro ano da Faculdade de Direito.



Desenho de **Dom Pedro II**, das armas esculpidas na lápide de mármore da sepultura, existente na Igreja da Misericórdia de Olinda

cobri uma lapide de marmore já gasto, onde não ha da sepultura, que se supõe de Fernandes Vieira, senão as armas esculpidas, que abaixo copiei, tendo o Provedor da Irmandade da Misericordia Antonio Joaquim d'Almeida Guedes Alcoforado, como ouvi do proprio filho, removido os ossos dessa sepultura para outra Igreja, que não sabe dizer-me qual é, para pôr o corpo do filho, tendo se achado uns sapatos velhos, segundo ouvi a outrem, não se lembrando de tal fato o filho do Guedes.

Vieira morreu em Olinda na rua de São Bento, ninguem sabendo hoje qual a casa, segundo os historiadores; mas o Silvino (6) disse-me que falecera na sua casa de Maranguape, que ainda existe defronte da Igreja Matriz dessa freguesia, que ele fundara, vindo enterrar-se em Olinda.

Conforme o mesmo informante, consta que o Comandante do Pau Amarelo Salvador Coelho Drumond e Albuquerque possue manuscritos curiosos dessa epoca, entre os quais o testamento de Vieira, sendo ele seu descendente por bastardia pelas relações que Vieira tivera com a filha de Matias de Albuquerque, cumprindo examinar tudo isto.

O patrimonio da Misericordia em 1850 de que vi um quadro era de 39:644$143, rendendo 3:133$633 por ano; mas a maior desordem tem reinado nas administrações havendo consideraveis malversações, e só desde que entrou a atual mesa é que vão se restabelecendo os negocios, e já deliberou restabelecer o hospital que se fechou em 1855, desde que tiver reparado os predios do patrimonio e construido as catacumbas para os irmãos no cemiterio, que tem um bonito portão de ferro; mas ainda não está senão cercado de paos, sendo o terreno bom, ainda que se abrem as sepulturas depois de um ano. O Provedor atual da Misericordia é o Tenente-Coronel Passo e Silva (7). A casa do Hospital junto á Igreja não é pequena, e agora dão os quartos para moradia de pobres.

Visitei em seguida o Seminario, antigo Colegio dos Jesuitas, fundado em 1576. O Seminario instituição do Bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, cujo retrato re-

6 — Dr. Silvino Cavalcanti de Albuquerque, Deputado á Assembleia Geral Legislativa.

7 — Manuel Antonio do Passo e Silva, Barão de Tacaruna, por decreto de 22-2-1873.

Faleceu a 16-12-1887, com a idade de 80 anos.

Casado com Clara Alexandrina Antunes do Passo e Silva, Baronesa de Tacaruna, nascida a 18-8-1832 e falecida a 24-7-1916. Sem descendencia.

novado está na sala das aulas com a seguinte inscrição de quem o restaurou — *Jm. Je. Carvalho Figueiredo Varejão fecit in anno 1855* — apagada a antiga de modo que não pude descobri-la, abriu-se a 16 de fevereiro de 1800. Tem 2 lanços reparados em 1853, ameaçando os outros 2 ruina, constando-me o capricho ser que o Bispo esteja gastando a renda da Mitra com a Igreja de São José, em lugar de consertar o Seminario.

A Igreja por outras razões ainda, carece de outro pastor mais inteligente, tendo ouvido falar muito bem do Conego Tavares Gama, que não sei se é português.

O Seminario pareceu-me bem arranjado, sendo diretor da parte literaria o Conego Faria, ex-deputado.

O Palacio Episcopal, consertado e acrescentado em 1821 por D. Tomaz de Noronha, o bispo resignatario, está quasi inhabitavel apesar de muito bem situado. O palacio do 1º Bispo D. Brioso foi num sobrado, que hoje foi legado por um Conego ao Cabido na Rua de Matias Ferreira, perto de outro onde morava o atual Bispo do Rio (Padre Monte). Tendo a Camara, segundo é natural, já construido nova casa na Rua da Cadeia, cedeu a sua para Palacio do Bispo, não sabendo qual a data da construção desta, que foi a reparada e acrescentada por D. Tomaz de Noronha, que aí morou sempre.

O Convento de S. Francisco, mais antigo que o da Bahia e fundado em 1585, tomando os frades posse dele a 4 de outubro desse ano, depois de morarem numa casa junto á Misericordia do lado esquerdo olhando para ela e já na descida, e de que só restam paredes denegridas, é um belo edificio, tendo no frontespicio da Igreja: *Ano de 1724*. O teto do corpo da Igreja é apainelado com pinturas nos paineis e talha dourada, sendo a Capela da Ordem 3ª uma especie de igrejinha com a capela-mor toda dourada, tendo o teto do corpo como o do da Igreja dos frades. O claustro é grande e encontram-se a sepultura do servo de Deus *Frei JUZEPH de S. Antonio Pe. anº 1686;* e pouco adiante sem epitafio a de Frei Antonio Tararipe, morto com fama de santo milagroso e de profeta do que se passaria no Recife.

A sacristia tem uns grandes ornamentos com obra de talha de jacarandá, que pintaram para ficar preto ,que admira pela delicadeza, é digno de ver-se com mais vagar. Do 1º andar, vi melhor para o lado onde poderia ficar um reduto que houve na guerra dos holandeses, entre a vila (de Olinda) e S. Francisco; na vereda que guia para o Rio Tapado e Rio Doce, caminhando pela praia nessa direção, encontra-se o forte cha-

mado Monte-Negro, mas não fica entre a vila e o Convento, e talvez estivesse colocado no caminho do inferno, vereda muito estreita que está em caminho para o Tapado e Doce, por entre S. Francisco e o Seminario, ainda que a cidade se estenda para aí quasi desde S. Francisco; para o lado do Recife e da praia vi um reduto, que ficaria entre o Convento e a vila de Olinda; mas disseram-me que era de 1815. Na cerca de S. Francisco teve lugar o encarniçado combate entre os holandeses e os soldados do capitão Salvador de Azevedo.

Ás 2 ½ tornei a sair e fui ao antigo passeio publico, terreno provincial outrora com belas mangueiras, que a Assembleia Provincial para não gastar com a conservação mandou por uma hasta publica, tendo se comprado por 2 contos em 5 prestações de 400$000 cada ano. Consta que o comprador fez uma transação com o Dr. Feitosa que é agora o verdadeiro dono, dando-lhe a renda do terreno para pagar as prestações!

Vi a casa da Camara antes de ela mudar-se para o antigo Palacio dos Governadores. Está muito arruinada e aí achei 3 quadros de batalhas pintados a oleo em pau; um em cada uma das tres paredes, que não a da porta de entrada, para que se sobe por uma escada de pedra da parte de fora, que vai ao 1º andar; o da esquerda representa a Batalha das Tabocas, aparecendo a fuzilaria por detraz das tabocas e uma arvore grande e copada sobre o ponto mais alto dos morros, com a seguinte inscrição em tinta branca no painel: *Para que a memoria da feliz ventura que alcansamos nesta grande batalha das Tabocas não fique ao esquecimento do tempo (que este acaba tudo o que não é continuado aos olhos. E assim vê a ser esquecido) mandaram os Senhores Senadores que serviam este presente ano de 1709 sendo juiz de Fora, o Dr. Luís de Valençuela Ortiz, Vereadores o Capitão Pedro Cavalcanti Bezerra, Manuel de Moura Rolim, o Capitão-Mor José Camelo Pessoa, Procurador Fernando Bezerra Monteiro, perpetuar a memoria destas batalhas nestes quadros, para noticia dos que nascerem nos vindouros seculos, e assim mais todas as pinturas que ha nesta casa para adorno dela, sendo tudo para maior honra, louvor, gloria de Deus e nosso. Amem.*

Os outros quadros representam as batalhas dos Guararapes e a inscrição do quadro que parece da 2ª batalha, indica por numeros as figuras em ambos. Mandei copiar estas duas ultimas inscrições que juntarei. Nossa Senhora aparece com o Menino nos braços, no alto dos 3 quadros, que parecem ter sido retocados, assim como as inscrições; a pintura é muito melhor que a das outras representações das Batalhas dos Guararapes, que já tenho visto.

Fui daí ao Aljube, em cujo frontispicio se lê a seguinte inscrição sob as armas que parecem do Bispo mencionado — *Publica peccantes et polam corripiendos Illmo. ac Revmo. D.D. Francisci Xaverii Aranha opera et zelo a Fundamentis constructa Anno 1765* —. Os presos de crimes menos graves estão aí. A 1ª prisão cheira mal por causa do esgoto cujo cano está entupido, tem 3 presos; a 2ª tem um casal de pretos fugidos. Estão ambas no andar de cima e são boas. Duas prisões em baixo uma grande e outra menor vem sendo preparadas; porque estão muito sujas e arruinado o assento de alvenaria das tarimbas. No centro da grande, com chão ladrilhado de tijolo, está porem uma cadea de ferro com bastante ferrugem. Vi todos os livros menos o das visitas, apesar de pedi-lo. A diaria é de 200 reis e havia 3 dias que os presos nem a tinham nem comida; comendo do que podiam arranjar por favor; por isso se estava fazendo inventario; foi a desculpa que me deram!

Subi á Igreja do Monte que é sofrivel e de cujo local se descobre da parte da frente o Recife e toda a varzea, vendo-se bem a olho nú as torres da Igreja dos Prazeres de Guararapes, que já me tinham mostrado duma cela de São Bento, e no fundo duma varanda alta do lado direito da Igreja, o lado do Rio Doce e Itamaracá, distinguindo-se a olho nú a Matriz de Maranguape, sentindo muito não ter avistado com o oculo, por causa de um matinho, a casa de João Fernandes do lado fronteiro e pouco para a esquerda da Matriz.

Assisti a aula do Professor de São Pedro Martir, Salvador Henrique de Albuquerque, com 127 matriculados e 90 frequentes; pareceu-me bom mestre e os meninos sofrivelmente adiantados menos na aritmetica.

Fui depois ao Convento do Carmo, em ruinas, queixando-se me o religioso de que o da Bahia cuja Provincia pertence, lhe tivesse tirado todos os meios de consertar o Convento; a Igreja é boa. Foi fundada em 1590 por Frei Pedro Viana, no lugar da Ermida de Santo Antonio que era particular. A concessão do terreno foi de Felipe Cavalcanti capitão e loco-tenente da Capitania de Pernambuco, sendo a data da concessão de 15 de setembro de 1590, no mesmo livro já pouco lisivel se vê uma concessão de terras, com data de 1580, feita por *D. Beatriz Capitôa e Governadora desta Capitania*.

Finalmente fui ao Recolhimento, vendo ao atravessar a ponte do Varadouro, a vala do mesmo nome que se abriu porque tendo se dado passagem constante as aguas pelo Arrombado, não haveria mais agua necessaria para Olinda, tendo se

por isso dirigido as aguas do Beberibe por meio do Varadouro para Olinda. A agua trazida de cima e principalmente da povoação de Beberibe, é bôa; mas a de baixo é má pelo menos logo depois de colhida. O Varadouro convirá aprofunda-lo para não trazer pouca agua para Olinda; porem a melhor agua de beber logo é a da bica do Rosario, com duas torneiras, que no verão não tem senão muito pouca agua, carecendo de melhoramentos para reunir maior massa dagua.

Logo adiante está o Recolhimento de Santa Tereza dos orfãos que eram 58, tendo saido ontem 1 por doente. Disse-me o administrador que a Igreja ha mais de 150 anos, lendo-se na historia que fora resultado dum voto na Batalha das Tabocas, tendo a Igreja a invocação de Nossa Senhora do Desterro. Os Terezios ocuparam o Seminario, que era seu convento. Os meninos, pela maior parte, são macilentos e com ares de doente, atribuindo-se aos pantanos visinhos. Aprendem as 1ªs letras e musica. Um estava bastante adeantado, mas a aritmetica sempre é o que ordinariamente menos sabem. Alguns instrumentos puxam demais pelo peito dos rapazes, e convem ensinar-lhes melhor a aritmetica e principios de Geometria aplicada ás artes, que devem aprender em geral.

Da Igreja do Monte veem-se umas barreiras com camadas bem claras, abundando segundo ouvi em giz, ainda que me pareça antes tabatinga, e todas escalavradas pelas aguas; é um espetaculo digno de ver-se.

Olinda está morta como cidade; porem pode florescer tornando-se arrabalde do Recife, sobretudo se houver caminho de ferro de Olinda ao Recife, ouvindo que o Bowman está na Inglaterra não quer empreender a estrada sem novas condições; seria bom ver se ressurgia essa empreza.

Consta-me que ha um olho de boa agua onde D. Maria I mandou fazer um chafariz; mas não sei se é a mesma bica do Rosario.

Olinda (8) tem 21 igrejas, mas a Bahia tem 85 segundo ouvi.

Á noite de volta ao Paço do Recife, estive com o Dr. Sarmento cuja memoria sobre a metereologia do Recife vai anexo, mandando-o freiar ao meio, para se examinarem algumas de suas asserções, que causam reparo.

---

8 — Em carta á filha Isabel, disse o Imperador: "...já de Olinda trouxe ontem boa colheita arqueologica".

Noutra missiva, diz: "Acabo de chegar de Olinda onde estive com o Liais e seus instrumentos, observando eu uma altura de Sirius; achei tudo tão bem arranjado quanto o permitiram as circunstancias».

Fui aos quarteis do 4º de Artilharia, comandante Higino José Coelho, e 9º de Infantaria José da Silva Guimarães, na Soledade e 10º de Caçadores comandante Coelho Kelly, no Hospicio. Achei que convinha rasgar mais as frestas do xadrez do 1º quartel, tremendo muito o assoalho duma sala no 1º andar. Tanto neste como nos outros quarteis ha escola, apresentando os soldados algum adiantamento, e queixam-se de maus fornecimentos dos arsenais, principalmente do pano para o uniforme ordinario que é vasado, e das pequenas dimensões das peças do fardamento de brim e algodão. Os sapatos, a não serem os de Fernando, não prestam, e nos dois ultimos quarteis o pano dos bonés é mau e desbota logo.

Tem gaz já nos quarteis dos 9º e 10º, e falta agua em todos, apesar de te-la perto, havendo já ordem para encana-la para o do 9º, e pedido para o do 10º. A limpeza dos quarteis faz-se em cubos de *pau*, estando entupido o cano de esgoto do quartel do 10º; por isso que julgaram dever faze-lo para não haver mau cheiro, convindo desobstrui-lo e fazer as obras necessarias para não tornar-se foco de infeção.

Os generos não são *todos* bons em nenhum dos quarteis, e as armas são velhas, não tendo alguns dos cães ou reservas pederneiras, e achando-se em geral pouca limpeza por fora e por dentro; do Arsenal vem por consertadas algumas cujo cão não bate na caçoleta.

As camas são de ferro, mas com taboas. Apesar de não haver grande diferença no arranjo de tudo o que pertence aos quarteis, sempre darei a preferencia ao do 9º. Enquanto estava neste quartel choveu. O comandante do 9º parece mais verdadeiro militar.

Ás 5 e 10, parti caminho do norte, e ás 8 menos 10 cheguei a Monjope, fazenda do Dr. Manuel Joaquim Carneiro da

Cunha (10), que é grande, bem situada, o que não admira pois foi dos jesuitas; o Monjope é o braço mais forte do Igaraçú; a fazenda dista do Recife 4 ½ leguas. O caminho tem subidas e descidas a principio; mas é de carro, e torna-se plano quasi que em toda extensão; larga-se a estrada do Norte para entrar para o Engenho, que pouco dista dela. Passei pela altura do Engenho Paulista á direita, onde começou a revolução de 1824, e pela Maricota, e á margem do Timbó divisa do termo de Olinda do de Igaraçú, encontrei o Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha e as autoridades do termo.

Do Timbó para diante começa a estrada do contrato chamada, e a obra pelo que pude julgar, já sendo escuro, e não alumiando bastante a lua por causa das nuvens tendo nos apanhado um pequeno aguaceiro, e chuviscado, não vai mal feita.

Sinto-me fatigado e preciso de repouso.

---

1 — Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha, Senhor do Engenho Monjope.

Nasceu em 1811 e faleceu a 3-8-1868

Fez parte da comissão encarregada da ornamentação e preparos do Palacio, onde se hospedou a comitiva imperial, no Recife.

Esteve na diplomacia, tendo exercido o cargo de adido de primeira classe na Legação Brasileira, em Viena.

Foi agraciado com o titulo de Barão de Vera-Cruz, por decreto de 14 de março de 1860.

Casado com Antonia Cavalcanti Carneiro da Cunha, Baronesa de Vera-Cruz, de quem não deixou descendencia.

(Vide noticia biografica na "Revista do Instituto Arqueologico Pernambucano", n. 18, pg. 347).

Cheguei a Igaraçú ás 6, tendo saido de Monjope ás 5 e ½ e seguido por um atalho. Fui logo á Matriz, que só tem de notavel os 4 quadros das duas sucristias.

Na do lado esquerdo da Igreja, na parede á direita de quem entra na sacristia está um quadro com a seguinte inscrição em tinta branca:

Depois dos holandeses terem saqueado esta vila de Igaraçú — (é assim se deve escrever e não Iguaraçú, de igara — canoa, e assú — grande; exclamação dos caboclos quando avistaram no Engenho-novo junto ao rio, os navios de Duarte Coelho Pereira, que *então* subiam até *aí*, não podendo agora subir o rio senão em canoas com maré cheia) — *no ano de 1632, tornando a ela no tempo em que estavam povoando Itamaracá a buscar telhas de algumas casas e igrejas para as fabricas, que faziam, indo a destelhar tambem esta igreja matriz de S.S. Cosme e Damião o não poderam conseguir, porque dos que subiram uns ficaram cegos, outros mortos. Ita Com. Trad. E para memoria se pôs este quadro no ano de 1729, que deu esmola o R. Pe. Manoel de Barros Vale. Foi vigario aqui.*

Aparecem os 2 santos juntos no cimo do quadro que representa pintado a oleo sobre pau, como os outros 3, a cena de que fala a inscrição.

A inscrição do outro quadro dessa sacristia, que fica na parede da porta, á esquerda, de quem entra, foi copiada por outrem e vai anexa, assim como a do quadro da parede á esquerda da Igreja, o que tem algumas figuras melhor desenhadas de que todos os vistos até agora em tres quadros, copiando eu a do quadro da parede fronteira a quem entra, que é a seguinte, sendo este quadro muito curioso pelo lado topografico:

. Um dos especiais favores que tem recebido esta freguesia de Igaraçú dos seus Padroeiros S. Cosme e S. Damião, foi o

defenderem-a da peste, a que chamaram males, que infestaram a todo Pernambuco e duraram muitos anos, começando no de 1685, e ainda que passaram a Goiana e a outras freguesias adiante, só a toda esta de Igaraçú deixaram intacta, porque se bem 2 ou 3 pessoas as trouxeram do Recife; nelas se findaram sem passar a outra, o que tudo é notorio. E para memoria se pôs este quadro no ano de 1729, e o deu de esmola Manuel Ferreira de Carvalho.

As seguintes povoações estão pintadas sob seus nomes respectivos, nesta colocação:

Goiana Itamaracá

Olinda

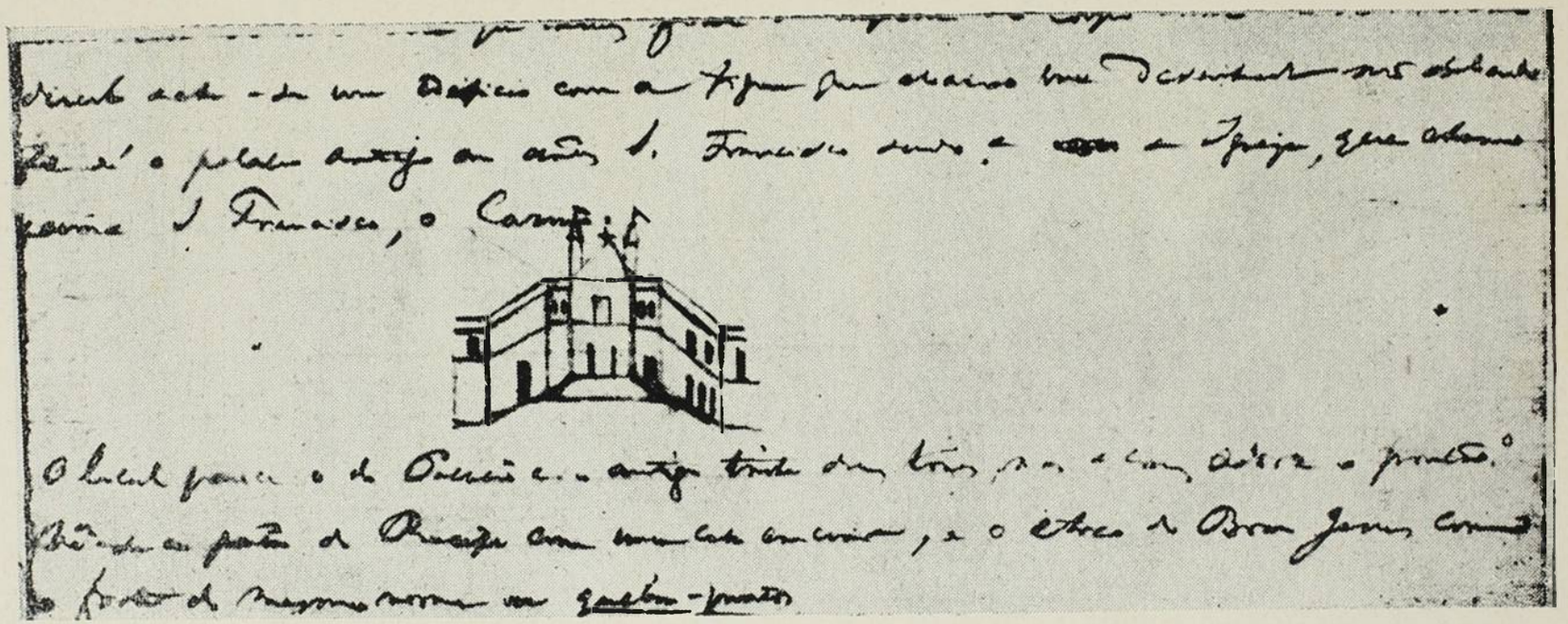
Recife

Goiana tem bastantes casas, 2 Igrejas e um Convento, o do Carmo; Ha uma imagem com grande (ilegível). Itamaracá não tem poucas casas terreas, e uma de sobrado com 3 janelas, havendo entre esta e uma Igreja á esquerda da casa no quadro alguns coqueiros. Por detraz da Igreja existe arvoredo frondoso. Tambem se vê uma imagem (ilegível) com grande (ilegível). Em Olinda as ruas apresentam-se com uma regularidade que não existe, e ve-se a passagem aberta com arcos laterais que haviam dantes sobre o varadouro. Ha 4 imagens do monte com grande (ilegível) espalhado pela cidade estando um pouco dentro da cerca dos Beneditinos, em cujo muro não vi indicada nenhuma fortificação, e mais outra onde se reconhece a Igreja de Sta. Tereza com seus coqueiros na frente.

No Recife ha 3 montes em 3 pontos. Do lado esquerdo olhando para o quadro, vê-se uma fortaleza que julgo ser a do Brum, e do direito coqueiros, parecendo estar ainda mais para a direita S. Francisco. No centro, eleva-se uma torre que talvez fosse da Capela do Corpo Santo. No extremo direito, acha-se um edificio com a figura que abaixo vou desenhar, não sabendo se é o palacio antigo ou antes S. Francisco, sendo a Igreja, que chamo acima S. Francisco, o Carmo. (1)

O local parece o do Palacio e o antigo tinha duas torres; mas a cruz sobre o frontão? Vê-se a ponte do Recife, com uma

1 — Nessa parte do **Diario**, Dom Pedro II desenhou um palacio com duas torres, cuja reprodução em cliché vai junta.



Desenho de **Dom Pedro II**, do pormenor do quadro existente na sacristia da Matriz de Igaraçu

casa em cima. e o Arco do Bom Jesus, com o forte do mesmo nome ou *quebra-pratos*.

Fui ao Recolhimento das orfãs. Ha 24 recolhidas e ensinam mal as primeiras letras e assim bordar e fazer flores sofrivelmente. As obras novas foram feitas por diligencia do capelão Florencio Xavier de Albuquerque, que é muito estimado, apesar-de acha-lo moço para Recolhimento de mulheres. A frente que havia caído foi levantada em 50 dias durante a missão de Frei Caetano de Messina. Carece de regularizar este estabelecimento tornando-o mais util á sociedade.

Na memoria Apontamentos sobre Igaraçú do ex-juiz municipal Luna Freire (2) se acham mais informações sobre o recolhimento e outras cousas de Igaraçú.

Ha no Recolhimento um retrato antigo com esta inscrição em tinta: *Retrato proprio do grande servo de Deus Pe. Paulo Teixeira da Companhia de Jesus, de (ilegível) de (ilegíveis), no século perfeito paroco, na religião perfeito missionario, o qual floreceu santamente no Colegio do Rio de Janeiro, sendo o primeiro mestre de noviços no nosso noviciado do mesmo colegio, tendo de idade 59 e de religião 24.*

Parece bom retrato, e tem um crucifixo na mão esquerda, gesticulando com a direita.

Convento de São Francisco. É grande mas sem vestigios historicos a não serem as palavras e figuras que traçaram nas paredes ainda se lendo sobre (ilegível) dos dormitorios 6º companhia, 7º, os soldados durante a revolução de 1848. Estragaram também a livraria e um frade a quem falei nada sabe senão o que Jaboatão e não tem noticia da segunda invasão do convento pelos holandeses.

A Misericordia deveu ser um bom templo mas a capela-mor desabou quasi toda, e os ladrilhos de tijolo do chão do corpo da igreja estão arrancados e os ossos espalhados. Sobre o arco cruzeiro e na face inferior duma especie de docel de madeira lê-se: — Obras feitas pelo Provedor João Abr de Carvº. Na era de 1776.

---

2 — O historiador Adelino Antonio de Luna Freire ofereceu ao Imperador um manuscrito intitulado "Apontamentos sobre Iguarassú", excelente resumo historico, que acompanhou ao exilio o soberano, esteve no Castelo d'Eu, e hoje faz parte das preciosidades do Arquivo do Grão Pará.

O manuscrito tem a dedicatoria: "Ao muito alto e poderoso Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador do Brasil, O.D.C. seu muito humilde e fiel subdito Adelino Antonio de Luna Freire, ex-juiz municipal de Iguarassú'.

Graças á gentileza do Principe Dom Pedro, já copiamos esse manuscrito e oferecemos o trabalho ao Arquivo Publico de Pernambuco.

Tem uma bonita porta guarnecida de pedra amarela, com 4 colunas pequenas, mas elegantes e (ilegível) duas de cada lado, ainda existindo sobre a porta a coroa sob a qual se distingue claramente o lugar de qualquer outro relevo. Sobre a janela da esquerda de quem olha, lê-se: — Ano; e da direita — 1740.

A antiga casa da Camara em ruinas é digna de atenção por ter sido a maior da Provincia; é quadrada tendo no 1° andar 6 janelas de sacada e grades de ferro, em cada um dos 3 lados, havendo do outro 3 de peitoril com varões de ferro, e em baixo estão as janelas de peitoril com varões de ferro, tendo duas portas defronte duma das quais ainda se veem os restos dos degraus duma escada de pedra cravados na parede, tendo se quebrado esta cantaria como feito (ilegível) pedreira para obras provincias desde o tempo de Vauthier (3), do lado oposto e fronteiro á primeira subia outra escada de cantaria. Fora do lado esquerdo de quem olha para o edificio havia um oratorio, hoje inteiramente arruinado, para os presos ouvirem missa das grades. Ha 20 anos ou pouco mais ainda (ilegível). Vê-se a coroa frontespicia e o lugar das armas.

A vila não tem futuro e só a estrada de Goiana lhe dará alguma vida. Ha uma obra de utilidade para a navegação, que já não é para barcos senão até o porto das Pedrinhas, onde há pouco tempo subiu um vapor, e é um canal que corte pela gamboa Garapé uma ponta que ás vezes não se pode dobrar com vento; Itapissuma é o verdadeiro porto do termo de Igaraçú; e a Companhia Pernambucana tem aí um trapiche.

Fui visitar as aulas. A das meninas, Maria Clementina de Figueiredo, tem 22 matriculadas num caderno. A professora não parece boa, e as meninas não se apresentaram adiantadas. Havia uma livraria de novelas traduzidas, e entre elas uma de Paulo de Kok. A de meninos é regida por um Padre, Manuel Inacio Bezerra do Amaral, que parece bom professor, mostrando os meninos que sempre tem aproveitado. Ha 54 matriculados em livro, sendo a frequencia de 46.

---

3 — Louis Veger Vauthier, engenheiro francês, contratado pelo Conde da Boa Vista, para a realização de obras publicas. Esteve no Recife de 1840 a 1846

Entre suas principais obras, contam-se o Teatro de Santa Isabel, a Ponte pensil de Caxangá (a primeira do Brasil, e talvez da America do Sul), projetos de urbanização, construção de estradas, planta da cidade, etc.

4 — A Camara Municipal de Igaraçú compunha-se de: Hemeterio José Veloso da Silveira, Francisco Cavalcanti, Jaime Galvão, Urbano José de Melo, Manuel do Rego Albuquerque, Francisco Cordeiro Cavalcanti e Guilhermino Ferreira Alcantara.

Gostei de tratar com o Tenente-Coronel do 10 Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, Presidente da Camara de Igaraçú, Hemeterio José Veloso da Silveira. O Juiz Municipal (ilegível) de Gouveia é elogiado pelo Carneiro da Cunha (Manuel Joaquim) que diz nem o cortejar; nada ouvi em desabono do promotor da Comarca Manuel Isidro de Miranda que me pareceu vivo, quando lhe falei em Olinda; o delegado do 9° Ribeiro pareceu-me ativo, e estão satisfeitos com ele.

O cemiterio do tempo do colera foi abandonado; mas o Dr. Carneiro da Cunha cede esse terreno por pertencente a Monjope, e detraz do Rosario, e vão restabelecer o enterramento fora da Matriz.

Saí de Igaraçú (5) ás 5 da tarde chegando ás 9 ½ a Itapirema, fazenda da irmã do Boa-Vista, viuva de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, morto no combate de 2 de fevereiro, não me aparecendo; mas a filha e o genro, filho do Brigadeiro Almeida.

O caminho tem lugares bem maus principalmente uma ladeira antes do de Taperussú ou Tapirassú, que as aguas tem lavado toda, sendo o terreno aí duma especie de tabatinga; e o chão tambem barrento ou arenoso do alto faz-se bela vista descobrindo-se ao longe Igaraçú.

Encontrei bastantes (ilegível) e alguns jatobás. Tambem achei mandacarús, sendo portanto a terra pouco fertil na maior parte, havendo contudo o engenho importante de Araripe de Baixo que pertence, como os de Araripe do Meio e o de Cima a João Vieira da Cunha (6), com um belo açude para

---

5 — A comissão de recepção e festas durante a visita imperial era formada pelos membros da Camara e mais os Senhores Manuel Francisco de Sousa Leão, Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha, Epaminondas Vieira da Cunha, Dr. Silvino Cavalcanti de Albuquerque e Barão do Rio Formoso.

6 — João Vieira da Cunha, casado com Maria das Neves Carneiro da Cunha com a descendencia de 10 filhos:

F 1 — Augusto Vieira da Cunha;
F 2 — Epaminondas Vieira da Cunha, Barão de Itapissuma;
F 3 — Olindina, casada com Dr. Manuel Clementino Carneiro da Cunha;
F 4 — Maria, casada com seu primo Antonio de Morais Vieira da Cunha;
F 5 — Antonio, casado com Francisca Wanderley Pereira Lins;
F 6 — Francisca, casada com o Cel. João Carneiro Leitão de Melo;
F 7 — Ildefonso, casado com Maria Idalina Gonçalves de Azevedo;
F 8 — Antero Vieira da Cunha, Barão de Araripe;
F 9 — João, casado com sua prima Amelia Vieira da Cunha;
F 10 — Manuel, casado com sua sobrinha Amelia Leopoldina Vieira da Cunha.

O tronco da familia Vieira da Cunha em Pernambuco é o português An-

mover o engenho, e indicando-me o Dr. Silvino (7) um espaço onde produz muito bem a mandioca.

Mostraram-me umas caixas de pau penduradas nas paredes de casas pobres que são cortiços de abelha uruçú, de que tiram mel fazendo de consolinhos; as velas que encontrei acesas com luminarias em taes casas são de carnaúba.

Na casa do engenho Itapirema ouvi a um Bezerra Cavalcanti, já de idade, protegido do Camaragibe e irmão do Vigario de Magé, recitar as 58 ou 59 oitavas-rimas dum poemeto em que o Padre pernambucano Lopes Lima, nascido em 1730, conta toda sua vida, desde o nascimento até o Bispo do Rio salva-lo do Aljube onde estava preso, por ter depois de casado contra sua vontade expressa e portanto resultando nulo matrimonio, se ordenado na cidade de Cordova da Confederação Argentina, hoje, para onde fora depois ter estado em Buenos Aires fugido de Pernambuco, por causa do casamento a que o obrigaram por ter deshonrado o que ele nega ter conhecido virgem.

Não deixa de ter curioso o poemeto, e a mania do Bezerra é decorar versos de que sabe muitissimos, metendo-se tambem faze-los de pé *quebradissimo*.

---

tonio José Vieira da Cunha, estabelecido em Igaraçú, casado com Francisca Vieira da Cunha, da qual teve 3 filhos:

1 — João, citado acima;

2 — Manuel, casado com Ana Xavier de Morais;

3 — Antonia, casada com Manuel Nascimento da Cunha Monteiro, sem filhos.

(Vide "Tituiares Pernambucanos: Os irmãos Vieira da Cunha — Barões de Itapissuma e de Araripe", por Guilherme Auler, a ser publicado no ANUARIO do Museu Imperial).

7 — Dr. Silvino Cavalcanti de Albuquerque.

Saimos de Itapirema depois de 4 da madrugada, e depois de ter andado algum tempo o caminho tornou-se bom até Goiana. A vista do Engenho Bujarí, pertencente ao Presidente da Câmara Antonio Francisco Pereira (1), é muito bela, descortinando-se a grande várzea de Goiana. Apanhei chuva durante talvez duas léguas antes de Goiana, nem sempre forte, e depois de mudar de roupa da viagem fui correr a cidade.

Tem 7 igrejas e a dos Martírios em completa ruina. Fui a da Misericordia, em cujo frontespício lê-se — Ano 1723, encontrando uma lapide com o seguinte epitáfio — Sepultura de Francisco Afonso Veras, Insigne Benfeitor desta casa de Misericordia, 1726. Incendiou-se em 1820, sendo reedificada.

Há junto um hospital com 10 quartos no 1º andar e 10 no terreo, e 7 doentes, 6 homens e 1 mulher. A renda do hospital é de 50$000; mas a da Igreja de 600$000 — por ano gastando-se também com o hospital. Tem capelão, e o escrivão que é boticário fornece os remédios de sua botica fora do hospital.

Visitei a aula de meninos do Barroso (2) com 118 matriculados em livro e de frequência 80 a 90, parecendo-me muito bom professor e distinguindo-se entre os outros alunos um pardinho pobre de nome José dos Passos Queiroz, que frequenta a aula desde 1854.

Depois passei ao Convento do Carmo (3), defronte do qual há um Cruzeiro, que é obra bem feita e onde o coronel Lobo disse-me que há inscrições — não as vi — ficando o religioso do Carmo de copiá-las com vagar. O Melo Rego também

---

1 — Antonio Francisco Pereira, Barão de Bujarí por decreto de 23-11-1867. Faleceu em 6-12-1868, sendo sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, de Goiana. Senhor do Engenho Bujarí.

2 — Professor João José Barroso da Silva Juvenil.

3 — Era prior Frei Noberto da Purificação Paiva.

me disse que se lembrava de ter visto dantes uma águia com duas cabeças sôbre a porta do Convento de S. Francisco de Igaraçu, ficando de examinar êsse ponto. Na igreja encontrei epitáfios, cujas datas é que me interessaram; sepultura de 1688 de João Paes de Bulhões e sua mulher e filhos; Sa. de Francisco Afonso Veras e de sua mulher Tereza de Jesus... ores... Agto. 1719. Sepultura (que não se lê bem) de 1687. O religioso, um dos 4 que costumam residir neste convento pertencente á Provincia Carmelitana de Pernambuco supõe que a fundação do Convento teve lugar há 200 anos. Os papéis foram todos estragados na revolução de 1848. Lanço e meio do claustro está em ruina, destelhado, e parte das paredes caída, o resto foi reparado.

Segui para a aula de meninos do Manoel Rodrigues Machado Lima, com 73 matriculados e 50 de frequência. Um menino de 2 anos de aula lê apenas mal o outro de mais de dois lê sofrivelmente, e respondendo do mesmo modo em gramática, dividindo bem; o professor parece bom.

Recolhimento da Soledade fundado há 100 anos. Há quarenta mulheres entre tôdas. Frei Caetano de Messina reuniu o dinheiro preciso para reconstruir, segundo creio que dissessem fazer um lanço. Fazem obras de agulha e flores, de que trago um ramo, e rendados. Tem acomodações e boa cêrca. Seria conveniente empregá-las no ensino, ou estabelecê-lo para meninas, aproveitando o edificio. Recebem 800$000 por ano da Assembléia Provincial, sua única renda além do que vendem. Pareceram-me muito beatas, sempre de olhos baixos e procurando voltar a cara, principalmente quando se abriu a portaria.

Depois fui á aula de meninas, professora Maria Cavalcanti com 68 matriculados em livro e 40 a 50 de frequência. É boa e as meninas estão adiantadas.

Também ví as Igrejas do Rosário dos Pretos mais antiga que a Matriz, e a do Amparo, que terá sido fundada, segundo creio ter ouvido dizer ao Vigário há 178 anos.

A proclamação da Independência teve lugar na Rua Direita, que o é e bastante larga, sendo quase tôdas as casas de Goiana terreas, e a população de 8 a 10 mil almas.

Ao meio dia fui á Matriz, ao *Te Deum*, que não esteve mau, pregando mediocremente, porém por pouco tempo um padre do Recife, fulano de tal Grego (4), de murça de seda preta com uma espécie de crachá á esquerda.

4 — Pe. Leonardo João do Grego.

Lourenço de Sá e Albuquerque
VISCONDE DE GUARARAPES

João Joaquim da Cunha Rego Barros
3.º BARÃO DE GOIANA

Depois tive beija-mão, apresentando-se o pai de Nunes Machado com 85 anos, havendo um primo do Nunes Machado de talento superior.

De tarde, fui ver a várzea e direção dos braços do rio Capibaribe-Mirim, o Tanquinho e o Massangana, dois lugares donde o povo tira água para beber, e é boa, algum tanto distantes da cidade e em nivel muito mais baixo do que essa, sendo a água do Bujarí, terreno mais alto, bastante afastada.

A obra que reclama a cidade é a facilidade de navegação, que não se faz em barcaças e com maré cheia, até a distância talvez dum quarto da cidade. Atribuem isso a uma tapagem no braço principal do Capibaribe-Mirim, que o faz desviar a maior parte de suas águas para o lado do Jacaré, tendo sido essa obra feita, segundo consta, por ordem do Senado da Câmara, para evitar inundações na cidade, mas creio que foi mal pensado e que cumpre desobstruir êsse braço do rio, antes do que fazer uma estrada de carro de 2000 braças, desde Goiana até o rio Japomim, ou aprofundar uma gamboas que vão ter ao Japomim, aproximando-os da cidade por meio dum canal.

Também há o projeto de cortar as valas e a dágua do braço que passa perto da cidade comunicando-o desde o pôrto até onde podem subir as barcaças com o braço que vai pelo Jacaré.

O Presidente da Câmara (5) disse-me que havia oposição ao projeto de desobstrução, porque a maior parte das águas passaria pelo braço pequeno da cidade, prejudicando o dono do Engenho-Novo, Antonio Alves Vianna, por cujos terrenos passa o outro braço.

Há muitas intrigas em Goiana e a rivalidade existente entre o João Joaquim (6) e Antonio Francisco Pereira, parecendo-me ambos excelentes pessoas, ainda que tive uma queixa contra o último por causa de terras. Até na recepção influiu a rivalidade, preparando-se para a minha hospedagem a Casa da

5 — A Camara Municipal compunha-se de: Presidente — Antonio Francisco Pereira; Raimundo de Araujo Lima, Mariano Ramos de Mendonça, Manuel José Fiuza Lima, José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, Manuel Moreira da Costa Passos, Bartolomeu Gomes de Albuquerque, João Alves Pragana, Pe. José Paulino da Silva Monteiro.

6 — João Joaquim da Cunha Rego Barros, 3º Barão de Goiana, por decreto de 6-7-1870. Nasceu em 15-4-1797 e faleceu em 30-11-1874. Senhor dos Engenhos Bonito, Panaguá, Olho dagua, Branco, Tracunhãem, Novo de Santo Antonio, Palha e Pedregulho. Casou-se com Manuela de Castro Caldas, Baroneza de Goiana, falecida a 26-3-1887, com 86 anos. Descendencia:

Filho 1 — Honorato da Cunha Rego Barros, casado com Maria Francisca Correia de Andrade, com 11 filhos: Julio Maria, Eduardo, Maria Joana, Vitor,

Câmara e outra maior, sob a influência do João Joaquim, patrono eleitoral do Dr. Aguiar (7).

Essa casa que preferi, tinha mais cômodos, podendo nela ficar igualmente os criados de honra; mas deviam ter procedido com maior harmonia no oferecimento, tendo ambos os contendores feito parte da Comissão (8), constando-me que o Pereira não mandou da Casa da Câmara alguns objetos, que estavam aí para meu serviço e pertenciam ao João Joaquim. Ambas as casas estavam muito bem arranjadas.

Mandei convidar ambos para tomar; porém o João Joaquim (9) pouco se demorou. Este parece gozar da maior popularidade e agenciou uma subscrição de mais de 6 contos para o que fim que determinasse, devendo ser empregados em renda para o hospital.

Joana, João Alfredo, Amelia, Maria da Conceição, Francisca, Ana Carolina e Elisa;

Filho 2 — Benvinda, casada com Dr. Belarmino Correia de Oliveira, com 8 filhos: Samuel, Rafael, João Joaquim, Antonio, Maria Cristina, Maria do Carmo, Maria José e Luzia;

Filho 3 — Rita, casada com Henrique Tavares da Cunha Melo, com um filho: João Americo Brasilico;

Filho 4 — Belarmino, casado duas vezes, com descendencia;

Filho 5 — Maria Eugenia, casada com o Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, com 6 filhos: Alfredo, Pedro Francisco, João Batista, Maria da Conceição, Maria Nazaré e Maria Eugenia;

Filho 6 — Joaquim, falecido solteiro, em Coimbra, quando cursava o 3º ano medico;

Filho 7 — Valentiniano, casado com Feliciana Cavalcanti, com dez filhos: João, Manuel, Felipe, Pedro, Maria Cristina, Benvinda, Albertina, Eugenio, Ana Elisa, Severino;

Filho 8 — Ana Joaquina, casada em 1ª nupcias com Dr. José Inacio da Cunha Rabelo, com 9 filhos: João Temistocles, José Inacio, Belarmino, Benvinda, Joana, Florinda, Abdisio Goianense, Edisio e Sinhá. Em 2ª nupcias, casou-se com Manuel Cornelio de Lima Campelo, de quem teve seis filhos: Antonio Egidio, Ana, Maria do Carmo, Manuel, Lidia Elisa e Severina Elvira.

7 — Dr. João José Ferreira de Aguiar, Barão de Catuama por decreto de 5.-7.1888.

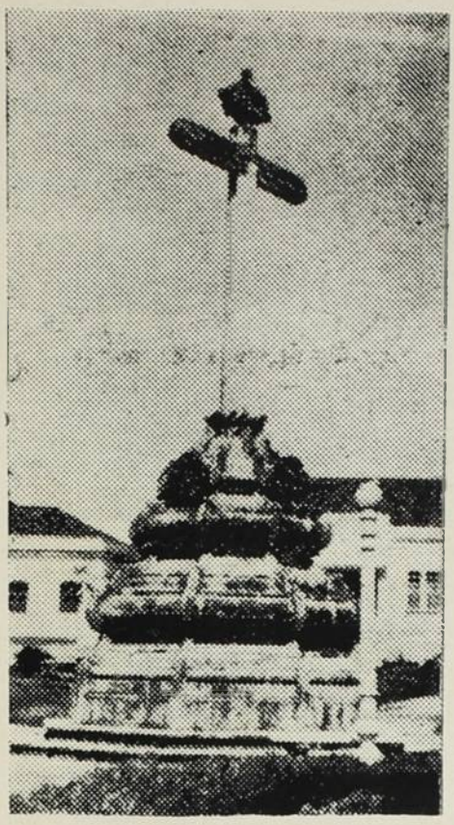
Nasceu a 10-1-1810 e faleceu a 18-11-1888.

Casado com Josefina Carolina da Silva Guimarães, Baroneza de Catuama, nascida em 1815 e falecida em 29-8-1891.

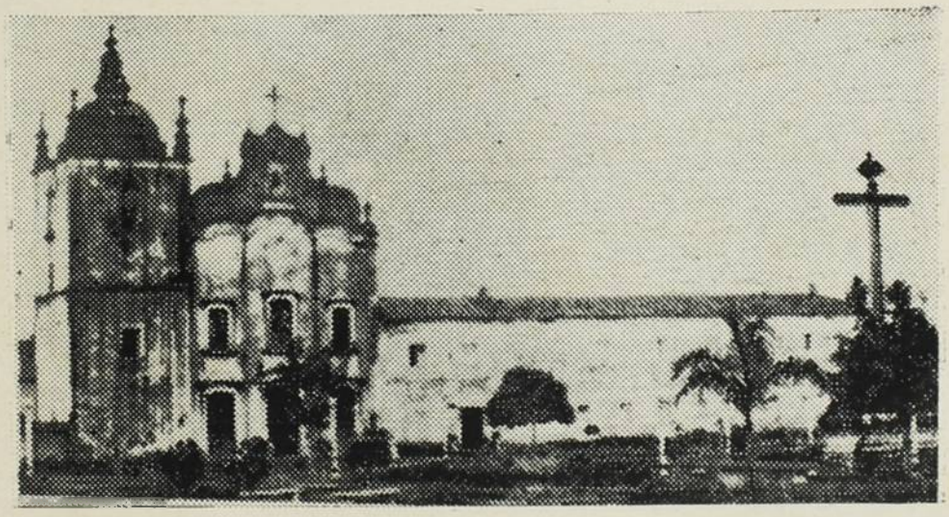
Presidente da Provincia no Rio Grande do Norte e no Ceará, Deputado á Assembleia Provincial, e á Assembleia Geral do Imperio. Professor de Direito Criminal, na Faculdade de Direito do Recife, de 1854 a 1888.

8 — Compunha-se a comissão dos seguintes: João Joaquim da Cunha Rego Barros, Juiz de Direito Dr. João Antonio de Araujo Freitas Henriques, Antonio Francisco Pereira, Antonio Alves Viana, Pe. Luis José de Figueiredo e Juiz Municipal Dr. João Hircano Alves Maciel.

9 — O Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira escreveu a biografia do seu sogro João Joaquim da Cunha Rego Barros, em diversos artigos apa-



O Cruzeiro de Goiana.



Convento do Carmo, fundado em 1666, em Goiana.

Houve de noite carro triunfal com 7 meninas, e bastante povo, e fogo na Rua Direita, em que estão as duas casas preparadas para a hospedagem.

Visitei a cadeia por baixo da Casa da Câmara, que é bom prédio, concluido em 1848, sendo a obra á custa da Câmara. A cadeia no andar térreo é boa, *havendo fogões*. Os livros não estão bem lançados, se não é devido a irregularidades das autoridades, e não se faz a visitação desde julho, dizendo-me o delegado interino tenente-coronel da Guarda Nacional Melo Gadelha que a não tem feito, *porque houve bexigas na prisão e êle ainda as não tivera;* parece-me pouco ativo, e (indecifrável) zeloso.

O Juiz de Direito Freitas Henriques diz bem do Juiz Municipal Maciel (10), e também de si de cujo rigor se gaba, tendo sido causa das desavenças com o ex-juiz municipal, hoje de direito Caetano (indecifrável), obrigando por processo de responsabilidade alguns empregados de justiça a homisiar-se como um escrivão; convém examinar ainda o procedimento dos 2 magistrados; nada ouvi a respeito do promotor Julio Barbosa de Vasconcelos. A cidade tem de 6 a 8 mil almas, segundo ouvi; quase tôdas as casas são térreas.

---

recidos na revista carioca "O Norte", em 1922, sob o titulo "Barão de Goiana — (Do arquivo intimo de um vulto ilustre da patria)." São nove artigos basicos para o estudo da vida rural pernambucana.

Posteriormente, em 1925, a "Revista do Instituto Arqueologico Pernambucano", no seu volume 27, divulgou esse mesmo artigo com o titulo "O Barão de Goiana e a sua epoca genealogica".

9 — Dr. João Hircano Alves Maciel.

7

Saí ás 5 horas da manhã para a povoação de Tijucupapo (1), cujo nome me disse o Tenente Coronel, creio que Joaquim Francisco Cavalcanti Lins, ser tradição provir dum índio que ficou enterrado no *Tijuco* até o papo; mas ouvi a outrem que queria dizer *tijuco grande*, e com efeito, há um grande alagadiço próximo. Tive chuva e ás vezes forte durante quase todo o caminho. Indo conhecer logo o local que passa pelo reduto defendido pelas mulheres, e com efeito a 12 metros de andadura seguida da povoação, cuja capelinha arruinada e enegrecida disseram-me ter mais de 100 anos, encontra-se uma chapada que chamam aqui *chan* do Engenho Megaó de Cima, de Raposo Antonio Falcão, um valo de 193 passos meus de circuito, formando a terra escavado parapeito, e tendo nos quatro cantos seu baluarte. Consta que havia dantes estacada, e eu trouxe cortado a machado um pedaço de tronco duma sucupira queimada sôbre um dos parapeitos. Para o lado do mar fica a ribanceira do morro não tendo por isso fortificação por êste lado. No vale e ao pé da ribanceira há uma fonte chamada da *trincheira*. Nesse vale há um alagadiço onde se tem encontrado restos de instrumentos e algumas moedas pequenas quadradas, recomendando ao Ten.-Coronel que faça excavações e remeta o que achar e puder obter do já encontrado. Há outra povoação chamada S. Lourenço de Tijucupapo onde está a matriz a pouco mais de légua da outra, mas não consta que haja vestígios de fortificação senão as que mencionei, e trato de indagar qual é a povoação mais antiga, podendo os habitantes de S. Lourenço ter-se refugiado num reduto a pouco mais de légua de distância, ainda que ficasse assim um pouco longe do

---

1 — No dia 9 de dezembro, Dom Pedro II escrevia á sua filha Dona Isabel: "Cheguei ontem de minha excursão a Goiana, tendo vista as antiguidades de Igaraçú, os sinais em Tijucupapo do reduto que as Jeannes Hachette pernambucanas defenderam repelindo os holandeses, e a mangueira plantada no lugar da celebre mangueira jasmin pelo cheiro da fruta em Itamaracá".

povoado. No caminho para Tijucupapo vi um arbusto que confundia com as mangabeiras, ainda que tenha aquêle — fôlha maior e mais verde, o qual dá um fruto de que o povo extrai azeite que é bom; chama-se Batiputá. Fomos embarcar no pôrto do Buraco, gastando uma hora da casa do sub-delegado de Tijucupapo até lá andando a bomequipado. A galeota não se pode chegar á margem do rio Tijucupapo e tive de entrar por êle a cavalo apeando-me para a galeota, que me levou ao "Pirajá". Ao meio dia menos 7 minutos estava defronte da barra de Catuama com a ponta do Seleiro á esquerda, á direita um fortim em ruinas e por detrás o pequeno rio Taperioca (talvez: Ita-pê-joc — caminho de pedra de picar ou caminho de pedra ou pedras ponte-agudas). Há currais que concorrem para entulhar cada vez mais o canal. Por detrás do fortim entra a gambôa do Caraparí.

12 ½. Tomba-i-as-aguas, lugar onde se encontram as duas correntes da maré que circulam a ilha de Itamaracá, entrando á direita o pequeno rio Congo.

1 menos 7, passa o vapor um pouco defronte de Itapissuma (talvez Ita-pisseme — pedra lisa), pequena povoação á beira do canal do sul entre a terra firme onde está situado e a ilha. Há aí um trapiche da Companhia Pernambucana, bastante casas térreas com uma capelinha e numerosos coqueiros; ainda não criaram aí a escola de primeiras letras, mas já se discute na Assembléia Provincial uma lei criando-a.

1 e 20. Sitio dos Marcos na terra firme; daí a pouco salvam o "Belmonte" e "Iguatemí" que estão fundeados defronte de Vila-velha, povoação de Itamaracá, á direito do lugar em que estava abria a gambôa de Garapé.

As crianças do sexo masculino superabundam na terra firme e as do feminino na ilha.

Disseram-me que havia muitos fornos de cal em Maria-Farinha na terra firme, ao sul de Itamaracá, assim como diversas salinas na ilha.

A 1 3/4 estava o "Pirajá" aproando para eu desembarcar na ilha onde o fiz de galeota e numa praia tôda bordada de coqueiros. A ilha de Itamaracá tem talvez 3 léguas de comprimento e quase uma na sua largura, e 5 engenhos segundo o Almanaque dêste ano.

Vila-Velha, que é agora uma triste povoação, está no ponto mais alto da ilha, subindo-se por íngreme ladeira. A matriz está aí, mas o vigário Fortunato J. de Souza e o coadjutor Ignacio Bezerra de Menezes moram no Pilar a 2 ½ léguas de distância, e o povo logo mesmo, na presença do vigário repre-

sentou-me que não tinham vigário, morrendo muitos sem os sacramentos e não tendo missa.

Na parede do fundo da capela do Sacramento da parte da rua lê-se 1766. Há uma casa inteiramente arruinada que foi cadeia e apenas existem restos da Misericordia, e os alicérces da igreja de Santo Antonio. A ilha tem 9700 almas segundo ouvi ao vigário que se regulava pelos fogos. A aula de meninos tem 39 matriculados em livro, e 28 a 30 frequentam habitualmente. Um menino de 7 *anos* de aula lê sofrivelmente, apenas sabe analizar gramaticalmente e não logicamente; o professor não parece bom.

Á 5 e tanto fui ao Forte de Orange gastando até lá 3/4 de hora, mas descendo a ladeira de Vila-Velha a pé, tendo de atravessar em galeota uma gambôa, cuja ponte não restabeleceram, porque há outro caminho pelo interior da ilha, posto que maior para o Pilar, e seguindo depois a cavalo. Está bem situado no pontal da barra á esquerda de quem sobe, tem a cruz e armas portuguesas sôbre o portão. Á direita de quem entra há frestas no muro do corredor que dão para um espaço em que há 3 arcos sôbre os quais parece que devia crescer obra que nunca se fez. Tôdas as obras da fortaleza são de pedras grandes exceto algumas muito poucas e nada importante de tijolo. Há um poço no meio do recinto da fortaleza onde se lê: ...mandou fazer à sua custa esta sisterna... de Veiga Cabral Gdo. esta capitania 1676.

Tem capelinha com seu capelão, cujo *filho* seduziu uma moça que veio queixar-se que êle não queria consentir no casamento que o rapaz lhe prometera apesar da existencia dum neto; 1 cabo, 2 soldados e o comandante. A esplanada não foi tôda feita, e a fortaleza é um quadrado com seu baluarte em cada canto. Tôdas as peças estão desmontadas ou quase desmontadas. A fortaleza está quase colocada na direção dos 4 pontos cardiais. No ângulo N E vê-se no mar um resto de recife artificial.

Segui para o Pilar por uma longa praia batida, tendo antes atravessado areia onde vi um arbusto baixo chamado Garjirú, que dá fruto sem pedunculo como a jaboticaba. Há muitos coqueiros pela praia pouco afastados do mar. A povoação do Pilar vai crescendo por causa da passagem das barcas costeiras que aí tocam e tem bastantes casas. Cheguei já noite fechada, mas com belo luar porque fui até a mangueira plantada no lugar da célebre mangueira jasmin, a que se liga a legenda amorosa de Maria e de Ivo, chamado o redivivo sôbre que o Soares d'Azevedo, do Ginásio, fez uma poesia que ficou de dar-me.

Não é tão bonita como outras que a cercam, e se encontram, sendo o caminho pouco fácil; mas aprazível principalmente no palmar que se atravessa antes de chegar a uma capelinha.

Colhi algumas folhas de mangueira, ás 6 3/4 aumentando o luar as saudades que o lugar me despertou. Também me prendeu melancolicamente o aspecto da lua entre os coqueiros porque se passa ao chegar ao Pilar, que também é cercado de coqueiros. Estava de volta em Vila-Velha ás 8 menos 5 m., mas também o meu cavalo na praia batida andava desquipado que punha todos os outros cavalos de galope largo. A gente de Itamaracá é preguiçosa e refratária a todo serviço, vivendo numa certa independencia das autoridades, segundo ouvi, e o batalhão da G.N. que já teve 300 praças no tempo que o comandava o Tenente Coronel Lobo, chefe do Estado Maior da G.N. de Olinda, está hoje desorganisado, existindo no municipio organizados outros 2º de Olinda que é o que tem algumas armas, e o de Igaraçu, comandante superior J. Cavalcanti d'Albuquerque, cunhado do Silvino e seu patrono eleitoral contra o Dr. Manoel Joaquim Carneiro da Cunha (2), que é homem de muito mais préstimo e de excelente caráter.

2 — Senhor do Engenho Monjope e Barão de Vera Cruz.

O "*Pirajá*" (1), em que saí de Itamaracá vindo por dentro do recife, encalhou defronte do Forte do Pau-Amarelo, lugar em que desembarcaram os holandêses em 1630, e tive de passar para o "*Iguatemí*" (2), continuando a viagem por fora do recife. Avistei a igreja de Maranguape e pouco antes de chegar á altura de Olinda que é muito bonita do mar, enjoei sofrivelmente, vindo incomodado até o Forte do Picão.

Ao meio-dia fui ouvir missa no Espírito Santo e de tarde dei o passeio de Madalena, Remédios e Afogados.

---

1 — O navio "Pirajá" era comandado pelo Primeiro Tenente João Batista de Oliveira Montaury; Imediato — Segundo Tenente Olimpio José Chavantes.

2 — Canhoneira "Iguatemí", comandada pelo Primeiro Tenente Domingos Joaquim da Fonseca. Oficialidade: Segundos Tenentes Augusto Neto de Mendonça e Lucio Joaquim de Oliveira; Piloto — Anacleto da Silva Vieira; Comissario — Joaquim Barbosa do Nascimento; Escrivão — Candido José Alves da Fonseca.

Pertencia a canhoneira "Iguatemí" á denominada Estação Naval de Pernambuco da qual era comandante o Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso.

Faziam parte dessa força naval estacionada no Recife, além da "Iguatemi", a corveta "Pedro II", os brigues "Xingú" e "Itamaracá" e o iate "Paraíbano".

9

Fui ás 6, ver os quarteis de Cavalaria e da Policia. O primeiro é muito acanhado e mal situado, perto dum mangue e tão baixo, que tres compartimentos não servem por causa de umidade. A escrituração pareceu-me regular. Queixa-se dos fornecimentos do Arsenal, como nos outros quarteis de linha, e os antigos selins, os novos são bons, estragaram os cavalos. Estes bebem mal, esperando o Capitão Castro Araujo desacostuma-los, o que não crê o Comandante da Polícia que ele consiga. Um (ilegível) que serve no quartel queixa-se de que lhe não dão de comer nem a diaria, vivendo do que pode obter para comer. O xadrez não tem forro e já um preso tentou fugir por cima da parede divisoria. Não tem agua, recebendo-a dum escaler, nem iluminação a gaz. Os generos pareceram-me bons menos o feijão que não é preto; o café vem torrado do fornecedor.

Cada ração de arroba e meia de capim, que come o cavalo por dia, custa 400 reis, e o resto da alimentação anda por mais 300 reis.

As baias não são boas, e a madeira cobrindo os canos de escôo ha de conservar sempre sujidade. A maior parte dos cavalos estava com mataduras dos antigos selins.

Quartel de Policia (1). Mal acomodado pela estreiteza, e pessimamente situado para o fim a que é destinado, porque se encurralam os soldados. As companhias estão bem arranjadas, ainda que as armas se apresentam pouco limpas internamente, sendo todas de espoleta. Tarimbas fixas, tendo o comandante pedido, ha mais de ano, 200 camas de ferro ao Arsenal de que só mandaram 50 que alias não vi servindo, não havendo senão poucas praças no quartel por causa dos destacamentos.

Escrituração em ordem; mas não sei porque chega a ter 12 contos em cofre, não sendo preciso naturalmente tanto

1 — O Comandante do Corpo de Policia era o Tenente-Coronel Sebastião Lopes Guimarães.

dinheiro para os adiantamentos que se tomarem; hoje tem 5 contos e tanto.

O quartel tem uma parte bastante arruinada. Não tem agua dentro nem iluminação; o despejo faz-se em cubos de *madeira*. Não tem rancho as praças existentes empregam a etapa como querem.

Antes de ir a este quartel, estive no Hospital dos Lazaros, fundado em 1789 por Tomás José de Melo, cujo retrato aí se acha. Tem 22 homens e 11 mulheres. Tem capelinha bonita. A casa carece de consertos. Tem espaço para construir, mas os doentes criam galinhas. Os generos pareceram-me bons, a exceção da manteiga francesa, como nos quarteis, que estava rançosa, sendo a comida dada aos doentes por postigo, o que me parece não dever ter lugar. Tem cacimbas para a agua de serviço mas não tem encanamento para agua potavel. Não tem ração de chá nem de café; bebem no almoço *agua quente com leite*. Não me parece que vi bem este estabelecimento.

Ás 11 e tanto da manhã, fui assistir à distribuição dos premios (2), e gostei mais deste estabelecimento que do da Bahia. Ouvi o 1º premiado do 1º ano Virgilio Augusto de Morais, que me admirou pelas suas respostas prontas e quasi sempre exatas. O Regedor Pe. Joaquim Rafael da Silva parece ser excelente, e gostei de ver o modo porque procedeu durante a minha visita, e da livraria.

Os professores (3) de latim, julgo-os bons, assim como o de matematicas elementares, o de grego, e o de lingua e literatura nacional. O de francês não é como seria necessario; o de inglês, que tanto desejava ouvir, por causa da questão teologica com o Feitosa, não se achava presente, e o Brunet ainda sabe mal a lingua pronunciando ás vezes de modo a provocar riso. O de alemão mal pôde mesmo, por falar muito baixo, deixar-se apreciar não me parecendo todavia, bom, e os outros não os ouvi nem pude aquilatar. Um dos meninos premiados leu um

2 — Do Ginasio Provincial.

3 — Os Professores do Ginasio Provincial eram os seguintes: Pe. Inacio Francisco dos Santos, Porfirio da Cunha Moreira Alves, Dr. Luis Carlos de Magalhães Breves, Dr. Felipe Neri Colaço, Carlos Steuber, Joaquim José de Carvalho Siqueira Varejão, Dr. Antonio Rangel Torres Bandeira, Antonio Egidio da Silva, Dr. José Raimundo da Costa Menezes, Dr. José Joaquim de Morais Sarmento, Mr. Brunet, Dr. José Soares de Azevedo, Conego Joaquim Pinto de Campos, Joaquim Bernardo de Mendonça.

discurso gratulatorio em latim que me pareceu puro; obra do mestre (4) segundo me disse o regedor (5).

A casa é muito acanhada apenas cabendo 40 e tendo tido este ano 38 e agora 32 depois dos exames e ferias. As camas tem tapagens de pano nelas mesmas, que não deixam ver umas de outras; mas os lençoes estavam sujos; quanto ao resto tudo me pareceu bem aceiado.

No andar terreo está a coleção de Historia Natural arranjada pelo Brunet; agradou-me; porem hei de ir ve-la com vagar uma tarde, assim como examinar se parte não devia ter sido remetida para o museu do Rio pelo Brunet, que recebeu dinheiro do governo geral para explorações cientificas pelo interior de algumas das Provincias do Norte, e nada ou pouco remeteu.

De tarde perto das 6 fui á fabrica de sabão, no aterro dos Afogados, de Rostron Rooke e Companhia. Não encontrei ninguem que me pudesse dar informações como desejava e apenas posso dizer que ha 3 caldeiras para fazer sabão, 2 cada uma de 25 toneladas e 1 pequena, levando cada caldeira grande 22 barricas de sebo, 5 de azeite de dendê, entre 40 e 60 de breu, e .... 12.000 libras de barrilha de carbonato de soda — o de potassa torna o sabão mole — depois de dissolvida nagua com um pouco de cal. A massa é remexida por meio dum (ilegível) de ferro estreita de forma helicoidal, e vai depois por uma calha para os resfriadores, sendo o movimento impresso por uma maquina de vapor de 6 cavalos. Havia 500 barricas de barrilha. Tem iluminação a gaz. Fazem-se as caixas na fabrica, e os paus de sabão moles e tem muito cheiro de terebentina, cor amarelo escuro. Esperam poder fazer sabonetes dentro de 6 semanas. Abriram uma vala até dentro da fabrica para condução do que lhe é preciso. Trabalha das 6 ás 6, com 6 trabalhadores livres, 5 nacionais e 1 português, e 6 escravos. Disseram-me que havia mais 5 fabricas de sabão na cidade e 1 nos Afogados; mas creio que a mais consideravel é a que visitei.

4 — O professor de latim era o Pe. Inacio Francisco dos Santos.

5 — Diretoria do Ginasio era: Regedor — Pe. Joaquim Rafael da Silva; Censor — Pe. João José da Costa Ribeiro; Esmoler — Pe. José Gregorio da Silva Carvalho; Secretario — Dr. Antonio de Assunção Cabral; Medico — Dr. Inacio Firmo Xavier.

Cabo é vila pequena de 2.000 almas quando muito, tendo só duas casas de sobrado que eu visse. Possue 4 Igrejas, sendo a Matriz sofrivel, onde fui logo assistindo ao *Te-Deum* e sermão do Conego Lino do Monte-Carmelo, pregador imperial, que foi infeliz na visão que figurou ter da *fama* que lhe vinha falar a meu respeito; esperava mais dele pela fama que tinha.

Numa colina para o sul da vila ha ruinas duma casa de taipa, que deitaram abaixo ha 2 anos e conheciam pela casa do holandês, lembrando-se de ela já existir em 1790; a taipa era muito bem feita.

Ha pequenas olarias no municipio, e no engenho Barbalho monta-se uma grande com maquina, movida por animais, para fazer tijolo.

Ha boa agua por detraz do Rosario, e bebe-se tambem e não é má a do Pirapama, navegavel com maré por barcaças até o Engenho Velho, do Lourenço de Sá e Albuquerque (1), 2 1/4 legoas de Barra da Jangada, havendo canoeiros daí pra cima.

Existe pedra calcarea no Municipio, mas as ruas não estão calçadas, tendo o sido algumas de Igaraçú, antigamente, de modo a durar ainda o calçamento.

Visitei a aula de meninos; não estava nenhum presente por se acharem em ferias, sendo 24 os matriculados dos quais faltam muitos á aula, não constando por atestado de medico se foram ou não vacinados ou já tiveram bexigas. O professor

---

1 — Lourenço de Sá e Albuquerque, Barão de Guararapes, por decreto de 14 de março de 1860, elevado a Visconde de Guararapes em 8-3-1880.

Faleceu a 2-12-1897, com 80 anos de idade.

Casado com Candida Ernestina Vitoria Paes Barreto, Viscondessa de Guararapes, falecida em 12-12-1906. Descendencia:

F 1 — Mariana, casada com Dr. Arminio Tavares dos Santos;

F 2 — Lourenço de Sá e Albuquerque, casado com Elvira Silveira de Sousa, com 7 filhos: Elvira, Candida, Maria, Stela, Olegaria, Luís e Lourenço.

Claudino dos Santos Lopes Castelo Branco é do 1º grau e tem 20 anos de magisterio; mas não me pareceu bom, quanto pude julga-lo, por isso que sempre apareceu um menino que leu sofrivelmente estando ha um ano na aula tendo frequentado outras antes, e um pardo logo me representou mesmo na presença do professor contra o procedimento dele recusando a admissão de alunos. Como o pardo falasse um pouco forte, disse que não era este o modo de representar, e que escrevesse a sua queixa; mas ela ainda não apareceu e creio que houve alguma transação, contudo trato de informar-me por intermedio do presidente da Provincia. Não ha professora publica de meninas, e a particular que gosava de melhor conceito retirou-se.

Não se fez na cadeia a divisão de que fala o relatorio do Sergio, para haver lugar para a enfermaria, e os livros estão muito insuficientemente escriturados, não existindo o de termos de visitas, que me disseram não se fazem regularmente como obrigação. Existem 13 presos e 2 presas. O destacamento é de 23 policiais. O delegado retirou-se, na vespera, doente para o Recife e não havia quem o substituisse por ora.

Durante o colera houve cemitério, mas agora enterram nas igrejas, menos na matriz. No municipio ha organizado um batalhão com 1.000 praças mas não tem armas; os oficiais já se acham todos nomeados.

O Juiz de Direito Rego Dantas passa por probo, mas é estupido; o Juiz Municipal Felisbino Vasconcelos parece inteligente bem como o promotor José Silvano Hermogenes de Vasconcelos.

Tive de voltar até a estação da Ilha para tomar para Serinhãem, passando a noite de hoje no Engenho Mercês de Manuel José da Costa (2), filho do negociante Bento José da Costa de cujos filhos consta-me que muito ganhou no jogo o Tet. Cel. Lobo, que tambem facilmente gastou o que ganhou, ficando

---

2 — Manuel José da Costa, Barão de Mercês, por decreto de 24-8-1870. Faleceu com 74 anos em 5-11-1883. Casou-se 1ª vez, com Caetana Gomes, de quem teve 7 filhos:

F 1 — Joaquim, casado com Francisca de Paula de Barros Campelo, com 5 filhos: Maria Isabel, Maria da Conceição, Maria das Mercês, Manuel e José;

F 2 — Ana Candida, casada com Francisco da Costa e Silva, com 5 filhos: Caetana, Floriano, Maria, Mariana, Francisca;

F 3 — Mnuel, casado com Maria Luisa da Costa Roma, com 7 filhos: Maria, Caetano, Francisco, Luisa, Judith, Oscar e Evangelina;

F 4 — Alipio, casado com Isabel Maria de Barros Campelo, com 2 filhas: Maria das Mercês e Lidia;

F 5 — Caetana, casada com Bento Ramos de Oliveira, com 2 filhos: João e José;

F 6 — José Manuel, falecido solteiro;

aqueles quasi pobres, passando a propriedade do Engenho Mercês do Manoel José da Costa ao sogro Joaquim Candido Gomes, que casou a filha com a condição do genro não vir á cidade do Recife.

A estrada que ainda não está terminada e foi feita por arrematação, tendo se empenhado alguns dos contratos perdendo a Assembleia Provincial não só a multa como a diferença de preço da obra ulteriormente feita sobre a do contrato, e a diferença do valor entre as quotas recebidas pelos arrematantes, e a obra feita, que importava em mais um mal conservada lançando-se as plantas tiradas da estrada nos valetas onde já crescem outras. Ha uma obra importante que é o corte no Engenho Serraria, cujo contrato tenta-se de encampar. Este engenho foi legado ao filho do Nabuco (3) por uma viuva tia de Paulino Pires Falcão, irmão do Tet. Cel. Camilo, por cujo belo Engenho Massangana passei já quasi escuro. Nesta viagem passei ao lado das terras do Engenho Algodoais que foi do Morgado do Cabo (4).

O Engenho Mercês, perto do qual o dono deu uma queda do cavalo por causa do atropelo dos mais cavaleiros que eram

---

F 7 — Idalina, casada com o Dr. Joaquim Guedes Correia Gondim, com três filhos: Joaquim, Maria Augusta e Manuel.

Em 2as nupcias, o Barão de Mercês casou-se com Maria Filismina da Costa, sem descendentes.

3 — Dr. José Tomaz Nabuco de Araujo.

Por testamento de 27-9-1856, D. Ana Rosa Falcão de Carvalho, Viuva de Joaquim Aurelio de Carvalho, sem descendentes ou ascendentes, fez a seguinte disposição: "Ao meu afilhado Joaquim Aurelio Nabuco de Carvalho, filho do Exmo. Dr. José Tomaz Nabuco de Araujo, além do sobrado de um andar, sito na rua Estreita do Rosario, do bairro de Santo Antonio do Recife, e outros objetos que ficam mencionados e decretados em uma escritura de doação, que passei em favor deste, deixo mais o meu Engenho "Serraria" com todas as suas obras, benfeitorias e terras sugeitas aos foros que pagam ao Hospital, ou a quem por direito competir".

O Engenho Serraria foi avaliado no inventario por 22:000$000.

(Vide 'Dona Ana Rosa", por Luis Cedro, na revista "Arquivos", 1943).

4 — Francisco Paes Barreto, Marquês do Recife, 8º e ultimo Morgado do Cabo. Nasceu em 26-5-1779 e faleceu em 26-9-1848.

Casado com Tereza Maria da Rocha Lins Barreto, Marquesa do Recife, falecida no Recife a 9-8-1871, com a idade de 84 anos.

Descendencia:

F 1 — João Francisco Paes Barreto, casado com Candida Rosa de Sa Barreto.

F 2 — Luis Francisco Paes Barreto.

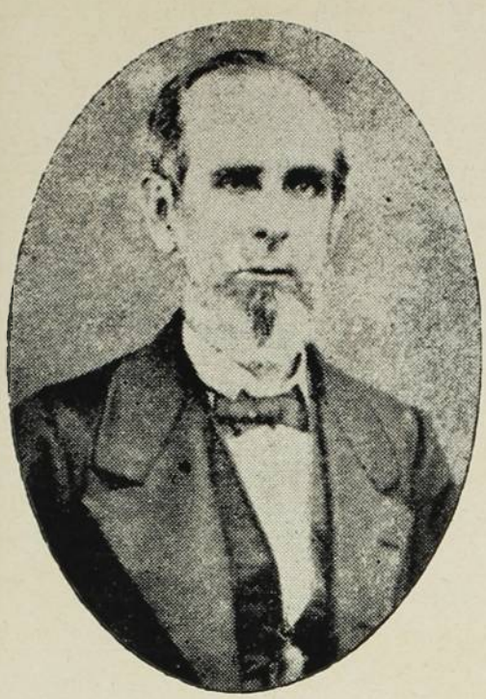
F 3 — Maria Isidora, casada com o Cel. Bento José Lamenha Lins.

F 4 — Cel. Francisco Paes Barreto, casado com Maria Rita Wanderley.

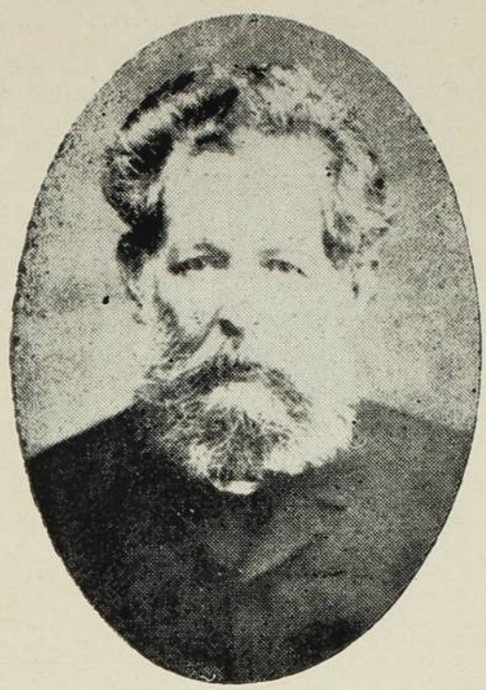
F 5 — Estevam Paes Barreto, casado com Francisca de Barros Lins Wanderley.

muitos e queriam todos aproximar-se de mim, obrigando o do Manuel Costa a cair num pequeno barranco, tendo-se o cavaleiro pisado um pouco o quadril, é muito bem situado na varzea do Ipojuca, que é navegavel por barcaças independentemente da maré até o Engenho Trapiche, acima da fazenda Guerra do Tet. Cel. Camilo Pires Falcão. Tem boa casa de vivenda com capela ao lado; 135 escravos; maquina de 5 cavalos de baixa pressão, cujo combustivel é o bagaço, gastando-se lenha na fornalha dos taxos, fazendo 5 mil pães ou 20.000 arrobas por ano, e sendo bom o açucar da segunda barreação, levando a purgar 30 dias em fornos de barro, que se fazem no engenho onde ha boa argila. Tem estufas para quando não ha sol.

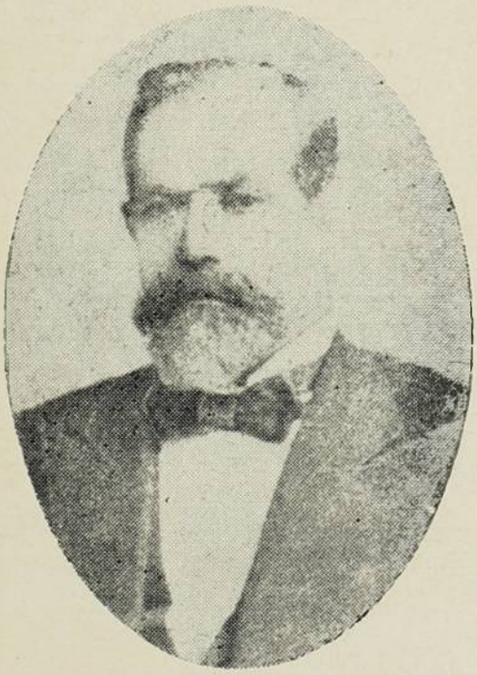
Este Engenho passa por um dos melhores da Provincia, o que prova o atrazo do fabrico.



Manuel José da Costa
BARÃO DE MERCÊS



Dr. Francisco de Caldas Lins
BARÃO DE ARAÇAGÍ E VISCONDE
DE RIO FORMOSO



Coriolano Veloso da Silveira
BARÃO DE SERINHAÉM

Dr. Sebastião Antônio de Acióli Lins
BARÃO DE GOICANA

11 e 12

Ouvi missa ás 5 horas da manhã do dia 11, dita por um frade do Convento de Ipojuca, que me consta entar em ruinas, perdendo-se assim tão bom edificio nas mãos inuteis dos frades, partindo ás 5 1/2. Subi a um morro donde se avista o Cabo; mas apenas julguei ver o Convento de Nazaré, sendo mais bela a vista do lado da varzea onde está o Engenho Mercês; tendo tomado o caminho depois de descida do morro ás 6 horas. Tive que retomar a estrada de que desviei-me para ir ao Engenho Mercês. Passei pelos Engenhos Guerra, Salgado, Boassica, Pindobinha, Genipapo, Sibiró Cavalcanti, e Anjo do Coronel de Milicias Drumond, irmão de Antonio de Menezes, que possue mais 5 de muitas terras e boas; bastando olhar para o terreno que se atravessa para reconhecer a fertilidade desta parte da Provincia.

O Genipapo ora pertencente á Viuva do Albuquerque Maranhão, irmão e sogra do Boa Vista, é celebre pelo assassinato, que teve lugar durante a presidencia deste, de dono Antonio Francisco, que acusaram de ter morto um Cavalcanti. Os parentes do assassinado reuniram-se com seus capangas em numero de 300, sendo o capataz o atual Tenente-Coronel do 42 do municipio do Rio Formoso Gaspar Cavalcanti de Albuquerque Uchôa, que se me apresentou de casaca, apesar de lhe fazer notar a sua falta, desculpando-se ele com não estarem fardados alguns oficiais do batalhão, que tem alistados 800 e tantas praças não sabendo o numero exato, a cuja testa de todos os oficiais se devera apresentar então fardado — e acometeram o engenho não tendo (ilegível) ao Antonio Francisco fugido para o telhado da casa durante o cerco, porque aí mesmo o mataram atirando o cadaver do telhado abaixo e cortando-lhe as orelhas. A mulher de Antonio Francisco vendo que queriam matar o marido recorreu ao delegado de Rio Formoso Pedro Ratis, atual empregado da Alfandega, prometendo da parte do marido entregar-se contanto que não o matassem, o que afiançou o delegado, não se cumprindo aliás a sua palavra. Uma força que o

Presidente mandou sob o comando de Miguel Afonso Ferreira poz-se a almoçar em Mercês e quando chegou a Genipapo estava o homem morto e os criminosos fugidos, pondo-se pedra em cima do negocio até hoje; já dei as ordens que reclamam semelhante atentado.

O Engenho Anjo é celebre por causa da fugida do capitão do pilhabote negreiro de Serinhãem.

A estrada de certo ponto para diante é antes trilho, e por causa da ponte da estrada real sobre Serinhãem estar se consertando por contrato com o Muller, tive tomando por um desvio de atravessar numa ponte no engenho Anjo, o rio Serinhãem, navegavel por barcaças conduzindo 15 caixas de açucar cada uma de 40 a 60 arroubas e independentemente de maré até porto de Camaragibe pouco acima da vila, e com maré carregando 10 caixas até porto de Pedras 4 leguas da vila, contando-se desta á barra 3. do dia 11-12-1859.

(1) Cheguei a Serinhãem ás 8 e 22 minutos. A vila é muito menor que a do Cabo, mas está melhor situada do que aquela, a qual todavia goza do alto, em que se acha, da vista duma bonita varzea e tem as igrejas: da Matriz (N. S. do Livramento) reparada em 1840; a Matriz em ruinas (N. S. da Conceição, segundo me disse o Vigario), o Rosario dos Pretos, que se está cobrindo de novo, São Francisco e São Roque.

O Convento de São Francisco está muito bem situado e é grande. Do lado do E. tem belissima vista, descobrindo-se o mar e a ponte de Sernambí assim como a ilha de Santo Aleixo com o casa do inglês Dobney, e não muito longe da base da montanha o rio que forma um lindo S, cuja peninsula quando bem plantada ha de aformosear muito a paisagem, já havendo aí duas (ilegível) regularmente plantadas.

A cerca do Convento só tem pés de mandioca, que tem encontrado em abundancia por essas varzeas de Ipojuca e Serinhãem.

A capelinha de São Roque está edificada sobre uma rocha granitica para o sul da vila, havendo na base da parede direita da capelinha um lagrimal saindo duma pequena cavidade no granito, que só seca nos grandes verões, escorrendo agora. Consta que no lugar da capelinha houve um forte holandês.

A aula de meninos, que é a unica, do 1° grau tem 64 matriculados, e sendo a frequencia de 40 a 46. Fizeram exames 5 e um dos aprovados com *distinção* tem na sua escrita *em pedir* em lugar de *impedir*. Nenhum estava presente; mas o professor Antonio Vieira de Barros não me parece bom.

(1) No Museu Histórico existe a chave simbólica da Vila de Serinhaem, oferecida a D. P. II.

Havia 3 homens e 1 mulher na cadeia. Cosinham na prisão; as prisões não são ladrilhadas, tem tarimbas fixas e pouca luz. Não tem havido visitas e portanto não existe o livro de termo delas, assim como o de obitos.

Só agora é que declaram, incompletamente, os sinais dos presos, assim como, desde abril de 1857, segundo declarou o Juiz Municipal, ainda que o não visse o estado do processo, enfim este serviço é muito mal feito, sendo aliás muito ativo o delegado capitão José Angelo de Morais Rego.

O Juiz Municipal, servindo agora de Juiz de Direito no impedimento do Paes Barreto, Gervasio Campelo Pires Ferreira (2), parece-me muito severo cumpridor dos seus deveres, tendo feito muitas prisões de criminosos quando delegado, e só notei que hesitasse em referir-me, mostrando-se-me de principio ignorante, mas não ao Almeida Pereira, as circunstancias do assassinato do Genipapo, alias sucedido quando ele ainda estava no Curso Juridico; desculpou-se com a presença de certas pessoas quando lhe perguntara. Deu-me algumas notas sobre Serinhãem e Rio Formoso que junto a este Diario.

O Comandante Superior do Municipio Paulo de Albuquerque Salgado não sabe o numero de praças alistadas no seu municipio, e como ao depois observarei melhor, a Guarda Nacional parece-me achar-se em mau estado nesta Provincia quanto á sua organização, apesar da gente ser muito propicia para a vida militar.

Soube que o Vigario Demetrio Jacome de Araujo era acusado de desvio de dinheiros por ocasião do colera-morbus.

Saí de Serinhãem ás 5 e 1/4 da tarde. Passei logo pelo Engenho de Agua-Fria com o açude; e pouco depois pelo povoado de Santo Amaro com sua capela e uma rua de casas terreas. O terreno torna-se (ilegível) e não me parece tão fertil.

Á noitinha passei pelo Engenho Goicana com um grande açude, e bom, e elegante casa de vivenda do Dr. Sebastião

---

1 — Datado de 7 de abril de 1862, Rio de Janeiro, é o "Memorial de alguns dos serviços mais importantes prestados no Termo de Serinhãem, Provincia de Pernambuco, a contar de 11 de abril de 1857 até 25 de novembro de 1861 pelo respectivo Juiz Municipal Bacharel Gervasio Campelo Pires Ferreira", documento n. 6434, março 131, Arquivo da Casa Imperial (Museu Imperial — Petropolis).

Trata-se de um curioso manuscrito, precioso para os estudiosos do passado pernambucano, onde se destacam os capitulos sobre pessoas livres tiradas da escravidão e apreensão de africanos.

(Vide "As atividades de um Juiz em Serinhãem" por Guilherme Auler, no **Diario de Pernambuco**, de 21-X-1951.

Lins (2); as colinas (ilegível) e no cimo dalgumas neste lugar ha visgueiras, arvore cujos ramos abrem como *chapeo de sol*, parecendo-me a que assim se chama na Corte.

Cheguei ao Rio Formoso atravessando um aterrado sobre um mangue, que em maré cheia impedia o transito a cavalo antes de se fazer essa obra nos fins da presidencia do Boa-Vista, ás 7, sendo o caminho em grande parte um trilho mau em alguns lugares. Antes de chegar ao aterrado, passei por umas massas de granito destacado perto dum alambique ou *distilação* como aqui chamam, que me pareceram mais curiosos com o escuro do que depois que as vi de tarde; contudo são grandes e não vi donde fossem arrastadas pelas forças da natureza.

Rio Formoso ainda ha poucos anos era um engenho, e ainda existe a casa da proprietaria D. Francisca (3), chamada do Rio Formoso, especie de potentada do interior, á direita da casa onde me hospedei no largo do mercado, e no lugar duma fileira de casas terreas fronteiras era a casa de purgar do engenho. Todos pagam fôro, creio que a um filho de D. Francisca, Tenente-Coronel da G.N., e na razão de 2 patacas por ano de *palmo* corrente, cobrando ordinariamente 500$000 mensais.

A causa da prosperidade da povoação, que alias não é consideravel como se verá da nota que junto dada pelo Juiz Municipal Gervasio, é a navegação do rio, que seria melhor aproveitada, mas com a decadencia talvez do Rio Formoso, e estabelecimento duma florescente povoação na varzea de Tamanda-

---

2 — Dr. Sebastião de Barros Wanderley Acioli Lins, **Barão de Goicana**, por decreto de 18-1-1882. Nascido a 16-1-1829 e falecido em 2-5-1891. Casado com Feliciana Inacia de Acioli Lins, **Baroneza de Goicana**, falecida a 27-9-1886, com 56 anos. Descendencia:

F 1 — Felinto de Acioli Lins, casado com Lidia de Barros Acioli, falecidos sem filhos;

F 2 — João Batista de Acioli Lins, solteiro;

F 3 — Joana Barbosa de Acioli Lins, falecida solteira.

O Barão de Goicana era irmão de Prisciano de Barros Acioli Lins, Senhor do Engenho Tinoco (nascido a 14-X-1830 e falecido a 15-VI-1892), que foi agraciado com o titulo de 2º Barão de Rio Formoso.

Entre os numerosos erros do **Arquivo Nobiliarquico Brasileiro**, acha-se o de pagina 163, onde se lê: "4º Barão de Goiana" em vez de Barão de Goicana.

Recentemente, este mesmo erro foi repetido num trabalho do Sr. Escragnolle Doria, intitulado "Relação de Baronatos" (**Anuario** do Museu Imperial, Petropolis, n. 6, pg. 73). E o Sr. Escragnolle afirma que a sua "Relação" foi elaborada com os documentos do Arquivo Nacional...

3 — Dona Francisca Antonia Lins, casada com José Luís de Moura. O filho desse casal, José Luis de Caldas Lins, casou-se com Maria Leopoldina da Rocha Lins.

ré, de cujo excelente porto falarei depois, se desembarcando e embarcando aí os generos, seguissem estes por trilhos de ferro até o Ariquindá, afluente do Rio Formoso, e depois por aquele a este até onde fosse navegavel, havendo da cidade de Rio Formoso até a foz do Ariquindá 2 legoas, e desta até os trilhos já estabelecidos na extensão de 800 braças até o trapiche de Tamandaré, outras 2 legoas.

Barreiros tambem distrai o comercio do Rio Formoso, e o rio Una navegavel com maré como o Rio Formoso, passa pelo rio mais bonito da Provincia me parece a mais importante sobretudo depois de feita a estrada de ferro até Agua-Preta.

A cidade tem só duas igrejas; a matriz, que foi capela do engenho, e a do Rosario num alto donde se gosa de boa vista, tanto quanto permitem as colinas elevadas que cercam a cidade. Ha um olho dagua de beber muito boa, perto; mas o proprietario do engenho Sequeira põe agora embaraços á tirada dagua tendo eu já recomendado este negocio ao Presidente.

A cadeia é uma casa onde ha duas grandes *gaiolas de pau* para os presos, estando os livros como em Serinhãem senão peiores. O delegado é o capitão Alexandre, que passa por ativo. O destacamento é de 7 soldados, 1 cabo, e 1 sargento. A Casa da Camara é pequena, mas tinham-na arranjado de novo.

Fui ás aulas. Na de meninos, ha 66 matriculados e frequencia 40 e 52. O menino mais adeantado, segundo disse o professor, o qual entrou para esta aula no 1º de março deste ano, tendo estado na aula de metodo repentino, que já acabou, dum Manuel Simões, lê bem assim como divide e escreve; mas não sabe conjugar os verbos; outro entrado a 9 de agosto de 1852 e que já tinha frequentado antes a aula do metodo repentino, lê sofrivelmente, e mal sabe os verbos auxiliares; contudo talvez se deva atribuir o ter dado má conta de si ao incomodo que já tivesse e por fim o obrigou a vomitar quando foi se assentar no seu lugar, donde saiu carregado para o interior da casa. Não sabem quasi nada de doutrina cristã. O professor Antonio dos Santos Vital pareceu-me sofrivel.

Na de meninas há 51 matriculadas e frequencia 40 e tantas. Uma menina que está na escola ha 3 anos e foi apresentada como a mais adiantada, lê bem assim como divide; porem nada sabe de gramatica, e outra completando 3 anos de aula lê menos bem que a primeira, nada sabe de gramatica e atrapalhou-se na divisão, cujo metodo empregado na escola é sujeito a enganos de quem não estiver com bastante atenção. Uma terceira menina de mais de 4 anos de aula lê sem tropeçar; mas não se importando com as virgulas; mal sabe de gra-

matica e dividiu bem. Sabe doutrina a 3ª menina, que parece talentosa, respondeu bem, mas a professora, Maria Isabel Lins, creio que pouco sabe dessa materia, e parece-me mediocre. A escrita da 1ª menina é sofrivel, assim como o da 2ª, sendo a da 3ª peior.

O cemiterio está muito perto da povoação, e daqui a pouco achar-se-á dentro dela, o terreno não é mau para o enterramento. O matadouro acha-se além do rio; é apenas um telheiro sobre pilares, e matam-se aos sabados 16 bois termo medio, e ás 3ª, guardando-se a carne para os outros dias da semana, como já me haviam dito em Serinhãem, onde matam 5 a 6 bois; o gado já vai faltando com o verão.

O batalhão 44 tem 800 praças alistadas, e apesar do comandante, o Tet. Cel. José Luiz de Caldas Lins (4) ter recebido a lista de qualificação ha 3 meses, ainda não está organizado, sucedendo o mesmo ao 43 de Serinhãem com 88 e tantas praças alistadas, e cujo comandante Tet. Cel. Coriolano Veloso da Silveira (5), recebeu a lista de qualificação ha 3 anos, e todos os oficiais dos batalhões já estão nomeados!

De tarde fui ao alto da fazenda Machado — hoje dum Laurentino, perto da cidade, donde se vê a barra do rio For-

---

4 — Filho do casal José Luís de Moura e D. Francisca Antonia Lins, o Tenente-Coronel José Luís de Caldas Lins casou-se com Maria Leopoldina da Rocha Lins e deixou a seguinte descendencia:

F 1 — Dr. Francisco de Caldas Lins, Barão de Araçagi e Visconde de Rio Formoso (Vide nota 6);

F 2 — Dr. Tomaz de Caldas Lins;

F 3 — Francisca, casada com o Barão de Una, José Antonio Lopes;

F 4 — Carolina, casada com Marcionilo da Silveira Lins, filho dos Viscondes de Utinga. Filhos: Benemerita, Alsina, Carolina, Luís, Levino e Zenobio.

O Tenente-Coronel José Luís de Caldas Lins nasceu no então Engenho Rio Formoso e faleceu no Engenho Una, a 28-X-1879, com a idade de 72 anos.

5 — Coriolano Veloso da Silveira, **Barão de Serinhãem**, por decreto de 11 de dezembro de 1875:

"Atendendo aos relevantes serviços prestados ao Estado e á instrução publica do municipio da Côrte pelo Coronel da Guarda Nacional da Provincia de Pernambuco Coriolano Veloso da Silveira, e Querendo Distingui-lo e Honra-lo: Hei por bem Fazer-lhe Mercê do Titulo de Barão de Serinhãem. Palacio do Rio de Janeiro em onze de dezembro de mil oitocentos e setenta e cinco, quinquagesimo quarto da Independencia e do Imperio".

Filho do celebre Cel. José Pedro Veloso da Silveira, Senhor do Engenho Lage (Escada), nasceu a 25-XII-1824 e faleceu a 14-VII-1889. Senhor do Engenho Ribeirão.

Casado com Maria Libia Wanderley, **Baronesa de Serinhãem**, nascida a 15-VI-1841 e falecida a 19-X-1924. Sem filhos.

(Vide "Titulares pernambucanos que não deixaram descendencia" por Guilherme Auler, a ser publicado no Anuario do Museu Imperial).

moso com o celebre reduto que mal divisei, de Salvador de Albuquerque, á direita de quem sai, e á esquerda da igreja de N. S. Guadalupe, mostrando-se-me a direção do rio ou gamboa e do canal, que reunem os rios Formoso e Serinhãem. A casa de vivenda está embaixo desse alto, mas gosa-se quasi que da mesma vista do terraço em frente da casa. Do alto não se descobre, para o lado oposto do mar, toda a cidade, que, segundo já disse está entre colinas elevadas, não tendo o rio pelo que pude apreciar nada de *formoso*, e sendo o local muito quente, ao menos durante as duas noites, que dormi nessa cidade. Nas duas noites passou por defronte da cada onde me hospedei um batalhão patriotico de bandeira e musica, tocando 2 ou 3 vezes o hino e dando vivas depois de passado defronte da casa.

Tive uma queixa contra o juiz municipal Francisco de Caldas Lins (6), que o Juiz Gervasio não desabona, não me agradando contudo a sua fisionomia e parecendo-me acanhado. O promotor Aires de Albuquerque Gama (7), filho do Visconde

---

6 — Dr. Francisco de Caldas Lins, nascido a 10-XI-1828 e falecido em 28-XI-1897. **Barão de Araçagi** por decreto de 9-XI-1867 e elevado a **Visconde de Rio Formoso** por decreto de 23-II-1889. Senhor dos Engenhos Una, Herval, Siqueira e Conceição. Casado com Teudelina da Silveira Lins, filha dos Viscondes de Utinga. Filhos:

F 1 — Antonia, casada com o Dr. Alfredo Correia de Oliveira, com os seguintes filhos: Paulo, João-Alfredo, Gumercindo, Manuel, Teudelina e Maria da Conceição;

F 2 — Teudelina, casada com o Dr. Paulo Martins de Almeida, com os seguintes filhos: Alberto, Francisco, Paulo, Albertina. Casou-se em 2ª nupcias com o Dr. Cirilino Pinto de Almeida Castro. Filhos do 2º matrimonio: Alice, Joaquim e Maria-Alice;

F 3 — Maria, casada com o Dr. Marcionilo de Barros Lins, filho do 2º Barão de Utinga, com a descendencia de 3 filhos: José-Marcionilo, Teudelina e Pedro;

F 4 — Francisca, falecida solteira;

F 5 — Francisco, falecido solteiro.

7 — O **Visconde de Goiana**, em carta de 27-III-1842, a Dom Pedro II, comunicou o embarque do seu filho primogenito, a 14 de março, Aires de Albuquerque Gama, então com a idade de 9 anos. Seguia para a França, afim-de cursar o Colegio Fontenay-aux-Roses, com despesas pagas pelo Imperador. (Documento n. 5078 do Arquivo da Casa Imperial, Museu Imperial — Petropolis).

Do mesmo Aires de Albuquerque Gama é a carta de 7 de agosto de 1854 (Documento n| 5995, do Arquivo da Casa Imperial) solicitando que fosse comunicado ao Imperador, o falecimento a 3 de agosto, de seu pai o Visconde de Goiana, "depois de seis dias da mais terrivel agonia motivada por uma violenta erisipela nos testiculos". Pede, tambem, que se consiga do soberano "uma remuneração pelos continuos serviços". Afirma que o Visconde nada deixa a sua familia: "sua ilustração, retidão e constante probidade fizeram com que nada absolutamente deixasse á sua aflita e numerosissima familia".

de Goiana (8), é inteligente, mas pouco ativo segundo ouvi ao Gervasio.

Ha muitas intrigas nesta localidade e 2 partidos, sendo o chefe dos conservadores o Tte. Cel. José Antonio Lopes (9), Presidente da Camara e comandante da artilharia, que é o unico corpo que tem armas, e o Vigario Antonio Marques de Castilho, e escrivão do juri Antonio Pinheiro da Palma, da gente do Feitosa, sendo estes acusados de contrariar os festejos publicos, espalhando que eu vinha libertar os cativos e recrutar, querendo o vigario negar o palio á Camara, e aquele tendo sofrido um processo por causa duma morte, como vi duns autos que me trouxe entre outros provando abusos, o escrivão Palma, e tendo uma sentença do juiz municipal Teodoro Machado Pereira Veloso, que declarou que ele apenas pode ser condenado como aconselhando a morte por palavras proferidas. Este processo como outros não tem tido andamento, e cumpre examinar melhor o que ha a respeito.

O Lopes foi o que dirigiu os arranjos de minha recepção á testa duma comissão, sendo a casa dum português, inquilino dum irmão do Dezembargador Santiago. A casa é de sobrado com sotão, as duas proximas tambem são de sobrado.

---

8 — No manuscrito de 45 paginas, datado do Rio de Janeiro de 24 de setembro de 1837, "**Apontamentos destacados da vida politica do Visconde de Goiana até 1837**» (Documento n. 4961 do Arquivo da Casa Imperial) encontramos uma fonte valiosa para o estudo da biografia desse Titular, incluido aliás por Pereira da Costa no seu "**Dicionario biografico de pernambucanos celebres**" (paginas 212 a 222).

São do Visconde de Goiana as seguintes cartas existentes no Arquivo da Casa Imperial, todas dirigidas a Dom Pedro II:

Doc. 5078, de 27-III-1842, 2 paginas, já citada na nota 7; Doc. 5358, englobando 5 missivas: em 6-X-1846, com 3 paginas; em 18-IX-1846, com 3 paginas; em 31-VIII-1846, com 8 paginas; sem data, com 4 paginas; sem data, uma pagina.

Em todas as cartas, o Visconde de Goiana confessa-se arruinado, desempregado ha 15 anos, com 8 filhos, vivendo de credito, e declara ser o "mais perseguido de todos os titulares do Brasil". A sua ambição é ser escolhido Senador na lista sextupla...

9 — José Antonio Lopes, Barão de Una, por decreto de 14-VIII-1867: "Querendo Distinguir e Honrar a José Antonio Lopes: Hei por bem Fazer-lhe Mercê do Titulo de Barão de Una. Palacio do Rio de Janeiro, em quatorze de agosto de mil oitocentos e sessenta e sete, quadragesimo sexto da Independencia e do Imperio".

Faleceu a 24-IV-1891, com 60 anos de idade. Casado com Francisca de Caldas Lins, Baronesa de Una, irmã do Visconde de Rio Formoso. Não deixou descendentes.

O deputado Augusto de Oliveira (10) acompanhou nesta disgressão desde a estação de Ilha; mas não foi por querer apresentar-se candidato pelo circulo do Rio Formoso, de que é Deputado o Sá Albuquerque, de quem 2 irmãos me acompanharam sendo um deles o Lourenço, como a principio desconfiei; talvez se quizesse dar importancia acompanhando-me sempre com vistas eleitorais; numa conversa disse: quendo eu *ver*.

Disseram-me que o aparelho de porcelana de chá que usei servira por ocasião de meu batisado, e meu Pai o dera ao Visconde de Goiana.

No Rio Formoso a recepção pareceu-me menos entusiastica que em outros lugares, ainda antes do que me disseram do vigario e escrivão.

---

10 — Filho de Francisco Antonio de Oliveira, **Barão de Beberibe**, por decreto de 12-XII-1853.

O Barão de Beberibe nasceu a 21-IX-1788 e faleceu a 24-IX-1855. Casou-se 1ª vez, com Maria Gertrudes Carneiro, com 3 filhos:

F 1 — Miguel Augusto de Oliveira;

F 2 — Francisco de Oliveira;

F 3 — Manuel Augusto de Oliveira.

Casou-se em 2ª nupcias, com Ana Josefina Pereira Pinto, **Baronesa de Beberibe**, falecida no Rio de Janeiro a 28-XII-1883, de quem teve 4 filhos.

F 4 — Augusto Frederico de Oliveira;

F 5 — Dr. Eduardo Augusto de Oliveira;

F 6 — Emilia, casada com o Dr. Virgilio Coelho, filho dos Barões da Vitoria, com 2 filhos: Alberto e Maria da Conceição;

F 7 — Amalia, casada com Eduardo Candido de Oliveira, com 5 filhos: Eduardo, Augusto, Henrique, Carlos e Ana.

Partí ás 5 para Tamandaré, seguindo o caminho do Brejo por melhor, apesar de ser mais longo que o de (ilegível).

Passei pelo engenho Mambucaba que tem boa casa de vivenda e capela, pelo do Brejo, e perto de Tamandaré por Agua-Comprida, bem posto nome a esse trilho por dentro dagua. O caminho do Rio Formoso a Tamandaré é sofrivel.

A fortaleza está numa varzea grande de relva circulada de coqueiros á beira mar. É muito menor que a de Orange. Tem 4 baluartes estando o de N.E. já caido em 1790 como consta do registro da fortaleza onde se lê que desde então pediam seu conserto; o de S E tambem caiu, e o do N O acha-se muito arruinado, sendo o mais conservado o de S O que é o unico que tem a guarita. Tem 21 peças todas desmontadas, e um obuz quasi desmontado com armas portuguesas, por cima de outras com 5 flores de liz na parte esquerda do escudo, e uma torre na direita, coroada por uma cruz, e sobre o escudo um capacete de viseira caida sobreposta por torre arreada com cruz no alto.

Ha uma capelinha com tribuna para a familia do comandante, mas já sem assoalho.

O corredor da entrada da fortaleza tem frestas laterais como no forte de Orange. Ha um sobrado sobre a cortina de O por cima do portão interrompendo essa linha do forte. O fosso está meio entupido, apenas se percebe a contra-escarpa, e vêm-se restos da banqueta do fosso.

Vi 3 peças curiosas: uma com um leão em pé coroado, e de espada na mão direita, enfeixando 7 setas na esquerda, e a data de 1641, e por baixo — *Concordia res parvae crescunt*. Á roda do pomo lia-se: *Coenret Wecewaert me facit Hagae;* perto outro com esta cifra ( ) tendo em cima uma corôa com cruz no cimo; o 3° veio do Forte do Buraco com esta cifra ( ) e por cima do pomo 1353, tendo por baixo á roda daquele: *Niclaes Sickmaens me fecit*. Ha outra peça holandesa como a primeira: mas tendo dos lados do ouvido ao alto dois pequenos ferros furados.

Depois de visitar estas ruinas, fui pelo leito do trilho de ferro, cujos *rails* são cravejados do tipo em *longuias* de pau, até o porto de embarque no canal que vai ao Araquindá, na extensão de 800 braças; quasi que não é frequentado e arruinado. Daí voltei para tomar por um caminho que me levou á margem do Arequindá que parece fundo, e não é estreito.

Depois percorri a estrada *provisoria* de Tamandaré e Una contratada com o Millet (1) dum modo ilusorio para ambas partes, ou antes para a Provincia, não sendo a estrada de mais vantagem senão para a Companhia Pernambucana, que aliás pouco lucra com o porto de Tamandaré, por não querer melhorar o modo de embarque e desembarque dos generos. O contrato obriga o Millet a fazer a estrada em 24 meses conservando-a durante esse prazo; mas ele está com bastante mais em muitos lugares, e ha uma ponte para além da qual passei que até custa a passar a pé, tambem contratou-se a construção por 5$000 a braça corrente, entrando toda a despesa necessaria para a passagem na estrada, ainda que ha muitos trechos facilimos como o 1° lanço que é plano e todo areia solta *em que abriu as valetas* da estrada, não havendo condição nenhuma a respeito da natureza do terreno; tambem na estrada do Norte, perto de Igaraçú para o lado do Recife, a estrada vai por areia solta, e só obrigação para o empreiteiro, mamada de barrear 20 palmos da largura da estrada devendo ela ser de 30; este contrato pela falta de cuidade com que foi feito, parecendo-me visto a qualidade do terreno muito 35$000 por braça corrente, pode ser lesivo a qualquer das partes contratantes. A repartição das obras publicas está mal montada não podendo haver fiscalização em tantos pontos com tão pouca gente e pouco fará o diretor interino Melo Rego, que é inteligente e mostra-se ativo.

---

1 — Engenheiro francês Henrique Augusto Millet, um dos que vieram para Pernambuco, na administração do Conde da Boa Vista, em 1840, com Louis Leger Vauthier, Pierre Beaulitreau, Louis Feriol Buessard, Jean Joseph Morel, e Florien Dessire Porthier.

Casou-se com Maria da Conceição Cavalcanti de Albuquerque, de quem teve um filho: Henrique Augusto Millet, Catedratico de Direito Civil na Faculdade de Direito do Recife, e jornalista militante. Nasceu em 9-1-1859 e faleceu em 12-4-1915.

Almocei no trapiche da Companhia Pernambucana de que o Millet parece ser a alma, e ás 11 embarquei. O porto tem muito fundo até perto da praia sendo abrigado pelos recifes, um dos quais forma um perfeito poço por onde se entra por duas passagens, sondando-se dentro 2 braças.

A viagem não foi incomoda porque conservei-me na varanda do vapor "*Amazonas*" (2) deitado, por causa do enjôo que não veio, numa cama armada sobre baús.

A ilha de Santo Aleixo estava toda embandeirada e atirou foguetes — segundo me disseram, porque precisava de sono. Vi bem o Cabo e o Convento de Nazaré no alto, e fortaleza na base da montanha, sendo o terreno argiloso apresentando as barreiras um pouco ao norte o aspecto de edificios.

Desembarquei atrás do Palacio, pela volta das 6 ½.

2 — Fragata "Amazonas", comandada pelo Capitão-Tenente Teotonio Raimundo de Brito.

Fui ás 11, á Refinaria do Barros Barreto (1) no Monteiro. O edificio é pequeno; mas está bem aproveitado, e só está a 1 legoa da cidade, a condução é pelo Capibaribe que passa pelos fundos da fabrica. Dissolve o assucar bruto nagua misturada com o mel que extrai das escumas prensadas de que falarei adiante, em duas caldeiras de 50 canadas cada uma e que são aquecidas por vapor. As escumas passam por uma prensa de pano, e o sedimento ainda que misturado com areia aproveita-se para estrume, que é muito forte. Depois o mel passa por coadores de pano donde se tira para os filtros, que são 3, tornando-se necessario limpa-los depois de por cada um deles terem passado 400 canadas. Leva sangue de boi sem se

---

1 — Dr. Manuel de Barros Barreto, nascido em 31-10-1828 e falecido no Rio de Janeiro em 29-11-1891.

Filho de Inacio de Barros Barreto e de Ana Maria Francisca de Paula Cavalcanti de Albuquerque, irmã do Conde da Boa Vista e do Barão de Ipojuca.

Casado com Carlota Carolina de Siqueira Cavalcanti, nascida em 11-8-1832 e falecida a 4-1-1877, filha de Antonio de Siqueira Cavalcanti e de Tereza de Jesus Coelho, Senhores dos Engenhos Mato-Grosso e Martapagipe.

A familia Barros Barreto tem sua origem pernambucana, em 1759, com o sobrado construido no Engenho Macugé (Jaboatão) pelo Capitão-Mor Inacio de Barros, casado com Laura Pessoa de Melo. Um filho desse casal, Inacio de Barros Barreto foi Senhor dos Engenhos Macugé e Carnijó, e se casou com Ana-Maria Francisca de Paula Cavalcanti de Albuquerque, tendo a seguinte descendencia:

F 1 — Francisco do Rego Barros Barreto, nascido em 23-12-1825 e falecido em 14-2-1918, casado com Emilia Constança Carneiro de Albuquerque (Sinhasinha Barros Barreto), com um filho: Francisco. É o Autor de um precioso manuscrito genealogico, concluido em 1908, cuja copia se encontrava em poder do Pe. Carlos de Barros Barreto;

F 2 — Inacio de Barros Barreto, casado com Maria Ana Cavalcanti do Rego Lacerda, filha dos Barões de Ipojuca;

F 3 — Manuel de Barros Barreto, Engenheiro pela Escola Central de Paris, casado com Carlota Carolina de Siqueira Cavalcanti;

F 4 — Maria Ana;

F 5 — Ana Maria;

F 6 — Luiza Josefa, falecida solteira;

F 7 — Sebastião, falecido em creança.

extrair primeiramente a fibrina, e vai para a caldeira do vacuo de 50 canadas, onde a cosedura de ½ até 1 hora, que é o mais ordinario, e daí para as formas de ferro cada uma de 2 canadas ou 20 litros de açucar onde purga pelo processo de saturação — boiando agua com mel — no que gasta de 6 a 8 dias. O mel saido das formas ainda se cose até 3 vezes usando então do centrifugo, que leva 10 minutos a girar, quando o grão de açucar é resistente, para purga-lo.

Faz 100 arrobas por dia, vendendo agora a libra por 11 vintens quando dantes estava a 4 a 5 mil tantos reis a arroba.

A fabrica vende tudo o que faz e seu maquinismo trabalha por agua, com a força agora de 8 cavalos por carecer a roda de reparo, que é de 12, ou quando esta falta por vapor havendo duas maquinas, cada uma de força de 25 cavalos. Prepara o carvão animal, fazendo 3 fornadas por semana ou o necessário para encher os 3 filtros cada um de 90 arrobas. A fabrica trabalha desde 1855, tendo encontrado grandes embaraços, mormente na falta de braços, tendo 16 trabalhadores todos livres. Possue 1 forja e um pequeno forno para fundir bronze.

O Barros Barreto, que tem o curso da Escola Central de Paris e parece-me entendido nesses estudos, mostrando-se inteirado dos progressos da química industrial, disse-me que as obras da fundição Starr não prestavam, e o Bowman era muito careiro; mandou vir as peças principais da Europa, e faz e conserta o que pode na fabrica. É a unica refinaria da Provincia, segundo ouvi ao Barros Barreto, e querendo ele fundar uma fabrica central de açucar para separar, como tanto convem, o fabrico da cultura, nada pôde levar avante apesar de procurar o auxilio dos parentes.

Á tarde fui ao gabinete de historia natural arranjado pelo Brunet no Ginasio e depois de o examinar com atenção, tendo observado peixes fosseis em incrustações calcareas muito curiosas apanhadas nos sertões do Norte do Brasil, creio que na serra de Araripe, e um quadrupede entre o macaco e os carneiros chamado no rotulo — Kincajú paraná — que só se encontra no sertão desta Provincia, informei-me do resultado das explorações do Brunet dizendo-me ele que da 1ª vez fora só encarregado de explorar pontos proprios para açudes no interior da Paraíba, e da segunda da coleção das diversas terras, que chegando ao Recife o Presidente (ilegível) mandou deitar no aterro do caes por detraz do Palacio, não lhe abonando as despesas de condução; ficou de levar-me e eu verei a exatidão do que ele me referiu.

Saí ás 6 ½. Forte do Brum. Serve de prisão. Daí é que fugiu o Tte. Cel. Pedro Eustaquio Veloso da Silveira, achando-se preso o comandante da fortaleza naquele tempo o Couceiro, que o ajudante da fortaleza Jorge Rodrigues (ilegivel) procura desculpar com a maneira porque foi remetido o preso, que na verdade não teve recomendação como outros, assim como vi dos papeis da fortaleza para ser guardado com cuidado.

Ha prisões no vão das muralhas que tem pouco ar. Tem 14 praças de guarnição, que se deitam em camas de ferro com taboas. Não ha agua potavel dentro da fortaleza, existindo alias chafariz perto. Um preso queixou-se de que apesar da diaria de 375 reis só lhes deem almoço e jantar, quando no Rio tambem recebem ceia com a mesma quantia, tambem disse que o pão do almoço é de 4 onças; mas parece ser de 5, conforme afirma o comandante.

Possue uma capelinha de São João Batista, onde se vê uma taboa com a nota da concessão de 40 dias de indulgencia feita pelo Bispo D. Francisco Xavier Aranha, e confirmada em 21 de agosto de 1776, e depois por D. Diogo de Jesus Jardim em 12 de agosto de 1787, a quem resar de joelhos 3 Padres-Nossos e 3 Aves-Marias á imagem do Santo. Ha bastantes ex-votos.

Ha 41 peças montadas e 6 desmontadas das quais uma com um navio e por baixo deste a seguinte cifra ( ) tendo inferiormente a data de 1628, e a roda do pomo: *Worter Bothet...*

Diversas peças tem as armas portuguesas, e o nome de *Joseph I.*

Na cortina de E ha uma peça com a seguinte inscrição: *Franciscus Ballestero Inventor 1623;* outra com a cifra como a holandesa de Tamandaré e data de 1629; outra como a desmontada, e ainda duas com os mesmos sinais, á roda do pomo: *Kylianus 1629*; ha um obús com o nome: *Josephus I.*

Sobre o portão lê-se: ...*Coutinho Altomasser Mor do Reino. Ano de 1690.*

A cortina do lado de O nunca teve peças. Ha 200 passos contados pelo ajudante da fortaleza da extremidade E da banqueta do fosso do lado do S até os alicerces em quadro por detraz da Igreja do Pilar (vide apontamentos sobre as fortalezas que junto).

Depois fui á Fortaleza do Buraco. Sobre o portão onde apenas se vê a coroa, e o lugar das armas, pode-se afinal ler: *Divo Antonio nuncapatum Sceptra. tenente. Petro. Lusorum. et. corda. Secundo. Cui. Meritis. primo. nemo. secundus erit. Cuicunque. aut portum portamre. recludere tentes. In. caput. ipse. tuum. bella. cruente. moves. Anno e partu virginis 1705.* — Foi copiado pelo Sapucaí.

Segundo o comandante Coronel Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa (1) é fortificação mais regular que a do Brum e assim parece. Tem 4 baluartes um em cada angulo das extremidades formando as cortinas porta entre aquelas. Tem 14 peças do 4º que não recebe rancho do corpo; mas a etapa; o que os obriga a procurar comida e cosinhar na fortaleza, o que é mau, principalmente havendo polvora depositada na fortaleza. Não possue agua potavel e como está em pouco distante da cidade, recebe-a embarcada.

Ha 23 peças e todas montadas entre as quais: no baluarte de S. e O. vejo uma com o navio e cifra como a primeira de que falei especialmente tratando da fortaleza do Brum, e a inscrição a roda do pomo: *Kylianus Wegewa... me fecit Campis Aª 1630.*

Cortina do O. — é a do lado do Beberibe e do portão — sem peças; no baluarte do N.O. outra com a mesma cifra da-

---

1 — José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa de Melo, incluido entre os "**Martires pernambucanos vitimas da liberdade nas duas revoluções ensaiadas em 1710 e 1817**", paginas 322 e 323, consta da lista dos implicados na revolução de 1817 anexa á "**Historia da revolução de Pernambuco de 1817**" (edição de 1917, pg. 372) e tem sua fotografia publicada no volume "**A Confederação do Equador**", pag. 238.

Por incumbencia do Visconde do Bom Retiro, fez pesquizas sobre o tremor de terra ocorrido no Recife, em 23 de outubro de 1811, afim-de informar o Imperador. E' da sua autoria uma carta-relatorio, Documento 6326 do Arquivo da Casa Imperial.

(Vide "A terra tremeu no Recife em 28 de outubro de 1811" por Guilherme Auler, em 'Diario de Pernambuco" de 9-IX-1951.

quela; porem no meio dum escudo ladeado de duas sereias, tendo em cima um estandarte, peça com cucharra e outras palamentas e uma espingarda que parece segurada pela sereia da esquerda das armas; no meio do cano ha uma tarja que o circula com instrumentos de guerra, e a data é de 1629; outra com armas espanholas e esta inscrição: *D. Phelippe II Rey de España;* outra com o nome de D. José I e á roda do pomo: *Ciprianus Crems (Ians 7:9) Am stelo dami Aº 1757*; outra com armas de Espanha e o nome de Don Felipe IV; outra com navio e cifra como a primeira mencionada e esta inscrição á roda do pomo; *Asseverus Koster me fecit Amsteiredami 1628;* outra com cifra como a antecedente, e por cima um *Z* com cercadura de folhas e frutos e embaixo *Midelbury,* tendo em torno do pomo: *Michael Burgerhrys me F. 1629;* no baluarte do S.E. outra com a inscrição: Res parvae Xe. e armas como a de Tamandaré, lendo-se á roda do pomo: *Willen Wegewaert me fecit Hagae 1633;* outra como a de Tamandaré em tudo; e outra de D. Felipe IV.

O sobrado antigo sobre a cortina de O. caiu ha 30 anos. O quartel dos soldados é de tarimbas.

Antes de chegar á Fortaleza do Buraco, vi a Cruz do Patrão e a casa da polvora e laboratorio de guerra, a qual não tem uma sentinela, sendo as janelas de vidraça quasi sem nenhum vidro, e portas de pau por dentro. A Cruz do Patrão parece antiga, e apenas tem as iniciais — I N R I (Jesus Nazarenos etc.).

A respeito do Forte das Salinas, veja-se a nota que junto. O de Altenar parece ter sido edificado sobre um teso que se vê á direita do lado istmo, indo pela estrada de Olinda, pouco além do quartel de Cavalaria; o da Bateria achar-se-ia com efeito perto da capelinha de Sto. Amaro no istmo de Olinda, e o Sequó talvez estivesse no lugar onde se acharam restos de edificação, fundos duma casa da Rua da Aurora, pouco abaixo do Palacio. Pouco sabem aqui a tal respeito, e o tempo não me permitiu colher mais.

De tarde fui ver a obra do Ginasio Provincial em que já se gastaram *157 contos,* não havendo trabalho e materiais, segundo um calculo que fiz com o Melo Rego, á vista das plantas e do que observei na obra, e contando largo, senão para *90 contos;* parece-me escandaloso.

Depois visitei a Fortaleza das 5 Pontas, que a Companhia não quiz comprar por ter achado terreno mais barato, e nada achei digno de menção. Não tem nenhuma peça. Ha bastantes acomodações e uma capela. Está aí aquartelado o 4º Batalhão da G.N., e algumas companhias acham-se apertadas tendo-se dado á musica um bom alojamento, que julgo maior do que o necessario; isto mesmo disse ao comandante da corporação. É preciso cuidar de evitar algum incendio no assoalho das companhias por causa da maneira porque ás vezes os guardas, como vi, colocam as candeias.

De noite fui ao Teatro Apolo da rua do mesmo nome. Sala alta demais com dimensões que não são muito menores que as do Teatro Santa Isabel. A companhia representou o drama — A duquesa de la Vauboliere. Ha um *foyer* espaçoso para onde olha uma varanda na 3ª ordem, o qual ficava por detraz da minha tribuna. Não sei se a companhia é particular ou sustentada por uma sociedade.

16

Descansei.

Fui assistir ao casamento de 6 raparigas (1), começo como creio da obra de caridade, que um capuchinho tomou a peito promover.

A Igreja não é feia, ainda que feita sem gosto, no que não se parece com a Piedade na Bahia. Tem boas obras de marcenaria, como o frontal de diversas madeiras de embutido, e os armarios da sacristia, feitos por um leigo, que tem 80 e tantos anos; mas que não julgo as houvesse trabalhado de poucos anos.

Os primeiros capuchinhos vieram para esta Igreja que era dos Pescadores, trazendo então a imagem de N. Snra. da Penha em 1656. Em 1701 vieram capuchinhos franceses. Em 1710 houve o primeiro prefeito Fr. Damião de Napoles. De 1831 a 1841 não houve capuchinhos e o convento ficou abandonado, e de 6 quadros a oleo só encontraram podendo ainda guardar-se um São Francisco, que não é pintura má, segundo me pareceu.

Ha a seguinte inscrição embutida na parede á direita da entrada da Igreja: Na Era de 1734. Aos 7 de março. O I U S D.F. José Fialho Bispo de Pernambuco. Sagrou Esta. Igreja de Nª Sra. da Penha. Pondo no Altar Mor as Reliquias dos S.S. M.M. Honorato, Valentino e Inocencia. E concedeu 50 dias de indulgencia. A quem visitar a dita Igreja. No seu aniversario.

Na Igreja ha pregada na parede uma roda, que gira com 22 campainhas; mas felizmente não a fizeram andar.

---

1 — Foram celebrantes desses seis casamentos o Conego Joaquim Pinto de Campos, Conego Venancio Henrique de Rezende, Pe. Camilo de Mendonça Furtado, o Prefeito dos Capuchinhos Frei Caetano de Troina e Frei Egidio.

Á noite desse mesmo dia, houve um deslumbrante espetaculo com a queima de fogos no rio, sobre alvarengas que se estendiam desde a ponte do Recife até a da Boa-Vista. Em carta á filha Isabel, datada de 1 hora da madrugada, escreveu Dom Pedro II: "Tive fogo de artificio que só agora se acaba de queimar, e ás 5 1/2 parto para a Vitoria".

Partida para Sto. Antão ás 5 3/4. Tomamos á direita da Matriz dos Afogados, havendo uma capelinha nesta rua. Engenho Jiquiá de Manuel Cavalcanti; Barros, pequeno povoado; Engenho Peres do proprietário já mencionado tendo a fabrica bonita aparencia; Engenho Cavaleiro de Casado Lima, de quem ainda falarei neste diario; Tejipió com ponte sobre o pequeno, capela e poucas casas; Jaboatão com boa ponte sobre o rio do mesmo nome, povoado maior, matriz num alto, armaram arcos e estava reunida a Guarda Nacional; Igreja do Socorro — sobre uma colina — de que existem só as paredes, constando ter sido construida em consequencia dum voto; o local é bonito; Engenho Velho, á esquerda, de Je. Francisco da Silva Pereira; do mesmo lado entrada para a Escada, atravessando logo o Rio Jaboatão, sobre uma ponte que me pareceu boa de longe; Catende de Antonio Francisco Pereira da Silva, com Igreja do Engenho deste nome, sobre uma colina em posição pitoresca, e Morenos de Antonio de Sousa Leão (1) primo do Deputado Domingos de Sousa Leão (2), onde pousamos.

---

1 — Antonio de Sousa-Leão, **Barão de Morenos**, por decreto de 24-VIII-1870. Nasceu a 11-VI-1808 e faleceu a 18-X-1882. Irmão do Visconde de Campo-Alegre e Senhor dos Engenhos Morenos, Catende, Chichaim, Viagens, Petimbú, Carnijó, Bom-Dia e Brejo.

Filho do Tenente-Coronel Felipe de Sousa-Leão e de Rita de Cassia Pessoa de Melo, que tiveram uma descendencia de 14 filhos — o chamado **Ramo Tapra da Casa de Gurjaú**: Antonio (Barão de Morenos), João Felipe (pai da Baronesa de Caxangá), José Felipe (Dezembargador), Joaquim (Visconde de Campo Alegre), Miguel Felipe, Manuel Felipe, Felipe, Luis Felipe (Senador do Imperio), Maria de Jesus, Inez Escolastica (Baroneza de Tabatinga), Inacia, Francisca de Paula, Ana Marcelina e Maria da Conceição.

A Familia Sousa-Leão, iniciada em Pernambuco no século XVII, divide-se em 2 ramos: a **Casa do Maranhão** e a **Casa de Gurjaú de Baixo**. Esta subdivide-se nos **Ramos Tapera, Timbó, Caraúna, Novo da Conceição e Matas**.

Vide "Familias Pernambucanas: os Sousa-Leão" por Guilherme Auler em **Anuario do Museu Imperial**, Petropolis, 1943, pags. 97 a 153.

Casou-se em 1ª nupcias, com sua prima Maria Leopoldina, filha do Cel. Francisco Antonio de Sousa-Leão, e irmã do Visconde de Tabatinga e da Baroneza de Jaboatão.

A estrada foi empedrada ha 4 e 6 anos, durando o empedramento nas estradas da Provincia 10 e 11 anos, indo renovar-se agora uma de 14.

Este engenho já existia no tempo dos holandeses pertencente a Baltazar Gonçalves Moreno, dizendo-se que umas muralhas do açude, obra importante cujas ruinas só existem foram construidas pelos holandeses; mas o Sousa Leão não crê isto. Faz 6 a 7 mil pães de 3 ½ arrôbas por ano, e distilaram na safra passada 140 pipas de aguardente, tendo 100 trabalhadores; 60 de campo; 3 ternos de taxos; moendas horizontais por agua — de *cavilhote*, isto é movendo um pouco por cima a agua, quando é por baixo chama-se engenho *rasteiro*, e bem por cima *copeiro* — podendo tambem ser movido por animais.

Purga com barro e agua, durando a operação até 25 dias, ficando o açucar menos claro que o do Engenho Mercês. Uso da cal em lugar da decoada, parecendo que foi a visita do Marquez de Abrantes a Pernambuco que trouxe este melhoramento, ou ao menos espalharam; para o concunhado do Lourenço de Sá e Albuquerque, João Marinho de Sousa Leão adotou o melhoramento por conselho do Abrantes, parecendo agricultor inteligente; e o pai do sobrinho do Paes Barreto, que morreu do tiro atirado sobre este ultimo.

Enviuvando sem filhos, Antonio de Sousa-Leão contraiu novas nupcias com Maria Amelia de Pinho Borges, filha do **Barão de Pinho Borges**, nascida a 29-VII-1839 e falecida a 28-III-1900. Deixou uma descendencia de 7 filhos.

F 1 — Antonio, casado com Leopoldina Mesquita, com sete filhos: Antonio, Adalgisa, Maria dos Anjos, Perminio, Leopoldina, Luís e Maria de Lurdes,

F 2 — Rita, casada com Alfredo Martins, sem filhos;

F 3 — Maria Candida, casada com Tomaz Coelho de Almeida, com seis filhos: Maria Isabel, Maria Cristina, Beatriz, Inez, Jaime, Tomaz,

F 4 — Inez, falecida solteira;

F 5 — Joaquim, casado com sua prima Maria Carolina, com três filhos: Joaquim, Luís Antonio e Maria Amelia;

F 6 — André, falecido solteiro;

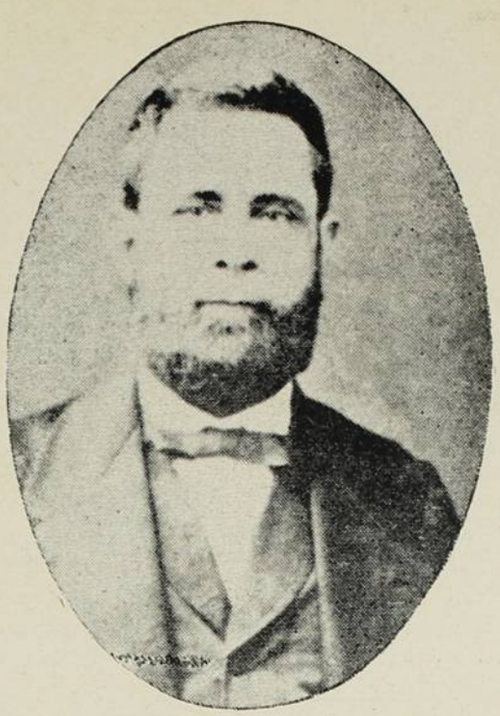
F 7 — Luiza, casada com Antonio de Sampaio Pires Ferreira, com três filhos: Maria Luiza, Helena-Olga e Francisco.

Teve papel saliente, na viagem dos Imperadores a Pernambuco, em 1859, tendo feito parte da comissão encarregada de preparar e ornamentar o Palacio, onde se hospedaram os soberanos. No mesmo dia da chegada, tiveram a grande honra, o Senhor do Engenho Morenos e sua esposa, de jantarem no palacio, em companhia dos imperiais viajantes.

No dia da sua partida, a Imperatriz presenteou a Senhora do Engenho Morenos com uma valiosa joia: uma pulseira de perolas e brilhantes.

(Vide "Os Titulares Sousa-Leão" por Guilherme Auler, separata da revista **Tradição**, abril de 1945).

2 — Nasceu o Dr. Domingos de Sousa-Leão, a 16-XI-1819, na fazenda Genipapo (antiga comarca de Cimbres), filho do Tet. Cel. Domingos de Sou-



Antônio de Souza-Leão
BARÃO DE MORENOS

Domingos de Souza-Leão
2.º BARÃO DE VILA-BELA

O pai do moço está ainda muito triste e a mãe e filhos não apareceram ainda tendo ele o feito então pela primeira. Queixam-se os parentes do assassinado e do que escapou de se-lo, do Boa-Vista como protetor ou ao menos pouco interessado na punição dos criminosos, entre os quais o que devera casar-se com a moça Francisco do Rego Barros Barreto, sobrinho do Boa-Vista, o qual alias me parece muito bom moço e um oficial do Corpo Policial de nome Victor; o cavalo em que fugiu o assassino julga-se por certos indicios, ainda que leves, ter pertencido ao Barros Barreto.

As formas são de barro, mas creio que adotará as de ferro segundo me disse. Tem maquina de cortar os olhos das canas que comem os cavalos, e 12 arados de sistemas diversos. Vi a cana imperial cujos gomos são rajados de verde, é da ilha de Bombaim e dá mais açucar cristalizavel ainda que seja mais denso que do outro. A agua vem do rio Jaboatão, cujas aguas passam por saudaveis, não havendo sesões nas suas margens, por meio duma levada de meia legoa por onde ha navegação de barcos até os (ilegível). A cana carece de ser replantada depois de 3 anos, quando no Engenho Mercês ha partidas de 11 e 12 anos.

Ás 5 da tarde, seguimos viagem. O terreno torna-se mais elevado e ha subidas e descidas asperas, parecendo-me o centro da estrada abaulada de mais, estando, as valetas quasi que entupidas com terra e com plantas. Engenho Tapera, á es-

---

sa-Leão e de Teresa de Jesus Coelho. Era o segundo filho desse casal, que constitue o **Ramo Caraúna da Casa de Gurjaú**, cuja descendencia de 13 filhos é a seguinte: Francisco, Domingos (2º Barão de Vila-Bela), Antonio, João-Augusto, Augusto (Barão de Caiará), Tereza-Frederica, Ana-Frederica, Maria-Clinea, Rita-Candida, Carlota-Guilhermina (mãe da Baroneza de Caiará), Idalina-Ermelinda, Isabel-Augusta e Ermelinda-Augusta.

Seu pai era Senhor dos Engenhos Caraúna, Gurjaú de Baixo, Canzanza, Javunda e Floresta.

Casou-se em 1ª nupcias com sua prima Francisca-Guilhermina de Sousa Leão, de quem não teve filhos. Em segundo matrimonio, casou-se com Maria dos Anjos Magarinos, Baroneza de Vila-Bela, filha do Ministro uruguaio Dom Francisco de Borja Magarinos.

Foi agraciado com o titulo de **2º Barão de Vila-Bela**, por decreto de 6 de setembro de 1866.

No baile de gala oferecido pela Associação Comercial aos Imperadores, a 22 de dezembro no Recife, Dom Pedro II teve como par de uma das quadrilhas a Senhora Domingos de Sousa Leão, e a Imperatriz dançou uma quadrilha com o futuro Barão de Vila-Bela.

Era o chefe do Partido Liberal, em Pernambuco. Quando presidente de Provincia da sua terra, inaugurou a Escola Normal primeira em antiguidade,

querda, dum Sousa Leão; Engenho Queimado de Cristovam Cavalcanti, á direita; Tametá-mirim, riacho com ponte e casas; Engenho Bento-Velho, á direita, e riacho do mesmo nome com ponte. Itapacurá com uma ponte assaz grande e que me pareceu em bom estado sôbre o rio do mesmo nome, não se achando do mesmo algumas pequenas, e um povoado. Pouco depois chegamos á Vitoria (antigamente Sto. Antão) já noite, e fomos para a casa da Camara (3), que é terrea e tinha poucas acomodações. Tem 3 mil almas segundo ouvi do Juiz Municipal, cujos apontamentos junto, tendo-me estas e principalmente o discurso que os precedeu feito perder parte do conceito que logo formei da inteligencia do moço, dizendo-me depois que o promotor fulano de tal Paraguassú (4) delegado literario, é mais inteligente, ainda que ficasse antes um pouco desanimado ao ouvir-lhe que o juri se (ilegível) ás vezes é antes por ignorancia do que por (ilegível) criminosa. O Juiz Municipal Buarque Nazaré (5) foi o encarregado de trazer dinheiro da Bahia para os rebeldes em Pernambuco. O Juiz de Direito José Felipe de Sousa Leão (6) que tambem me deu apontamentos não tem

---

em todo o país. Foi Ministro dos Estrangeiros, no gabinete de 5 de janeiro de 1878.

Faleceu, no Rio de Janeiro, a 18-X-1879. A Baroneza de Vila-Bela, tambem, faleceu na capital do país, em 18-1-1904, com 68 anos de idade. Deixaram a seguinte descendencia:

F 1 — Dr. Francisco Magarinos de Sousa-Leão casado com Erotides de Castro, filho dos Barões de Benfica, com sete filhos: Domingos, Francisco, João-Augusto, Herminia, Maria-Tereza, Erotides.

F 2 — Maria dos Anjos, casada com o Dr. Antonio Manuel de Siqueira Cavalcanti, com 2 filhos: Manuel, Maria dos Anjos.

(Vide "Os Titulares Sousa-Leão" por Guilherme Auler, na revista Tradição, abril de 1945.

3 — A Camara estava assim formada: José Cavalcanti Ferraz de Azevedo (Presidente); Antonio Lourenço de Albuquerque Coelho, Antonio Teixeira Machado, José Marcolino de Melo, José Antonio da Silva Lira, Manuel José Pereira Borges, Francisco Antonio de Scbral.

4 — Dr. José Maria Paraguassú.

5 — Dr. Antonio Joaquim Buarque Nazaré.

6 — Dr. José Felipe de Sousa-Leão, mais tarde Dezembargador. Senhor do Engenho Sapucaia. Terceiro filho do casal Tte. Cel. Felipe de Sousa-Leão e Rita de Cassia Pessoa de Melo, tronco do Ramo Tapera da Casa de Gurjaú. Solteiro. Sem descendencia.

cara inteligente, mas passa por bom magistrado; é irmão do dono de Morenos. O juri tem se reunido regularmente em Sto. Antão e na Escada, mas não é justiceiro em suas decisões. A cidade tem comercio de fazendas em pequena escala, e o principal genero de trafico é o gado, havendo, ás 6ª feiras, de 1000 a 2000 rezes; fornecendo quasi todo o de que precisa a companhia das carnes verdes do Recife.

Ha 3 igrejas, Matriz, Rosario e Livramento; porém nenhuma concluida. Um grupo quando eu entrava dizia que a matriz deu 4 estalos neste dia; mas segundo o exame que se fez reconheceu-se que foram no coro, que se acha em mau estado. Ainda enterram num cemitério junto à matriz; mas ha outro fora da cidade.

As 5 e ½ fui ver o lugar que segundo as indicações do "Castrioto" comparadas ás informações que colhi, parece ter sido o monte das Tabocas, celebre na guerra com os holandeses. Caminha-se para E e um pouco para o N.

Uma porteira que deixaram fechar-se por si junto ao Engenho Conceição, bateu no Sapucaí e atirou-o no chão, mas apesar de não poder (sic) apesar de se ter levantado e cuidado, seguiu na exploração voltou bom para casa e a queda não é de cuidado. Passei por um lugar Marapicú, e depois de caminhar talvez 2 horas cheguei ao Monte chamado das Tabocas, onde apenas se descobrem longe estas plantas, e não pude apesar de percorre-lo avistar ao S. uma planicie que tivesse ½ milha. Continuando para o lado do Oiteirão ha uma planice, assim chamada em relação aos montes, que tem mais de 1/2 milha, e eu creio que foi aí a batalha, tendo achado tabocas aos lados do caminho, ainda que o Oiteirão, como o nome indica não se possa chamar monte, e o denominado das Tabocas mais para o S e O possa parecer-se com o que figuraram no quadro da casa da Camara de Igaraçú e se tinham encontrado na visinhança balas de artilharia e fusilaria de que trago algumas, apanhadas por um portuguez Manuel Ferreira ,que tem um sitio na baixa, e mesmo um pedaço de canhão, que está agora no Engenho Cacimbas de José Silvino Cavalcanti; contudo parece que tem andado por aí tropas nos tempos modernos e o Castrioto só fala de armas de fogo quando narra a batalha, apesar de mencionar os canhões naquelas em que eles jogaram. Mais para o N e E fica o Outeiro de Pedro.

Voltando á cidade fui ás aulas. O delegado literario disse-me logo, que no principio do ano, havia reclamado os livros e mobilia precisos para a aulas, mas que só expedira ordem para requisição da mobilia; e depois informou-me de que nenhum dos professores satisfaz, o que já tinha conhecido, sobretudo a respeito de mestres. Aula de meninos: 67 matriculados, frequencia de 40 a 50. O 1º ouvido lê sofrivelmente, dizendo o

mestre que já sabe regra de juros, contudo nada respondeu sobre frações. Não sabe o que é a prova real da divisão, e tem quasi 5 anos de aula. O 2º matriculado a 3 de outubro de 1859, já tinha estudado na aula particular dum fulano Maciel; lê mal; apenas começa a gramatica, e divide bem, mas sem certeza do que é a prova real da divisão ainda que a tire. Respondeu mal sobre doutrina.

Aula de meninas: 18 matriculadas, frequencia de 12 a 14. A 1º ouvida tem 3 anos de aula, e lê tropeçando, sendo a unica — das presentes ainda creio eu — que divide, porem mal. A 2ª lê mal, e apenas diminue. A letra — a que vi — é melhor que a que vi em outra aula. A professora estava atrapalhada por vergonha ou por ignorancia, e as meninas responderam tão baixo sobre doutrina que apenas as ouvi; contudo pouco sabem assim como a professora.

O Juiz Municipal que me acompanhou ás Tabocas, de "Castrioto" debaixo do braço, disse-me que o Calabar (sic) em das margens do São Francisco já Provincia da Bahia.

Ha bexigas na povoação, sendo muito doentia, tendo morrido aqui de colera 1400 e tantas pessoas. A Junta de Higiene chegou a aconselhar que se abandonasse a cidade e se botasse abaixo as casas.

O Tiburtino (1), secretario da Camara Municipal, professor jubilado de latim, e outrora chefe dos guabirús, cuja história desde 1817, sendo êle filho do Rio de Contas, é quasi um romance apresentando muita atividade e vivacidade, apesar de mais de 60 anos, segundo penso, prestou então muito bons serviços então como delegado de policia.

Segundo o Vigario, a freguesia tem 20.000 almas, e morreram 4.000 de colera. Tive pessimas informações do Vigario, que já seduziu no confessionario uma noiva com quem vivia amancebado daí a dias, não sendo este o unico escandalo; é preciso falar ao Bispo.

O Te-Deum e sermão do Pe. Grego (2) foi neste dia, e entre a Guarda Nacional, de que havia alguns armados com armas despachadas do Recife, havia um parque de peças de pau com bombas dentro e estopim, servidas por creanças uniformisadas, sendo muito engraçado o tamborsinho, que tocava desesperadamente apesar de aleijadinho duma mão. Houve muito entusiasmo, e o povo passa por muito docil.

1 — Cel. Tiburtino Pinto de Almeida.

2 — Pe. Leonardo João do Grego.

De noite houve um fogo pequeno, mas bonito, e veio um batalhão denominado dos bravos da Bateria, uniformisados sob o comando do Tiburtino, que leu um soneto de pé quebrado assim como mais duas poesias de igual merito. O porta-bandeira era um homem vestido de *caboclo* com *suiças* e *bigodes* pretos *pintados*. Chamavam-se bravos da Bateria em comemoração da batalha das Tabocas, de cujo suposto monte não muito afastado ha o Engenho da Bateria. Esses bravos creio que eram uns que atiravam tiros de espingardas por detraz das peças fingidas dum fortim de papelão, que levantaram no largo da Matriz, plano do Tiburtino, que parece ter sido o organizador dos artilheiros pigmeus.

Projetam um açude para dar agua á cidade, e já ha autorização para o Presidente despender com esta obra de urgente necessidade para a saude e vida desta gente.

A prisão é umida, e o livro da cadeia carece de regularidade.

Saimos ás 6. Ás 8 menos 10 passamos por Morenos, e ás 8 e 1/4 cheguei á casa de vivenda do Engenho Catende (1). Não moe agora, e faz 2 a 3 mil pães, cujas formas são de 4 1/2 a 5 arrobas, de ser necessario carrega-las com pau e corda. O Engenho é copeiro.

Este Engenho, o Engenho Velho antigo que estava em terras contiguas ás do atual pertencente á mesma familia, Morenos e Bulhões são os mais antigos do Municipio, e tem restos de açudes do tempo dos holandeses, havendo a respeito do segundo documento com data de 1624, segundo ouvi ao José Francisco Pereira da Silva (2), que achou num muro do seu engenho Conceição em Ipojuca uma moeda quadrada com efigie e inscrição e que botara fora por inutil.

A Igreja do Catende tem mais de um seculo e foi ha poucos anos reedificada pelo proprietario.

O engenho é do primitivo sendo o caldo levantado em cubos de cobre para deitar-se nos taxos, esfriando em outras fendas. A fornalha é só para lenha tendo se destruido todo o mato proximo, que vinha quasi até a casa.

---

1 — No Engenho Catende teve origem a chamada Casa de Catende, formada pelo casal Simão Pereira da Silva e Ana da Silva Ribeiro, esta filha do Capitão-Mor Domingos de Souza-Leão e irmã dos fundadores das Casas do Maranhão e de Gurjaú de Baixo.

Simão Pereira da Silva era Senhor dos Engenhos Catende, Bulhões e Morenos, e teve apenas um unico filho: Francisco Antonio Pereira da Silva, casado com Isabel Pereira Viana.

Este casal — Francisco Antonio Pereira da Silva e Isabel Pereira Viana — deixou a descendencia de 4 filhos.

a — Francisco Antonio Pereira da Silva;

b — José Francisco Pereira da Silva;

c — Maria da Penha, casada com Francisco Antonio de Sousa Leão;

d — Joana, casada com João Coelho da Silva, Senhor dos Engenhos Palmeira e Capelinha.

2 — José Francisco Pereira da Silva, segundo filho do casal, citado acima, casado com Ana Isabel Pereira da Silva, com 4 filhos: José Francisco, Inacio Francisco, Isabel Francisca e Maria das Dores.

O dono (3) é pouco entendido e mesmo esquisito, respondendo ao irmão que é inteligente, que quer trabalho que valha e portanto pesado, mandando vir á casa a lenha cortada para os arcos, que devem ser feitos perto do lugar de cortar, e ordenando que lhe dêm parte da chegada de qualquer carro de cana, ajuntando-se ás vezes uns poucos parados á espera que o dono do engenho acorde. Não gosta da cana imperial por que é fina, e apesar de ter 1 legoa em quadro de terra e este bem pouco a aproveita. Tem 30 e tantos a 40 escravos. O pobre homem quando foi encontrar-me caiu do cavalo e machucou bastante a perna e que obrigou a despedir-se de mim coxeando e com um pé descalço.

Segui ás 4 da tarde e pouco antes de Tegipió á esquerda para o N afim de ver o Gargantão que se estende para E. Passei pelos Engenhos Jangadinha e Cavaleiro, gastando até, o Gargantão, que pertence a este engenho, caminhando depressa 25 minutos. Existem vestigios de alicerces, pedras de casas, fragmentos, na fralda e cimo duma colina, que olha para o propriamente e bem chamado Gargantão, onde ha 2 muralhas arruinadas de açude, que me disseram estarem dantes cheias de terra, e as quais referem ter sido do açude do engenho de João Fernandes Vieira, no Tegipió, havendo uma fortificação no alto da colina. A tradição diz que se estabelecera neste lugar o Arraial-Novo, mas tambem ouvi que os restos das casas na colina eram das senzalas do engenho; todavia não se pode afirmar uma opinião sobre os conhecimentos arqueologicos desta gente.

Na volta á estrada, subi perto da capela de Tegipió, que foi feita com pedras das ruinas do Gargantão!

Chegamos á cidade pela volta das 7, tendo eu levado desde a separação do carro até tornar a encontra-lo para cá do Peres 45 minutos, tambem logo que ganhei a estrada real galopei largo.

---

3 — O Senhor do Engenho Catende, na epoca da visita do Imperador, era o Tenente-Coronel Francisco Antonio Pereira da Silva, primeiro filho do casal citado na nota 1, proprietario tambem do Engenho Viagens, casado com Francisca Delfina Pereira Viana, sem descendencia.

Saí pouco depois das 5 da manhã. Cheguei ao Cabo ás 6 e 10; largou a cavalhada ás 6 ½, chegamos á Escada ás 9. Pouco adiante do Engenho Timboassú há trabalhos importantes no leito da estrada de ferro porque é preciso abrir uma cova muito alta sendo parte em pedra; o engenho dista 1 ½ da Escada. Há uma parte da estrada que bordeja matas bonitas em maior quantidade á beira da de Sto. Antão sobretudo de Morenos para diante. A vila está bem colocada sôbre uma colina, perto da margem esquerda do Ipojuca que nasce da serra de Tacarará cordilheira de Cimbres, contra-vertente do rio Paraíba.

A freguesia tem 20.000 almas segundo me disse o Vigario que tem bom nome. Há muitas bexigas tendo morrido 20 de setembro para cá, observando em muitos com sinais ainda recentes.

2 batalhões cada um de 1.000 e tantas praças alinhadas, não estando o Comandante Superior contente com nenhum dos comandantes dos batalhões Barros e Manuel Gonçalves Pereira Lima, sobrinho do Olinda o qual passou nesta ocasião o comandante a um capitão que tambem passou a outro. Pede ajudantes para exercitá-los. As armas com que se apresentaram parte dos 250 guardas que estiveram na forma, com jaquetas e calças de pano do uniforme, vieram de Santo Antão, depois de lá servirem.

O Lins (1) parece um excelente velho sempre contente e

---

1 — Henrique Marques Lins, Senhor dos Engenhos Matapiruma, Massau-Assu, Conceição, Sapucagi, Cueirinha e Uruçú, nascido em 13-7-1800 e falecido em 6-11-1877.

Barão de Utinga, por decreto de 14-3-1860, e elevado a **Visconde de Utinga**. por decreto de 17-11-1876.

Casou-se em 16-2-1824 com Antonia Francisca Veloso da Silveira, **Baronesa e Viscondessa de Utinga**, nascida em 1807 e falecida em 26-2-1879.

Descendencia:

F 1 — Henrique Marques Lins, falecido solteiro;

serviçal, e os filhos (2) tambem me pareceram bons rapazes. Tambem me falou na vantagem de um esquadrão de cavalaria para nele servirem certos guardas que não o querem fazer nos batalhões.

A vila tem 300 fogos conforme disse o Vigário. A água que se bebe é de cacimba e fica muito boa guardada alguns dias. O Te-Deum foi cantado pelo irmão de José Bento (3) que me admira pelo modo por que leu a oração quase que dando silabadas, e lendo posta latus em lugar de "postalata" o que devia

---

F 2 — Cordolina, casada com Francisco Mamede de Almeida, com descendencia;

F 3 — Belmino da Silveira Lins, **Barão da Escada**;

F 4 — Panfila, casada com Antonio Marques de Holanda Cavalcanti, com dez filhos, sendo o nono Dr. Henrique Marques de Holanda Cavalcanti **2º Barão de Suassuna**, nascido em 21-XII-1854 e falecido a 8-I-1941;

F 5 — Marcionilo da Silveira Lins, casado com Carolina de Caldas Lins, irmã do Visconde do Rio Formoso e da Baronesa de Una, com 6 filhos: Benemerita, Alsina, Carolina, Luís, Levino e Zenobic;

F 6 — Teudelina, casada com Francisco de Caldas Lins, **Barão de Araçagi e Visconde do Rio Formoso**;

F 7 — Antonia, casada com Dr. Ambrosio Machado da Cunha Cavalcanti;

F 8 — Florismundo Marques Lins, **2º Barão de Utinga**;

F 9 — Henriqueta, casada com Manuel Cavalcanti de Albuquerque.

2 — Dois dos filhos do Visconde de Utinga foram agraciados com titulos: o **Barão da Escada**, Belmino da Silveira Lins; e o **Barão de Utinga** Florismundo Marques Lins. (Vide "Titulares Pernambucanos — Os irmãos Barão da Escada e Barão de Utinga", por Guilherme Auler, no Anuario do Museu Imperial, volume VIII, pgs. 39 a 57).

O Barão da Escada nasceu em 4-9-1827 e foi assassinado na hecatombe de Vitoria, em 27-6-1880. Era casado com Maria de Jesus de Sousa Lins, Baronesa de Escada, nascida em 1827 e falecida em 25-2-1896. A descendencia foi de 2 filhas:

F 1 — Maria, Baronesa de Suassuna, casada com seu primo Henrique Marques de Holanda Cavalcanti, Barão de Suassuna, sem filhos;

F 2 — Antonia, casada com Dr. Antonio Francisco Correia de Araujo, com sete filhos: Henrique, Francisco Antonio. Francisco Antonio, Belmino, Maria Isabel, Anita e Beatriz.

O 2º Barão de Utinga, Florismundo Marques Lins, nasceu a 9-4-1838 e faleceu a 2-9-1895. Casou-se 1ª vez, com Teudelina de Barros e Silva, filha dos Barões de Pirangi, e em 2ª nupcias com Ana Wanderley, Baronesa de Utinga, falecida em 10-5-1912. Deixou a descendencia de 4 filhos:

F 1 — Henrique, casado com Rita Wanderley, com 3 filhos: Maria, Manuel e Henrique;

F 2 — Marcionilo, casado com Maria de Barros Lins, com 3 filhos: José Marcionilo, Teudelina e Pedro;

F 3 — José Felipe, casado com Angelina Uchoa Cavalcanti, com 9 filhos: Florismundo, José, Henrique, João, Mario, Luís, Maria Rita, Angelina e Maria do Carmo;

F 4 — Francisco, casado com Lidia Guimarães, com um filho: Mario.

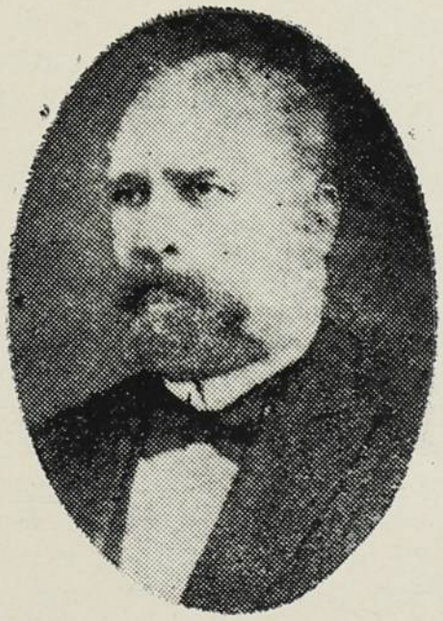
3 — Vigario Geral Monsenhor Antonio da Cunha Figueiredo.

Henrique Marques Lins e Antonia Francisca Veloso da Silveira

VISCONDE E VISCONDESSA DE UTINGA

(Oleo de Aurelio de Figueiredo)

Belmino da Silveira Lins
BARÃO DA ESCADA



Florismundo Marques Lins
2.º BARÃO DE UTINGA

saber que não faz sentido. Houve um sermão ruim dum pregador (4) cujo nome não sei.

Há dias um senhor de engenho tentou assassinar outro e esta manhã roubaram o Tte. Cel. Sales enquanto estava ausente do engenho; o delegado não foi fazer as pesquizas necessárias, e advertindo-o eu disso respondeu que julgava que em qualquer ocasião se podia fazer.

O cemiterio em que se enterra mais fica entre a matriz e a aula de meninos, que é a unica. Há outro fora da povoação criado no tempo do colera, mas sem caminho para comodamente chegar lá, e cheio de mato. Vão cuidar de aproveita-lo deixando de enterrar no outro.

A aula de meninos tem 82 matriculados e frequencia de 50 e tantos. Dos mais adiantados — talvez dos presentes — o 1º que está há um ano e tanto na aula sob a direção do professor atual, lê mal, nada sabe de gramatica, divide por um método muito sujeito a enganos, gastando muito tempo, e não sabe o que é a prova real da divisão. O 2º lê melhor e apenas principia a gramatica, frequentando há um ano esta aula que é a primeira em que estuda; divide sem muita certeza do que faz levando muito tempo, e não sabendo o que é a prova real da divisão; contudo parece menino talentoso. Estão muito atrazados em doutrina, e o professor só depois que o adverti é que se lembrou de que perguntara mal quantas naturezas há em Deus. Este professor não pode servir pois vejo do livro de matricula que tem má letra e ortografia. As escritas dos meninos estavam em casa destes, segundo me disse o professor.

A cadeia é gaiola no sistema da de Rio Formoso; mas os livros acham-se em melhor estado do que os que há nas outras povoações; há termos de visita até setembro "do ano passado" se bem me lembro, e livro dos óbitos.

A casa da Camara é terrea e foi onde me hospedei.

Vi um irmão do Dr. Peixoto (Igaraçu) homem já idoso e que exerce a medicina em virtude de diploma da antiga escola ou das antigas leis. Parece bom homem e presta-se a socorrer com sua arte os bexiguentos pobres que se achavam um pouco ao desamparo. Ele disse que a botica era boa. Há aqui outro médico. Havia outro irmão do Peixoto — pai do engenheiro Pedro d'Alcantara dos Guimarães Peixoto das Obras Provinciais — o qual morreu há pouco. O tio disse que julga ser o sobrinho afilhado de meu Pai e assim parece pelo nome.

4 — Conego Joaquim Ferreira dos Santos.

Saí ás 3 da madrugada e cheguei ao Cabo ás 7, pois vim devagar até amanhecer, e tambem quiz apreciar o estado de certas obras da estrada de ferro em relação ao que observara a 1º de dezembro.

Do Pavão até Gamboa já se acham prontos os trilhos definitivos, e as obras de Timbo-assú, que Peniston diz estarem prontas até fins de janeiro, e outros aterros que não vi no dia 1º, progrediram (informação do Street).

A casa de Cutrim já chega quasi ao tunel, e daqui a dias estará todo aberto assim como feito o grande aterro aquem desse ponto. A tunel do Pavão não tem progredido; mas o Street espera que a estrada dê transito a passageiros e antes a cargas até 10 de julho.

Ás 8 cheguei á casa e ás 11, fui para o concurso que não foi brilhante, dando eu a preferencia do Dr. Amaranto (1). O Pinto Pessoa (2) vê-se que pode estudar; mas não muito por causa não só do estado intelectual da sua cabeça, como mesmo físico, carecendo de fechar os olhos para se lembrar, e esquecendo muito as (ilegível). Havia pouca gente na faculdade; o que prova pouca curiosidade literária; é verdade que estamos em ferias.

Ás 5 houve corridas (3), e ás 9 ½ fui para o baile (4),

---

1 — Dr. Tarquinio Braulio do Amaranto.

2 — Dr. Francisco Pinto Pessoa.

3 — O Jockey-Club de Pernambuco ofereceu, no Prado da Piranga, corridas em homenagem aos Imperadores, ás 16 horas e meia.

Compareceram Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina. O programa constava de 3 pareos. No primeiro, tomaram parte os seguintes animais: Guararapes, pertencente ao Sr. Richard Austin; Pegaso, do Sr. Francisco Antonio de Oliveira; Black Thorn, do Sr. R. Ramsbatton; Sans Peur, do Sr. Antonio Dubaurcq; e Raio, do Sr. Antonio de Paula Fernandes Eiras. Foi vencedor Black Thorn.

No segundo pareo, correram: Esperto, pertencente ao Sr. Juan Anglada; Babby, do Sr. R. Ramsbatton; Ipú, do Sr. Maciel Junior; Chevrot, do Sr.

tencionando ajuntar os jornais que descreverem estas duas festas. Poucos cavalos e alguns destes bons nas corridas, e muita gente no baile, cuja casa estava bem preparada.

Henrique F. Hitch; Dinamarca, do Sr. Claudio Dubeux; e Djezid, do Sr. Manuel Gonçalves da Silva Junior. Venceu Ipú.

O ultimo pareo foi o mais disputado, uma especie de revanche entre Guararapes e Black Thorn, tendo vencido Guararapes. O juiz de chegada foi o Sr. Carlos Roeck.

4 — A Associação Comercial do Recife ofereceu aos Soberanos um suntuoso baile, no edificio do Hospital Dom Pedro II, recem-construido. Os convidados somavam mais de dois mil.

Dom Pedro II dansou 5 vezes: a primeira com D. Maria Ana Cavalcanti do Rego Barros, então Viscondessa da Boa-Vista; a segunda com D. Maria de los Angeles de Souza-Leão, mais tarde Baronesa de Vila-Bela, esposa do Dr. Domingos de Souza-Leão; a terceira, com D. Joaquina Lemos, esposa do Sr João Pinto de Lemos Junior, a quarta com D. Candida Vitoria de Sá Albuquerque, futura Viscondessa de Guararapes, esposa do Sr. Lourenço de Sá e Albuquerque; e a quinta com D. Genoveva de Amorim, esposa do Sr. Antonio Marques de Amorim, então Presidente da Associação Comercial.

Dona Tereza Cristina, igualmente, dansou cinco quadrilhas: a primeira com o Conselheiro João de Almeida Pereira, Ministro do Imperio; a segunda com o Presidente da Provincia Dr. Luis Barbalho Muniz Fiuza; a terceira com Francisco do Rego Barros, então Visconde da Boa Vista; a quarta com Domingos de Souza-Leão, mais tarde Barão de Vila-Bela; e a ultima com Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, então Barão de Camaragibe.

23

As 11 e tanto, fui á inauguração do Asilo (1), cuja sala o Bispo benzeu. A sala é grande e tem camas em todo o seu comprimento dum a outro lado. Havia pouca gente.

São quasi 2; acabo de instalar o Instituto Pernambucano de Agricultura (2). Reuniu-se mais gente que na Bahia; mas veremos quanto dinheiro se reune.

Vou para o cortejo da despedida (3).

---

1 — O Asilo de Mendicidade foi inaugurado no grandioso edificio do Hospital Dom Pedro II. A Associação Comercial de Pernambuco promoveu a constituição de um patrimonio para o Asilo, superior a 80:000$000.

A Diretoria da Associação era formada: Presidente — Antonio Marques de Amorim; Vice-Presidente — José Teixeira Bastos; Tesoureiro — Joaquim José da Silveira; Secretario — Antonio Inacio do Rego Medeiros; Diretores — José da Silva Regadas, João Batista Fragoso, Manuel Gonçadves da Silva Junior, Pedro Von Sohsten e Henrique F. Hitch.

2 — O Imperial Instituto Pernambucano de Agricultura é hoje sucedido pela Sociedade Auxiliadora da Agricultura ainda em benemerita atividade, no Recife.

A primeira Diretoria do Imperial Instituto foi: Presidente — O Presidente da Provincia Dr. Luís Barbalho Muniz Fiuza; Vice-Presidente — Visconde da Boa Vista; Tesoureiro — Barão de Camaragibe; Diretores — Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha; Dr. Domingos de Sousa Leão, Comendador Manuel José da Costa, Dr. Francisco do Rego Barros de Lacerda, José Carlos Teixeira, Francisco Acioli Gouveia de Lins; Conselho Fiscal: Barão do Rio Formoso, Barão de Suassuna, Barão de Ipojuca, Barão de Capibaribe, Dr. Francisco João Carneiro da Cunha, Coronel Henrique Marques Lins, Dr. Felipe Carneiro de Olinda Campelo, Lourenço de Sá e Albuquerque, Francisco Honorio Bezerra de Menezes, Coronel Joaquim da Cunha Rego Barros, Comendador Antonio Francisco Pereira, Coronel João Coelho da Silva, Comendador Antonio de Sousa Leão, José de Morais Gomes Ferreira, Miguel Augusto de Oliveira, Dr. Manuel Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, João Marinho de Sousa Leão, Joaquim Cavalcanti de Albuquerque, Antonio Xavier de Melo Paes Barreto, Inacio de Barros Wanderley, Manuel da Vera Cruz Lins e Melo.

Dom Pedro II é o sócio n. 1 do Imperial Instituto, tendo contribuido pessoalmente com a quantia de 10:000$000.

3 — Ás 14 horas realizou-se o beija-mão de despedida. Nessa ocasião, a Imperatriz Dona Tereza Cristina presenteou, com valiosas joias, as esposas do Presidente Luís Barbalho de Muniz Fiuza, Antonio de Sousa Leão, José Antonio de Araujo e João Xavier Carneiro da Cunha.

Através de informações de descendentes, apuramos que os presentes das senhoras Antonio de Sousa Leão e José Antonio de Araujo foram, respectivamente, uma pulseira de perolas e brilhantes, e um colar de perolas.

O embarque do Imperador e da Imperatriz efetuou-se ás 5 horas da tarde, saindo o cortejo do Palacio pelas Rua do Imperador (antigas da Cadeia e do Colegio) e Praça 22 de novembro, atravessando uma multidão compacta até o Caes do Colegio. Ás 18 horas, uma galeota conduziu a comitiva imperial para bordo do "Apa".

Ás 3 horas e meia da madrugada de 24 de dezembro, o "Apa" deixava as aguas recifenses, rumando para a Paraíba.

Inumeras produções poeticas surgiram, na despedida, entre as quais salientamos as do Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, de D. Alexandrina Francelina de Sousa Marinho, do Dr. Inacio Firmo Xavier, do Dr. Antonio Inacio Torres de Bandeira, do Dr. Henrique Mamede Lins de Almeida e do Comendador Antonio Joaquim de Melo.

Composto e impresso
nas oficinas gráficas
da Imprensa Oficial
Recife — 1952

30954